

GRUPO DOMÉSTICO E PARENTESCO

NUM VALE DA AMAZÔNIA

Por

KLAAS A.E.W. WOORTMANN

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui apresentamos constitui o resultado da elaboração de notes de campo e dados quantitativos, obtidos durante uma pesquisa de caracterização - sócio-económica de um vale da Amazônia brasileira. Tal pesquisa integrou um programa de investigações de âmbito nacional, planejado pelo Centro Brasileiro de Pesquisas - Educacionais (Ver Ribeiro, 1958), e realizou-se entre maio de 1959 e março de 1960.

A região estudada compreende um trecho do Baixo Amazonas e a totalidade de um dos seus principais efluentes. Tal área constitui uma unidade sócio-económica, integrada em torno e uma cidade, centro regional de dominância; é que d'aremos o nome de Itá-Açu, e cuja influência somente se estende no alto curso do rio, controlada por uma empresa extractiva que mantém relações diretas com o capital do Estado de Belém. Para isso, conta com meios de comunicação próprios (radio-fonia) e uma rede de transportes (embarcações de vários calados).

De um modo geral, podemos identificar na área estudada, quatro segmentos - distintos: o alto curso do rio, onde predomina de forma quase absoluta o extractivismo, através do sistema de "assentamentos" (1). Trata-se de uma região hoje decadente, em fase de retração, cujos capitais e população não sendo os poucos reorientados - no sentido de atividades mais rentáveis, como a garimpagem e a extração de madeiras. Outra área semi-estagnada é das margens do médio e baixo cursos do rio (assim como a cidade, também chamada Itá-Açu), onde predomina o extractivismo associado ao cultivo agrícola para auto-consumo. Uma terceira área, está em franca expansão económica e territorial, é a chamada "Colônia", produtora, principalmente, de cereais, destinadas à cidade e ao mercado externo de áreas, assim como ao seringal, onde é mínima a produção de alimentos. (A fim de concentrar a mão de obra disponíveis na produção de borracha, a firma que controla os seringais procura desestimular qualquer outras atividades. Por outro lado, tal política conduz a um reforçamento do sistema de dominação, já que o seringueiro se vê na contingência de adquirir seus alimentos no "barreiro" da firma). Na Colônia tendem a predominar, pelo menos no que se refere à comercialização, relações sociais próximas a um modelo capitalista.

(1) Cf. Las Casas, 1963

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

**Esta obra foi digitalizada no
Centro de Digitalização (CEDIG) do
Programa de Pós-graduação em História da UFBA**

Coordenação Geral: Prof. Milton Moura

Coordenação Técnica: Luis Borges

VIRTUTE SPIRITUS

2013

Contatos: poshisto@ufba.br / lab@ufba.br

Nas décadas entre 1950 e 1960, a população urbana cresceu principalmente através da migração: cerca de 40% de seu contingente populacional total é composto de migrantes do interior de sua área de influência, de outras partes da Amazônia - e do Nordeste. Parte da população migrante nordestina, que se destina inicialmente à Colônia, após alguns anos, desde que haja sucesso econômico, se desloca para a cidade, onde passa a se dedicar ao pequeno e médio comércio. Entre os classes trabalhadoras, a proporção de migrantes atingiu pouco mais de 60%. Quanto à área rural, sua parte extrativa recebeu, durante as duas primeiras décadas do século, um considerável influxo populacional. Sua estrutura demográfica caracterizava-se pela alta razão de masculinidade e alta proporção de adultos jovens. Padrões de conduta e organização familiar, então gerados, ainda hoje diferenciam o setor rural do restante da zona rural. A área agro-pecuária tradicional - a várzea - teve parte de sua população extraída pelos seringais. Após o declínio destes, novamente ganham relevância na economia local as atividades extrativamente abandonadas. Na prosperidade atual, no entanto, se deve principalmente ao desenvolvimento do cultivo da juta - hoje um dos principais produtos agrícolas da Amazônia - que provocou a ocupação rápida das terras devolutas, seja pela própria população local, seja pelos que se deslocaram da "terra firme". A Colônia, que existe desde a migração de famílias norte-americanas, por ocasião do fim da guerra de Secessão dos EUA., desenvolveu-se mais acutamente como consequência do declínio dos seringais e o correspondente refluxo populacional. É notória, aliás, a pulsação das atividades agrícolas de subsistência em decorrência das variações da atividade extrativa - que representa, na região, o principal produção para o mercado: ampliando-se a atividade extrativa, retrai-se a agricultura de subsistência; retraindo-se a primeira, expande-se a última. É uma variante da conhecida lei, segundo a qual a economia dominante tende a moldar as atividades secundárias em seus próprios termos. Considerando-se o extrativismo em sua significação histórica, podemos verificar que mesmo atividades agrícolas nitidamente orientadas para o mercado, e recentemente introduzidas na Amazônia, através de empresas de organização capitalistas, terminaram por se sujeitar ao modelo tradicional de avanços, através do qual o sistema extrativista transferiu seus mecanismos de dominação para o novo setor da economia agrícola.

Atualmente, o desenvolvimento da Colônia se faz, em larga medida, através da migração de nordestinos. Ao contrário dos seringais, onde predominavam homens solteiros, a migração para a Colônia se faz por famílias, e mesmo por grupos de parentes.

A parte agro-extrativa do meio curso permaneceu desde o fim do ciclo da borracha em situação de imobilidade e mesmo de lenta decadência. Exemplo flagrante - é dado por uma vila, outrora sede de município, cujas edificações se encontram em estágio de decomposição: residências outrora sumptuosas, que fariam inveja a qualquer capital da época, são hoje utilizadas como casas de cômodos, quando não para abrigar ovelhas.

Internamente, todavia, ainda prevalece relações tipologicamente características do modelo de economia "natural". Finalmente, a última área, correspondente à várzea do Baixo Amazonas (trecho correspondente ao município de Itá-Açu), caracteriza-se pela cultivo da juta (subordinado, também, ao sistema de avanços) e pela pecuária em pequenas escala.

As diferentes atividades econômicas apresentam como traço comum o baixo - padrão tecnológico. Em algumas delas a produção existe independentemente de sua competitividade, limitando-se à circulação local. É o que ocorre no médio curso do rio, e - está mesmo na Colônia, pois alguns de seus produtos têm custos superiores ao preço do - mercado. A carença de recursos tecnológicos, assim como a escassez de outras oportunidades ocupacionais, leva parte da população a se dedicar a atividades insuficientemente remuneradas, onde a mão de obra fornecida pelo grupo doméstico é a única viável.

A cidade de Itá-Açu é o centro institucional e econômico de toda a área. É nela que se concentra a renda gerada em quase todo o vale, fato aliás comum a toda a Amazônia, como decorrência do caráter mercantilista da sua economia. É na cidade que reside a classe dominante local. Ao contrário de outras regiões do Brasil, os grupos detentores do poder são, e sempre foram, comerciantes e, portanto, essencialmente urbanos. O mercado de trabalho urbano é dado principalmente pelas atividades comerciais, atividades essas que conferem a Itá-Açu sua principal função; pela burocracia e inersetiva; e por uma reduzida indústria, operando com equipamento obsoleto - permitido pelo desequilíbrio do mercado de trabalho - e empregando mão de obra seazonal(2). Surgida no século XVII como centro comercial, militar e jesuítico, como tantas outras cidades do - Baixo Amazonas, foi sempre o principal núcleo de comercialização da área, e serviu mesmo como entreposto de comércio que se fazia entre a Amazônia e Cuiabá. Sua prosperidade ligou-se em larga medida à extração da borracha, mas, quando outras cidades declinaram, como consequência da conhecida "década" da economia extractiva (Ver Wagley, 1957) - Itá-Açu, apesar do abalo sofrido, conseguiu sobreviver: por um lado, ela nunca se vinculou exclusivamente à economia gomífera; a produção agrícola e pastoril de suas áreas de dominância, mesmo decaindo durante a fase máxima do surto extractivo, nunca deixou de constituir a principal fonte de renda, capitalizada na cidade; além do mais, já se havia constituído um mercado local, capaz de garantir a continuidade da produção rural. A - própria posição da cidade, localizada no encontro de dois grandes rios, duas - grandes vias de navegação fluvial, foi um fator de importância não negligenciável para a continuidade da vida urbana. Não menos importante é a diversidade de condições ecológicas de suas áreas de influência, permitindo uma nítida diversificação nas formas de utilização da terra.

(2) Atualmente, porém, assiste-se à instalação na cidade de novas fábricas relativamente modernas chegando uma delas a ocupar 500 pessoas.

Todavia, alguns bairros rurais, localizados às margens do médio e baixo Itá-Açu, vêm sendo gradativamente alcançados pela expansão da Colônia, à medida que esta cresce do interior para a beira do rio. As povoações mais afastadas, no entanto, oferecem espetáculo melancólico: Itá-Miri, pequena cidade localizada pouco antes das primeiras cerreadeiras, constitui nítido resíduo de sistema extrativista em decomposição. Vinculada estreitamente à economia gomífera, não poderia deixar de sofrer as consequências da crise. Em meados da primeira década do século XX decidiram seus habitantes construir um belo edifício destinado à Prefeitura. Considerando o sentido da expansão urbana, escolheu-se um local relativamente afastado do centro da cidade para edificar o prédio. Estavam seguros os moradores de que em poucos anos a cidade teria crescido até lá e que a praça da Prefeitura seria uma das principais. Todavia, o que ocorreu foi precisamente o inverso: desaparecido o estímulo econômico e inexistindo quaisquer atividades substitutivas, a cidade, ao invés de crescer "encolheu", e hoje o prefeito maldiz, diariamente, a infeliz iniciativa de seus antecessores, quando se vê obrigado a caminhar a longa distância por entre vigoso capinzal a fim de exercer suas atividades de rotina.

A área estudada compreende um território que abrange 190.450 km², com uma densidade média de 0,37 habitantes por km², na ocasião da pesquisa. No Estado do Pará, em conjunto, a densidade demográfica era de 0,93 hab/km², e na Amazônia de 0,53. Na verdade, porém, a população da área de Itá-Açu se acha fortemente concentrada na cidade e na Colônia, isto é, nas proximidades da confluência do rio de Itá-Açu com o Amazonas. O povoamento prossegue pelas margens do rio, às vezes se alongando pelos igarapés, pelas "estradas" de seringueiros, e pelos locais de exploração de madeiras e pau-rosa. De uma maneira geral poderíamos considerar a área efetivamente ocupada como tendo a forma de um triângulo isósceles - com 200 km. de base (correspondente ao trecho respectivo do Baixo Amazonas) e 1000 kms. de altura, seguindo o rio, e que nos daria uma área de 100.000 kms²., na qual a densidade demográfica seria de 0,71 hab/km². Se, no entanto, tomássemos um triângulo com 200 kms de base e 400kms. de altura, fazendo aquela coincidir com as costas do Amazonas, e esta com o leito do rio Itá-Açu, teríamos uma superfície de 40.000 kms², onde se concentra a maior parte da população-urbana - e rural - dando uma densidade de 1,78 hab/km². A cidade de Itá-Açu, de acordo com um recenseamento local, realizado em 1958, possuía um pouco mais de 20.000 habitantes.

A cidade, como vimos, constitui um centro de atração migratória. Como muitas outras cidades do interior brasileiro, ela parece funcionar como um centro -

de afluxo e redistribuição populacional.

A Colônia é a parte da zona rural que apresenta o mais alto grau de mobilidade demográfica: no bairro estudado (isto é naquela para o qual possuímos dados quantitativos), 84,92% da população é composta por migrantes nortistas. Por outro lado, 58,82% dos filhos adultos de nossos informantes emigraram após a chegada da família à Colônia.

No médio e baixo Itá-Açu a proporção de imigrantes é menor, e a imigração é mais antiga: 68,11% da população é composta por imigrantes, enquanto 38,47% dos filhos maiores havia emigrado. Parte desses migrantes representa o movimento de refluxo dos seringais.

A várzea é a região que apresenta maior estabilidade demográfica: sómente 15,18% de sua população se compõe de imigrantes, e apenas 25,24% dos filhos adultos havia emigrado.

O seringal é uma área de intensa mobilidade espacial. Todavia esta mobilidade se faz dentro do próprio seringal, de uma "coleção", para outra. Pouco são os que, atualmente, abandonam outras áreas para se fixarem no seringal. Não nos foi possível, por razões de ordem técnica, quantificar a mobilidade geográfica no interior do seringal.

Devemos ainda acrescentar breve explanação relativa aos procedimentos metodológicos adotados. A começar pelas razões que motivaram a escolha de Itá-Açu como "locus" da pesquisa.

Os motivos para a escolha do Vale de Itá-Açu não obedecem propriamente a critérios de representatividade. Na verdade, a Amazônia brasileira é demasiadamente heterogênea para que uma área restrita possa ser considerada representativa.

Basta que consideremos as diferenças entre o extrativismo, a agricultura "capitalista", a agricultura de subsistência, a economia pastoril. E dentro de cada uma dessas formas de atividade econômica as variações não são menores. A extração da borracha distingue-se, quanto às relações de produção ou do padrão populacional, da coleta da castanha. Esta última não se apresenta igual em Marabá, - por exemplo, principal centro produtor e no médio Tapajós. A pecuária de Marajó é radicalmente distinta daquela realizada em moldes modernos, às margens da rodovia Belém-Brasília. Enfim, seria difícil tomar uma só área como representativa da Amazônia.

Todavia, Itá-Açu apresentava certas peculiaridades que recomendavam sua escolha. No interior da área de influência da cidade, encontramos algumas das principais atividades econômicas da Amazônia, isto é, vários sub-sistemas em interação através de um níquel urbano que é também o centro de decisões e de poder da área. Mas, além disso, Itá-Açu é também o palco de certas transformações que ten-

derão provavelmente a moldar a face da Amazônia moderna: surgimento de novas atividades agrícolas em áreas de ocupação antiga; acelerado processo de ocupação de terras virgens, expandindo as fronteiras internas da região; desenvolvimento de indústrias destinadas à transformação dos produtos primários locais, etc. Todavia, não é só este o interesse que a área de Itá-Aqu apresenta: nela podemos surpreender também o antagonismo entre formas modernas e arcaicas de relações produtivas; o processo de assimilação das atividades novas pelo sistema tradicional, revelando o funcionamento dos mecanismos de auto preservação dos sistemas sociais cristalizados; a redefinição conservantista da ação do Estado. Mas observa-se, simultaneamente, a desintegração da ordem tradicional pelo aguçamento de suas contradições internas. E finalmente, encontramos em Itá-Aqu o "moderno" coexistindo com o tradicional: uma cidade em processo de industrialização e onde se concentra uma variedade de agências da superestrutura nacional, com um considerável afluxo de migrantes, afluxo este, aliás, superior à capacidade de absorção do mercado de trabalho; uma vasta área semi-estagnada, vivendo de pequenos seringais anti-econômicos; uma grande emprêsa extrativa relativamente burocratizada em seu sistema administrativo mas que permanece presa a padrões produtivos tradicionais e "pendurada" às agências oficiais de crédito.

Nossos dados foram obtidos através de dois procedimentos básicos: - a aplicação de um questionário e a realização de entrevistas informais. Os dados quantitativos foram colhidos através de amostragem. Dividimos a cidade em 10 / áreas tomando por base uma planta urbana e um censo local realizado pelo SISPF naquele mesmo dia. Em cada área selecionamos probabilisticamente uma certa porcentagem de domicílios, na razão em que cada área contribuía para o total de domicílios da cidade. Obtivemos assim, um total de 202 casos, correspondentes a pouco mais de 10% do total.

Na zona rural não foram usados critérios probabilísticos, mas intencionais. Após uma viagem de reconhecimento, selecionamos um certo número de povoados "típicos", isto é, que não se afastassem muito do termo médio. Deste modo, foram selecionados três pequenos povoados agrícolas. No entanto utilizamos as informações do escritório central da emprêsa "aviadora" que controla a produção local. Assim, foi o seringal dividido em 3 seções, segundo o tempo de ocupação, produtividade média e distância relativa à Sede. Em cada Seção selecionou-se um certo nº de "colocações" isoladas, e 2 pequenos povoados organizados em torno a "barracões" ou "filiais" da firma aviadora.

Como, para os propósitos do presente trabalho o número de casos é relativamente pequeno, foram eles agrupados em 3 categorias básicas: urbano, agrícola e extrativo, fazendo-se as distinções internas sempre que necessário.

As entrevistas informais foram realizadas em parte por ocasião - da própria aplicação do questionário e em parte através de conversas com informantes que se tornaram amigos dos pesquisadores.

Esclarecemos, ainda que as tabelas constantes de presente trabalho foram elaboradas com os dados da mesma amostra, executando-se aquelas onde existe indicação de outra fonte.

GRUPO DOMÉSTICO E PARENTESCO

QUADRO I

Composição do grupo doméstico segundo
o status do chefe. Cidade.

%

Grupo do Status do chefe	família ele- mentar	Família extensa	Outras	Total
A	46,15	53,84	-	13
B	53,76	45,16	1,07	93
C	58,20	37,31	4,48	67
Total	54,91	46,77	2,31	173

O Quadro I revela, tomando-se a população em conjunto, a predominância da família elementar como forma residencial. Tal predominância não decorre apenas de valores que enfatizam a residência separada, ou de uma situação de tensão - real ou potencial - que tenda a se desenvolver no interior da família extensa. A residência neolocal, assim como os próprios valores mencionados, correspondem, funcional e estruturalmente, à bilateralidade do sistema de parentesco da sociedade brasileira.

O elemento fundamental do sistema é o "kindred" ("kåndred"; tal como define Freeman(3) vem a ser uma categoria de relações de parentesco que consiste de todos os "stocks" reconhecidos de um dado indivíduo, estando estes "stocks" ligados por matrimônios nas gerações intermediárias entre o indivíduo e seus ascendentes troncais. Assim, por exemplo, um "kindred" que alcança até primos em primeiro grau, ou duas gerações ascendentes, envolve dois "stocks" ligados por matrimônio na primeira geração ascendente; num "kindred" que alcança até primos em segundo grau, ou três gerações ascendentes, existem quatro "stocks" ligados na segunda geração ascendente por dois matrimônios, e assim por diante. Por "stock" entende-se o conjunto de descendentes de um homem e uma mulher contando-se a descendência tanto através dos homens como das mulheres.

(3) Cf. Freeman

O "kindred", tal como se apresenta em Itá-Açu, à semelhança das demais sociedades ocidentais, apresenta uma característica básica, que é a sua bilateralidade, e é esta característica fundamental que dá consistência funcional e estrutural à residência neolocal. Correlativamente, resulta que inexistem, em tais sistemas, grupos corporativos de caráter permanente, mais amplos que a família elementar. Conforme aponta Campbell, tais grupos entrariam em conflito com a filiação simétrica a todos os cognatos, e com o princípio da equivalência bilateral(4).

A ausência de tais grupos não significa, todavia que existam relações de solidariedade entre os membros de um "kindred". Pelo contrário, as relações entre irmãos, ou entre pais e filhos, mesmo depois de casados estes últimos, - se caracterizam precisamente pela solidariedade e pelo contato recíproco. Também a parentes mais afastados se estendem os principios de solidariedade com certas modificações, como será visto mais adiante. Na verdade, o "kindred" bilateral, se não apresenta grupos corporativos de solidariedade irrestrita, por outro lado, dado o seu caráter relativamente limitado. De uma certa forma, ele oferece a seus membros maiores possibilidades de manipulação social.

Se, por um lado, o quadro revela a predominância da família elementar, indica também uma porcentagem relativamente elevada de famílias extensas. Aparentemente, teríamos uma contradição entre o sistema de parentesco e o sistema familiar. Vejamos, então, qual o significado da família extensa, como forma constitutiva do grupo doméstico.

Tal significado apresenta certas diferenças, entre as várias camadas - que constituem a população de Itá-Açu. O Quadro I revelou a existência de diferenças quantitativas; além delas, a observação indicou também variações qualitativas. Estas últimas referem-se tanto aos fatores que conduzem à formação da família extensa, como a sua forma residencial.

Segundo nossas observações, podem ser identificadas três modalidades de família extensa.

a) família extensa correspondente a certas fases da evolução do grupo doméstico. Acompanhando o ciclo evolutivo do grupo doméstico, verifica-se que, certas fases são se compõe de famílias extensas, enquanto em outras é constituído por famílias elementares.

(4) Campbell

b) A família extensa constituída, eventualmente, pelo reunião, no mesmo grupo doméstico, das famílias elementares de "siblings". Algumas vezes tratar-se de uma organização permanente, porém, via de regra, é apenas um arranjo temporário.

c) A família extensa formada pelo retorno à família de origem de uma filha - viúva ou "herdeira do marido", acompanhada de sua prole. Às vezes, a mulher não retorna ao grupo doméstico dos pais, mas agrupa-se só de um irmão.

Deve-se observar que não encontramos em nossa amostra propostas significativas de famílias extensas compostas pela co-residência de colaterais como primos em primeiro ou segundo grau. É bastante comum que primos e suas famílias venham passar férias - com seus parentes em Itá-Açu, ou vice-versa. Durante os festeiros que comemoram a data de santo padroeiro da cidade, é comum que as casas de famílias fiquem repletas de parentes. Na época das camadas sociais, famílias abrigam, durante uma semana, parentes que aproveitam o pretexto para passear na cidade. Todavia, não podemos considerar estes - visitas como "famílias extensas". Não obstante, constituem evidências de operatividade dos princípios de solidariedade entre cognatos. A hospitalidade é uma das funções do parentesco e, mesmo que implique em desconto-forte, se famílias sentarem-se e rigedor - e abrigar seus parentes. A família extensa, todavia, limita-se ao círculo interno de parentesco, aqueles que pertencem a uma mesma família de origem. Parece subordinar-se aos princípios de filiação e de equivalência dos "siblings".

Do que já dissemos, torna-se claro que a família extensa não constitui um - "padrão" residencial, ou um "tipo" de organização familiar. Longe de ser um "tipo" (mesmo em sentido análogo aos dos modelos estatísticos de Levy Strauss), representa apenas um arranjo transitório, como por exemplo, dois irmãos que conjuntamente "tocabavam" uma herança herdada do pai, e habitavam os fundos da casa (na parte da frente ficou instalada a oficina) dividida em duas partes com uma cozinha comum. Tais - excessos são também significativos: elas expõem outro princípio básico do "kindred" bilaterais: sua flexibilidade, ou permissibilidade. Inexistindo a filiação obrigatória a grupos corporativos maiores que a família elementar, o sistema permite que se - formem (ou deixem de se formar) famílias extensas, como no exemplo citado, sem que - disso decorra a absórgao de um dos cônjugues, ou da família como um todo, pelo "kindred" do outro cônjugue. Nos casos observados, não adiziam de haver contatos regulares com as famílias de origem e com outros parentes de ambos os lados.

Identificamos três categorias básicas de famílias extensas, segundo os fatores

que conduzem a sua formação. Vejamos como se distribuem pelas diferentes camadas sociais da Itá-Açu.

Tomemos, em primeiro lugar, a camada mais elevada, em termos de status e de situação econômica: Inicialmente, devemos distinguir dois setores da camada superior: aquêle constituído pelas "famílias tradicionais" e outro, - composto por indivíduos vindos de outras partes do país e que, aproveitando-se das flutuações econômicas da região e contatos políticos, inclusive com as - "famílias tradicionais", alcançaram posições elevadas no sistema sócio-econômico local, seja como profissionais liberais de destaque, seja como grandes comerciantes. Conforme veremos no decorrer do trabalho, observam-se diferenças bastante nítidas entre os dois grupos, no que se refere às relações de parentesco.

Na camada superior encontram-se todas as três modalidades de família extensa, excetuando-se os casos de mulheres que, abandonadas por seus maridos tenham retornado ao grupo doméstico de origem. Esta é uma modalidade específica das camadas inferiores, onde a organização familiar tem como uma de suas - características a instabilidade conjugal.

Vejamos como se configura o ciclo evolutivo do grupo doméstico na camada A. Podemos identificar quatro fases típicas. A primeira corresponde à família extensa e resulta do casamento de Ego. Sendo relativamente difícil encontrar casa onde residir separadamente, Ego traz sua esposa para a casa paterna, - o que é facilitado pelo fato de que as famílias da camada superior habitam residências bastante espacosas. Geralmente, esta fase dura de um a dois anos, tempo suficiente para construir nova casa, ou encontrar alguma posta em aluguel, e insuficiente para que a família de propriedade de Ego cresça e se torne incômodamente grande. Outras vezes ela se encerra com a mudança de Ego e sua família para a capital, onde as conexões políticas lhe possibilitaram a obtenção de emprego - ou de um cargo elativo. Aparentemente, é curioso que os casais recém-construídos da camada mais elevada encontrem dificuldades de estabelecer residência separada imediatamente após o casamento, visto que provêm de famílias abastadas. Ocorre, todavia, que não sómente esta camada, mas também a intermediária (estrato B de - nossas tabelas) tende a comprimir-se numa área da cidade relativamente restrita. Isto se deve a um conjunto de fatores: preferência em residir próximo ao "centro"; associação entre as diferentes áreas ecológicas urbanas e o status diferencial - da população; tendência a residir próximo à família de origem; inexistência de - comodidades básicas - eletricidade, água, ruas pavimentadas, etc. - fora da área central . Esta área era tradicionalmente reservada ao comércio, em sua parte próxima ao pôrto; e às residências das "melhores famílias". Com o crescimento das - atividades comerciais e com o crescimento da "classe média", intensificou-se a - competição ecológica e reduziu-se a possibilidade de fixação do grupo doméstico

sem transferência para outras áreas. É claro que, lentamente, a camada superior, assim como a média, expandem-se, do ponto de vista residencial, para a periferia da área. Todavia, nota-se resistência em aceitar vizinhança menos respeitável; ademais, a construção de uma casa nova demanda pelo menos um ano. Outro fator que também contribui para a formação de uma primeira fase "extensa" é o desejo de poder contar com o auxílio de outra mulher, mais experiente, para o cuidado com os filhos pequenos, no caso a avó.

Em alguns casos, o filho se casa quando os pais já alcançaram idade avançada e, então, é bastante provável que venha a residir permanentemente com os pais. Não se deve isto à necessidade de prover o sustento dos pais - visto possuírem êles recursos suficientes, mas por razões de ordem afetiva e moral; seria condenável deixar os pais sós, sem a companhia de um parente: "Estão velhos, é preciso alguém tomar conta". Este "tipo" de família extensa é facilitado pelo fato de os demais irmãos já se terem casado e saído do grupo doméstico de origem.

A fase extensa inicial, segue-se outra, neolocal, a mais longa do ciclo evolutivo. De um modo geral, nesta fase, o grupo doméstico se limita à família elementar acrescida de "crias da casa", com a agregação eventual de um parente ou afilhado. Todavia, residência neolocal não significa família isolada. Muita pelo contrário, intensifica-se o contato com a família de origem da esposa, antes minimizado, visto que a família extensa, nessa camada, é nitidamente patrilocal. É esta a fase do ciclo evolutivo do grupo doméstico que mais nitidamente corresponde à bilateralidade do sistema de parentesco.

Sobrevene uma terceira fase, correspondente à anciandade dos pais de Ego, quando este retorna à casa de aqueles, ou os pais passam a residir com o filho. Esta fase pode ser antecipada pela viuvez de um dos pais. Com a morte dos pais, pode seguir nova fase neolocal que perdurará até o casamento do primeiro filho do casal descendente, quando se reinicia o processo. É mais frequente, porém, que tendo Ego retornado à casa paterna quando da anciandade de seus pais, ele lá continue após a morte destes. Assim a quarta fase, se é "elementar" não será neolocal. Dada a idade relativamente jovem em que se dá o casamento, ocorre, com certa frequência, que os filhos de Ego se casem quando ainda são vivos os avós. Podemos encontrar então famílias extensas compostas por três gerações sucessivas em um único grupo doméstico: trata-se da coincidência da terceira fase do ciclo evolutivo, do ponto de vista de Ego, com a primeira, do ponto de vista de seu filho.

O processo evolutivo acima sintetizado comporta, naturalmente - variações. Ele não é encontrado naquelas famílias onde existem apenas filhas, visto que o padrão residencial na fase "extensa" é patrilocal. Por outro lado, a terceira fase não ocorre com todos os filhos de uma mesma família de origem.

Enquanto a primeira e a segunda são comuns - teoricamente - a todos os filhos o mesmo não acontece com a terceira: se os pais idosos passam a residir com um dos filhos casados, é claro que só a este corresponderá esta fase. Se, ao contrário, um dos filhos volta ao grupo doméstico paterno, não se torna necessário que os demais façam o mesmo. Não parece existir um padrão definido que determine qual dos filhos "herdará" os pais em sua velhice. Vis de regra, quando o último filho e casar o faz quando os pais já atingiram idade relativamente avançada, ele continuará residindo com os mesmos até sua morte, e permanecerá posteriormente na casa, a qual poderá voltar também, temporariamente, - outro irão. Mas, outros fatores também interferem: maior ou menor apego aos pais por parte dos diversos irmãos; situações econômicas diferenciadas; relações entre nove e sogra; situação residencial (também da casa; é mais provável que retorne à casa paterna um filho que mora em casa alugada do que outro que possua essa própria, etc). Enfim, existe uma variedade de fatores aleatórios a determinar a configuração desta fase do ciclo evolutivo do grupo doméstico. A inexistência de um padrão fixo, ou seja, a permissibilidade que também neste aspecto caracteriza o sistema é bastante significativa; indica que a família extensa não é um "padrão" ou um "tipo" de organização familiar, mas um arranjo transitório, um recurso de ajustamento social. De um lado, existem normas sociais que implicam em obrigações entre filhos e pais mesmos, de outro lado, o sistema é flexível, de modo a permitir a accommodation entre aquelas obrigações e as necessidades internas à família - elemento de cada membro de "siblings".

O elemento comum à família extensa, no que se refere ao ciclo evolutivo do grupo doméstico, é a patrilocalidade. Ela decorre basicamente, de quatro fatores: 1) a patrilocalidade das relações de parentesco entre as chamadas "families tradicionais", com uma ênfase na "linha" paterna; 2) a clara diferenciação de status entre marido e mulher, ou entre等级 de menor geral, neste campo social; 3) A ausência de relações - obrigatorias entre o sogro e o genro (e não ser quando inexistem filhos deste último), - isto é a concentração das obrigações dentro do próprio "kindred"; 4) A graduação das obrigações dentro do próprio "kindred", isto é sua concentração nas relações pais-filhos, comparadas às relações sobrinhos-tios (nas ossos de casamento endogâmico). Tanto entre as "families tradicionais", como entre os adventícios o padrão é reiteradamente patrilocal. Em outros níveis das relações de parentesco, todavia, encontraremos diferenças entre os dois grupos que compõem a camada superior.

Como dissemos, a família extensa pode se formar ainda pela reunião de dois "siblings" num mesmo grupo doméstico. São poucos os casos em que a co-residência - é permanente; vis de regra elas se destinam a resolver problemas residenciais -

É o caso, por exemplo, de um informante fazendeiro, que se mudou com sua família para a cidade, a fim de que suas filhas cursassem o ginásio e para "variar de ambiente". Ficou morando na casa de um irmão, até encontrar residências próprias. Por ocasião da entrevista, já estava há mais de um ano residindo juntamente com a família de quele irmão, com o qual dividia as despesas domésticas. "O caso, também de outro indivíduo, nomeado para exercer cargo de importância no sistema jurídico local, e que anteriormente morava na capital. Transferindo-se com sua família para Itá-Açu, perdeu o roteiro com seu irmão. Achava que não valia a pena manter essas separações por alguns anos, se a essa de seus pais, onde agora morava seu irmão, era suficientemente empolgada para abrigar ambas as famílias. O informante esperava, após três ou quatro anos, lhe ser possível retornar à capital.

Se os princípios de solidariedade do "kindred", particularmente entre irmãos é diferença das relações entre afins, conduzem à conformação de famílias extensas formadas por ascendentes e descendentes, os mesmos princípios conduzem também à forma que torna a família extensa composta pela reunião das famílias elementares de "siblings"; elas compõem-se pela reunião de irmãos casados, mas também pela reunião de irmãs casadas; somente pela agregação de famílias de uma irmã à de um irmão, quando o primogênito é viúvo. Em outras palavras, inexistem grupos domésticos formados por famílias elementares cujos chefes sejam cunhados entre si, o que indica que o chefe da família procurará se reunir com cognato, preferencialmente na raça. Se, de um lado, não existem impedimentos à co-habitação de famílias cujos chefes sejam afins entre si, por outro lado, é preferível, sempre que possível, recorrer a um cognato. Qual cognato, ou seja, especificamente, qual o irmão, depende da adequação pessoal. Mas há um fator, num certo sentido estrutural, que interfere: inexistindo problema de adesão pessoal, o irmão temporariamente desligado de residência (ou quaisquer poucos casos de co-residência permanente) irá morar juntamente com o irmão que ficou na casa paterna depois da morte do seu ascendente, visto que, todos os filhos têm iguais direitos aos bens deixados pelos pais.

No caso de nômade (extrato B), a formação de famílias extensas, em que maior frequente, deve-se aos mesmos fatores e a outros adicionais. O extrato B compõem-se de famílias de diferentes origens socioclassistas setores empobrecidos das "famílias tradicionais", indivíduos ou famílias que ascendem socialmente, indivíduos ou famílias provenientes de outras cidades ou regiões. A maior frequência de famílias extensas neste caso quando comparada à superior, devolve, principalmente, à maior proporção de migrantes - pessoas que não possuem vínculos de parentesco no local e, num certo medida, à mobilidade social que tem o "anfiprívio" - a relação entre "si-

"blings", apesar de, aparentemente, não o fazer quanto àquelas existentes entre pais e filhos. Observemos, de passagem, um fato significativo: enquanto os pais são vivos, os membros de um grupo de "siblings" mantêm contato, uns com os outros, através do casal ascendente. Após a morte dos pais, todavia este contato se torna menos frequente entre irmãos que ocupam diferentes posições de status e que, em consequência, participam de universos sociais diferentes.

Entre os fatores que conduzem à primeira fase "extensa" do ciclo evolutivo, destaca-se a necessidade de acomodação entre papéis domésticos e ocupacionais da mulher, fator que não surge na camada mais elevada. Obrigada, frequentemente, a manter seu emprego durante os primeiros anos que sucedem ao casamento, vê-se a mulher face a uma situação de tensão entre papéis competitivos - em seu universo social. A solução é a família extensa, isto é, a agregação da família de propriedade à de origem, pois isto permite uma redistribuição dos papéis domésticos, capaz de possibilitar a manutenção do trabalho remunerado, sem prejuízo do equilíbrio interno do grupo doméstico. Não é sem razão que cerca de 60% das mulheres que trabalhavam, viviam em famílias extensas. Apesar disso todavia, esta primeira fase ocorre com menor frequência do que na camada superior.

As diferenças, quando comparamos a camada média com a superior - não são apenas de ordem quantitativa. No estrato A a família extensa se caracteriza nitidamente pela patrilocalidade, enquanto que na camada intermediária não se observa um padrão definido. Neste particular o sistema de parentesco, tal como se manifesta neste estrato, é mais opotúnio que na camada superior. Vale notar certas variações. Como dissemos, no estrato B compõem-se, em parte de família em desciação social, ramos empobrecidos das chamadas "famílias tradicionais". Entre elas mantém-se o padrão patrilocal; quando se trata de casamentos de filhas com mulheres de outras famílias. Difícilmente as filhas destas famílias de "elite empobrecida" casam-se com homens da camada média: elas são meivanas preferenciais dos filhos das famílias tradicionais que compõem o estrato A, pertencentes ao seu "kindred" (casamento preferencial endogâmico), assim como dos "arrivistas" que no dizer de um informante, "tem dinheiro, mas não tem posição". São poucos os casos de casamento com pessoas que não tem nem dinheiro nem posição e, entre tais casos, observam-se alguns em que os filhos de matrimônio adotam, não o sobrenome paterno, mas o materno, já que é através da "linha" materna que lhes é transmitido status. Os filhos destas famílias empobrecidas não se casam nem com as filhas de seus parentes ricos, nem com as filhas das novas ricas. Estas últimas, via de regra casam-se com filhos de "famílias tradicionais" ou de outras famílias "arrivistas". Neste padrão matrimonial não só garante a manutenção de status tradicionais e a reacção social, - mas também mantém a continuidade da família extensa patrilocal, o que talvez não ocorria no caso de uniões matrimoniais entre filhas daquelas famílias -

empobrecida e filhos de famílias migrantes ou em ascenção em ambos os casos, famílias sem tradição - visto que a acentuada ênfase na "linhagem" poderia - provocar uma orientação matrilocal, como efetivamente ocorre, nos casos excepcionais mencionados.

Diferente é a situação encontrada nos demais setores da camada média. - Não sómente predomina a residência matrilocal mas, nos casos de família extensa observa-se tanto a residência patrilocal como a matrilocal, sendo esta última mais comum na fase inicial do ciclo evolutivo do grupo doméstico: a jovem esposa prefere recuar com sua mãe, como acontecia com um casal entrevistado onde, dizia o marido, a mulher "é muito apagada à mãe, não pode viver longe dela", ao contrário dito marido, pois homem é mais independente; desde orianga - começa a "se virar" tiozinho(5). Aunais, o erranjo doméstico era muito útil, - já que a mulher trabalhava fora na parte da manhã, como professora primária, - enquanto sua mãe cuidava da casa e do neto.

Mesmo quando a residência é nucleolar, desde o inicio da união conjugal, - ou como segunda fase do ciclo evolutivo; mantém-se, num certo sentido, a matri-localidade, visto que a família procurará instalar-se nas proximidades dos pais da esposa, consequência, possivelmente, do maior "apêgo" da filha à mãe. Mas um outro fator também interveio: entre os homens é maior a proporção -

(5) Pudemos observar, mesmo em outras localidades, exemplos desse "apêgo" diferencial. Foi o caso da família de um amigo pessoal do autor. Tendo constituído residência separada, após algum tempo o aluguel tornou-se excessivo. Em consequência, a família mudou-se para a casa da mãe da esposa, bastante grande para acomodar a todos. Mesmo antes dessa mudança observamos que, quando visitávamos a casa do nosso amigo, quase sempre lá encontrávamos a sogra do mesmo. Aquele esposo costumava queixar-se de que morava longe da mãe, o que tornava difícil o contato entre ambos e era incômodo ter de atravessar a cidade em ônibus super-lotado, levando crianças pequenas. O marido havia recebido várias ofertas de trabalho vantajoso em outras cidades. Tudo dava, não as aceitava, visto que a esposa se recusava a viver longe da mãe. O marido vivia muito mais longe, ainda, de sua própria família de origem, que residia em Itá-Açu, mas para ele isto nunca constituiu problema.

dos que não possuem parentes no local. A proporção de mulheres é maior que a dos homens, em Itá-Açu. Aparentemente, é um paradoxo, pois parece indicar maior imigração de mulheres. Ocorre todavia, que a emigração de homens é mais acentuada - que a de mulheres e, por outro lado, as mulheres tendem a imigrar para a cidade - em família, enquanto entre os homens é maior a proporção dos que imigram sós.

A fase que corresponde à ancianidade dos pais não é definidamente nem - patri nem matrilocais: tanto poderá a família descendente unir-se residencialmente aos pais do marido como aos pais da mulher, dependendo a escolha de uma série de fatores: número de filhos de cada casal ascendente; situação econômica diferencial etc. A diferença, porém da camada A, é mais comum, não que os filhos voltem à casa paterna, mas que os pais idosos se transfiram para a casa de um dos filhos ou filhas.

A camada mais baixa é aquela que apresenta maior proporção de famílias - elementares. Nela não se repete o já descrito ciclo evolutivo no que diz respeito a formas residenciais. Apenas a terceira fase é aí encontrada. A família extensa, nesta camada, forma-se não apenas como decorrência da necessidade de prover o sustento dos pais, quando estes ultrapassam os limites da idade econômica ativa mas também como consequência da instabilidade conjugal. A instabilidade conjugal pode dar lugar, tanto a famílias extensas como também a outra forma de grupo doméstico, num certo sentido de tipo oposto: a diáde materna, da qual nos ocuparemos, em algum detalhe, mais adiante. Assim, enquanto nas demais camadas encontramos duas formas de grupo doméstico - família elementar e família extensa - na camada inferior encontramos 3, visto que aquelas duas se acrescenta a diáde materna. Quanto aos grupos domésticos compostos por famílias extensas eles se constituem pela coabitação de filhos (predominantemente filhas) e pais idosos; pelo retorno de filhas viúvas ou "largadas do marido" à casa paterna; pela agregação das mesmas juntamente com seus filhos, à família de irmãos.

A primeira fase do ciclo evolutivo do grupo doméstico não foi observada. Aparentemente, trata-se de uma contradição: justamente na camada social onde é - mais frequente o trabalho feminino e onde, portanto, a família extensa seria mais funcional, no que diz respeito à acomodação de padrões divergentes (domésticos e - ocupacionais), não ocorre aquela fase. Todavia, a contradição é apenas aparente: por um lado a família extensa não é tão necessária; por outro lado a família extensa é mais difícil de se realizar. Duas ordens de fatores convergentes, que poderíamos chamar, num certo sentido, ecológico, contribuem para configurar a distribuição dos "tipos" de organização doméstica, ou de padrão residencial: de um lado, não é preciso residir juntamente com os pais, visto que para esta camada - inexistem de uma certa maneira dificuldades residenciais. Habitando a faixa de-

ríféria da cidade, torna-se fácil construir nova residência, próxima à dos pais da mulher. Para esta camada, ademais não constitui problema de estatus residir na área mais extensa da cidade, área livre à construção. Note-se, da passagem, um fato significativo: a ascenção social é acompanhada, geralmente, de um movimento espacial no sentido do centro urbano.

Por outro lado, a co-residência da família de procriação com a de origem, torna-se difícil em consequência do próprio acabamento das residências da população pobre. Vejamos, por exemplo, o caso de Raimunda, filha de um modesto empregado da Prefeitura. Seus pais possuem quatro filhas solteiras, além da própria Raimunda. A família compunha-se, portanto, de sete pessoas que se comprimem em três pequenos apartamentos, Raimunda casou-se com um ajudante de pedreiro e possui dois filhos pequenos. Se Raimunda continuasse a residir com a sua mãe isto traria séries problemas: não sómente aumentaria a "densidade demográfica" da residência - mas exigiria uma completa redistribuição da família, visto que, sendo casada, precisaria de um quartel separado, ocupado por ela e seu marido. Raimunda trabalha fora, como empregada doméstica. Precisa, portanto de alguém que possa "elhar as crianças". Seria vantajoso morar juntamente com os pais. Ademais, a co-residência sairia mais barata. Poderia ter construído mais um quarto nos fundos da casa, mas Raimunda e seu marido preferiu morar separadamente e assim construíram outro barracão a cerca de 50 metros da casa de seus pais, podendo Raimunda com ele deixar as crianças enquanto trabalha.

Casos como o de Raimunda nos levam a considerar outro aspecto da família extensa: é isso que não haja coabitAÇÃO, as relações com a família de origem - continua operativas. Num certo sentido, opera uma "família extensa" residencialmente separada, mas solidária na acomodação de papéis conflitantes. Em outras palavras, a ação cooperativa entre as duas famílias não depende da co-residência. A família de procriação, ou de matrimônio, procurará, normalmente, localizar-se à pequena distância da de origem, não apenas para facilitar o fluxo de troca de favores, mas também para que não haja solução de continuidade na interação entre mãe e filha. Como disia uma informante, "mãe vive aqui em casa". Realmente ao realizarmos nossas entrevistas, encontravamo-nos com grande frequência as mães nas casas das filhas ou vice-versa, seja para auxiliar em uma ou outra tarefa, seja apenas para "matar o tempo".

Assim, na camada C encontramos apenas duas fases no ciclo evolutivo do grupo doméstico: a fase neolocal (residência próxima à dos pais da mulher) e a fase extensa final. Esta última tanto pode ser matrilocal como patrilocal, mas a primeira situação é mais frequente. A patrilocialidade é consistente com o padrão normativo que accentua o caráter categórico das relações entre filho e pai, à diferença da

natureza permissível das relações entre genro e sogro. Em outras palavras, o estabelecimento de vínculos de afinidade não traz consigo a contração de obrigações categóricas. Ocorre, porém, que a patrifocalidade do sistema, da qual é função a patrilocalidade, depende do status do marido-pai na família e no grupo doméstico. Na camada superior, a autoridade do marido é incontestável, mesmo que a responsabilidade efetiva pela organização doméstica, seja delegada à mulher. Mas, nesta camada, o marido é o responsável exclusivo pelo sustento da família e é ele quem transmite status à mesma. No dizer de Parsons, o marido, em função de seu papel de liderança instrumental, é o "income-earner" e o "status-giver". Além do mais, o status do marido relaciona-se ao prestígio de sua "linhagem". Na camada mais baixa a situação é bastante diversa: o marido não é o único responsável pelo sustento da família; é maior a proporção de mulheres que exercem ocupação remunerada; o status que o marido pode transmitir à família é baixo; o marido é muito frequentemente, uma figura transitória. Assim sendo, configura-se menos nitidamente, seu status de chefe do grupo doméstico. Mas, também outros fatores podem conduzir à matrilocalidade: se a mãe da esposa ficar viúva, ela preferirá se unir à família de sua filha, com a qual é mais "apegada". Ademais, o seu ajustamento ao novo grupo doméstico é mais fácil do que seria o ajustamento ao de sua nora. Nos casos em que a instabilidade conjugal, conduz ao retorno da filha e dos netos à família de origem da primeira, naturalmente também se configura o padrão matrilocal, mesmo que não se trate, afi, do ciclo evolutivo "normal" da organização doméstica.

Torna-se necessário, a esta altura, diferenciar internamente a categoria que intitulamos "família elementar". A expressão foi tomada de forma um tanto genérica, incluindo tanto a unidade completa (pai, mãe e filhos) como incompleta (ausência de um dos cônjuges). Os quadros seguintes nos oferecem algumas evidências sugestivas. Eles indicam a incidência de grupos domésticos como chefia feminina. A chefia feminina, naturalmente, nem sempre implica na existência de uma diáde materna (note-se, de passagem, que inexistem diádes paternas), mas, a pesar disto, implica numa certa redefinição de papéis. Em todos os casos, a chefia feminina corresponde à camada C. Nas demais camadas, não encontramos grupos domésticos onde a chefia seja formalmente atribuída a uma mulher. Certamente encontramos casos onde a proprietária da casa é uma mulher a esposa, a mãe ou a sogra do "chefe". Mas este último é sempre um homem - filho, marido, genro. O mesmo não ocorre na camada mais baixa, confirmando o que dissemos sobre a dubiedade do status masculino e a matrifocalidade do sistema nesta camada. Realmente, 37 grupos domésticos de Itánaçu tinham chefia feminina, correspondendo a mais da metade da camada C, à qual pertencem, incidência, portanto bastante elevada.

Parte dos casos deve-se à viúvez e nem todos correspondem a diádes maternas. Todavia, conforme indica o quadro 56, 70% dos casos são diádes. O Censo Demográfico de 1950 nos oferece outros dados, para o conjunto do Estado, indicando que, do total da população feminina de 15 anos e mais, apenas 11,2% é composta por viúvas. A mesma fonte indica, também, que 56,9% das chefes femininas não são viúvas. Quando a viúvez surge em idade avançada, ou nas fases finais do ciclo evolutivo do grupo doméstico, não ocorrem os problemas de reajusteamento de papéis que se observam quando o chefe do grupo doméstico é relativamente jovem - nos casos em que se formam diádes maternas. Permanece o fato, todavia, de que o chefe é uma mulher, contrariamente aos valores dominantes na comunidade. Mas, em Itá-Açu, só mais da metade dos grupos domésticos da camada C tinham chefia feminina, igualmente mais da metade destes últimos eram compostos por diádes maternas, que correspondem a 31,34% do total dos grupos domésticos desta camada. Do ponto de vista da constituição do "kindred efetivo" dos filhos destas famílias, a implicação é evidente: o truncamento da família condiz ao truncamento do círculo de parentesco. Se o sistema é formalmente bilateral, a orientação dos vínculos de solidariedade nestes casos, torna-se com toda probabilidade, matrifocal.

Outro fato, ainda, merece destaque: além dos casos de diádes maternas, encontram-se outros - também na camada C - de mulheres abandonadas pelo marido, assim como de viúvas, que tornaram a se casar. Algumas mulheres tiveram, sucessivamente quatro maridos. Cada vez que uma mulher se casa, ou recasa, leva consigo os filhos. Isto parece revelar que é a mãe a personalidade-status fundamental como elemento de continuidade da família. Tanto nesses casos, como de diade materna - em que a mãe acumula papéis expressivos e instrumentais, parece que se configura um tipo, marginal, muitas embora, de organização familiar matrifocal, em oposição ao tipo nitidamente patrifocal da camada superior.

Os fatores básicos na determinação do tipo patrifocal ou matrifocal - de organização familiar (e por extensão, de tipo de orientação dos laços de parentesco), parecem ser dados: a) pelo status do homem no sistema ocupacional - numa certa medida, portanto, por sua situação de classe; b) pela composição demográfica da população; c) pelos valores culturais historicamente formados; d) pela natureza do sistema econômico.

O baixo status social do marido e sua instabilidade ocupacional, são - ao mesmo tempo causa da instabilidade conjugal e da diminuição da autoridade paterna no interior da família. Idealmente, o pai é uma figura autoritária, sendo-lhe atribuída a maior dose de poder dentro da família. Esta autoridade, ou poder, está associada ao seu papel de "income-earner/status-giver", repetindo a expressão de Parsons, isto é, por seus status na sociedade, status éste que é dado, - em larga medida, pela posição ocupada no sistema ocupacional e pelo nível de renda que ela propicia.

Nun sistema econômico que tem como uma de suas características o sub-emprego, - ou o desemprego periódico, como ocorre em Itá-Açu, ao lado e correlativamente com um baixo preço de mão de obra, não é de se estranhar que encontremos condições que se oponham ao desempenho dos papéis social e culturalmente atribuídos ao marido-pai. Em outras palavras, não é estranho que encontremos contradições entre o status ideal do marido-pai no subsistema familiar e seu status no sistema inclusivo. Nas classes mais baixas, o homem é incapaz de transmitir prestígio à família e, por outro lado, não podendo ganhar bastante dinheiro para se caracterizar como responsável exclusivo ou principal pelo sustento da família, não pode tempo longo, gozar de autoridade doméstica que teóricamente lhe compete. Não somente exerce a mulher papel instrumental equivalente, mas também, freqüentemente, o marido é periodicamente sustentado por ela, em suas fases de desemprego (parte do trabalho industrial, portuário, e os transportes que abrange barcos de mão de obra, é de caráter sazonal, intensificando-se no período de colheita dos produtos agrícolas beneficiados na cidade, e retraiendo-se nos períodos de entre-safra). O papel do marido no grupo doméstico relaciona-se portanto, com sua posição no sistema de estratificação - no qual as posições que implicam em maiores "recompensas" (prestígio) são ocupadas por outros grupos sociais - e com a natureza do sistema econômico e do mercado de trabalho. A marginalidade no sistema ocupacional conduz, assim a ambiguidade no sistema de papéis familiares, e a instabilidade ocupacional propicia a instabilidade conjugal.

Numa tal situação, a "distância social" entre marido e mulher é bastante estendida. Por outro lado, o marido ausenta-se da família por períodos mais ou menos longos, buscando emprego em outros locais, transformando-se a mulher na única detentora de autoridade. A instabilidade econômica, ademais leva muitas vezes à dissolução do vínculoconjugal, visto que a família se transforma num foco de tensões. Esta dissolução é facilitada pelo fato de uma certa percentagem de uniões conjugais não ser formalizada pelo casamento civil ou religioso, ou em outras palavras, pela pequena impositividade dos valores culturais relativos ao casamento. Todavia, não se pode dizer que o "acasalamento" seja causa de instabilidade conjugal. O "acasalamento", ~~segundo~~ diâdo materna, são muitas vezes consequências da instabilidade. Na verdade, conforme indicam nesses dados, diâdo e "acasalamento" são momentos alternativos do ciclo evolutivo do grupo doméstico em certos grupos da população. A análise estatística que supreenda apenas um momento dado do ciclo pode levar a conclusões errôneas: no momento da entrevista, o grupo doméstico, ou a família, pode conter uma figura masculina, mas ela pode ser, como frequentemente ocorre, transitória. Não é por outra razão que encontramos grupos domésticos onde, apesar da existência de um "companheiro", a chefia é atribuída à mulher.

QUADRO IX
Composição dos grupos domésticos com chefia feminina

Z O N A S	Grupos domésticos com chefia feminina - %					Total geral (%)
	Máde materna	Ch. fe, filhos e netos	Chefe e outros parentes	Vive só e outras situações	Total	
Agrícolas	3,76	3,76	0,54	-	8,06	186
Extrativa	5,68	-	-	-	5,68	88
Urbana	10,39	3,46	2,47	1,98	18,20	202
Total	6,90	2,90	1,30	0,80	11,90	476

QUADRO XIII
Grupos domésticos com chefia feminina - Cidade

Máde Materna		Outros tipos de composição			
Sem filhos maiores	Com filhos maiores	Ch. fe, filhos e netos	Chefe e outros Parentes	Vive só e outras situações	Total 100%
27,00	29,70	18,90	13,50	10,80	37

Resumindo-se, as observações relativas à camada C da população de Itá-Açu indicam:

a) - Relativa frequência de uniões conjugais consecutivas. É o caso de uma mulher, lavadeira, que foi abandonada pelo marido, após três anos de casamento. Havia se casado "no religioso" e tiveram dois filhos. "Brigavam muito". Após a separação a mulher viveu algum tempo sózinha. Era bastante jovem, pois havia se casado com 17 anos. A seguir "arranjou outro homem", com o qual viveu um ano, quando se deu nova separação.

Algum tempo depois tornou a se "ajuntar" e teve mais um filho. No momento da entrevista estava novamente separada.

b) - Relativa freqüência de diádes maternas. Como vimos, a diáde é muitas vezes uma fase intermediária entre duas uniões consensuais. Ela pode ser causada por viúvez, abandono do cônjuge, ou pode resultar de relações sexuais extra-conjugais. Neste último caso, associa-se um fator demográfico - excesso de mulheres sobre homens - com um valor cultural masculino - o padrão da virilidade. O primeiro faz com que forçosamente, uma certa proporção de mulheres não possa se casar; e segundo faz com que boa parte dos maridos mantenha relações sexuais fora de suas famílias. Relações sexuais transitória com mulheres outras que não as esposas, são quase um fato comum. Em todas as camadas sociais os homens possuem, e gabam-se de possuir, amantes, geralmente recrutados entre a população pobre.

Ambas as situações (a e b) condussem a uma dupla forma de nominacão. Nos casos observados, todos os filhos são registrados. Os filhos resultantes de casamento formal recebem o sobrenome do pai. Os filhos resultantes de "acasalamento" recebem o sobrenome da mãe, o mesmo ocorrendo com aqueles resultantes de relações extra-conjugais. Constatase, ainda, falta de consistência, quanto à nominacão, entre o nível jurídico-legal e consensual. Mesmo nas famílias normalmente constituidas, se os filhos são registrados e batizados com o sobrenome paterno, ao nível consensual predomina, não obstante, a nominacão materna. Assim, é comum que as pessoas de camadas trabalhadoras sejam conhecidas nos círculos de parentesco e vizinhanga, não como José da Silva, ou Raimundo dos Santos, mas sim como José - da Maria ou Raimundinho da Zéja, mesmo depois de terem atingido a idade adulta.

Nos casos de diáde materna inexiste a personalidade-status do marido-pai, - no que diz respeito à sua presença física. Nos casos de uniões consecutivas, a mãe é o elemento de continuidade da família. Cada vez que há nova união ou matrimônio, ela leva consigo sua prole para o novo grupo doméstico (caso mude de residência), onde ela é eventualmente acrescida de novos elementos. A diáde mãe-filhos é permanente ao longo do ciclo evolutivo do grupo doméstico; a diáde conjugal é transitória e implica em variação sucessiva de personalidade física do marido-pai. Desfeita a união conjugal, rompe-se também os laços entre o homem e -

as crianças da família.

Este tipo de família matrifocal reflete-se também sobre o sistema de parentesco. Formalmente o sistema é bilateral e de nominação paterna. Todavia, nas camadas trabalhadoras e principalmente nos casos "normais" examinados, constata-se um padrão de nominação materna e, se não uma descendência matrilineal - visto não existirem grupos de descendência formalmente reconhecidos, e visto que eventualmente, podem ser invocados os vínculos de consanguinidade patrilineais - pelo menos uma limitação das relações de parentesco socialmente significativas, ao lado materno. A figura da mulher na articulação entre cognatos torna-se naturalmente, mais saliente. E, nos tipos "normais" de organização doméstica, a interação entre a mulher e sua família de origem é mais intensa que aquela existente entre o homem e sua família de origem, nos casos "divergentes" aqui apresentados, ele tende a se tornar exclusivo. A ênfase no lado materno é consistente com o padrão de nominação, mesmo se considerar os níveis o nível consensual, indicando um tipo de organização familiar e de parentesco bastante distinto daquele encontrado nas camadas mais elevadas, notadamente entre as "famílias tradicionais". Infelizmente, não dispomos de dados capazes de revelar as consequências do truncamento do "kindred" efetivo sobre as possibilidades de ajustamento social do indivíduo. Todavia, podemos supor que tal limitação tende a reduzir sua capacidade de manipulação social.

Orna-se necessário acrescentar mais alguns dados relativos à constituição do grupo doméstico. Dissemos que algumas famílias extensas resultam da reunião residencial de "siblings". Na camada C também se verifica esta forma de arranjo residencial mas, à diferença das demais camadas, nele encontramos vários casos de mulheres "lives" do marido" que, não podendo regressar à casa paterna, "aggrega-se, juntamente com seus filhos, à de um irmão. É curioso notar que a mulher procura sempre agregar-se à família de um irmão e não a de uma irmã. Poder-se-ia imaginar que a mulher, preferisse residir com uma irmã: tendo sido socializadas juntas, na mesma família de origem, e existindo entre elas a intimidade natural às relações entre irmãs, poder-se-ia obter um melhor ajustamento entre suas personalidades do que aquela que seria esperado entre cunhadas. No entanto, o que ocorre é o oposto. Uma das razões para tal procedimento talvez seja dada pela estrutura do sistema de parentesco que, se não limita a solidariedade aos cognatos, sobre eles focaliza os valores de obrigatoriedade. Se por um lado não existem impedimentos estruturais à coabitAÇÃO entre cunhados, por outro lado inexiste a obrigação de um homem sustentar sua cunhada ou outro qualquer afim, e não ser na ausência de cognatos deste último. Assim sendo, seria natural que a mulher em questão buscassem apoio na família cujo chefe é seu irmão. Mas, como já vimos, a posição de chefia, ou de dominância do marido na Camada C não é tão nítida como nas demais; pelo contrário, o status do marido é bastante ambíguo. Isto nos leva a buscar uma segunda razão ou, mais precisamente, uma hipótese tentativa.

tiva, derivada da opinião de uma informante e da razão apresentada por outra - para explicar a dissolução do seu casamento. A primeira informante, discorrendo sobre a organização doméstica de sua casa, à qual se havia agregado, uma cunhada, afirmou: "Eu não conhecia R. antes dela vir morar conosco. Quando vivemos veio para a cidade. Tem uma irmã casada com um marceneiro que está melhor da vida que nós. Mas achamos melhor ela vir aqui para casa. Um homem com duas mulheres na mesma casa é perigoso."

A segunda informante afirmou que, até a chegada de sua irmã vivia muito bem com seu marido. A irmã havia se separado de seu "companheiro" e em seguida se agregado à família da informante. Segundo esta última, pouco demorou para que começasse a "tentar" o cunhado, acabando por lhe "virar a cabeça". A informante terminou por se separar do marido voltando para a casa dos pais. "Mesmo sendo irmã da gente é perigoso outra mulher, principalmente se é mais moça e mais gente." "

Afirmamos que a última fase do ciclo evolutivo é encontrada em todas as camadas sociais. O quadro seguinte constitui evidência indireta, mostrando, ademais, que o casamento, ou a fissão de grupo doméstico não implica em quebra da solidariedade para com a família de origem.

Independentemente das variações registradas, a família extensa está a indicar a função do grupo de parentes como unidade de solidariedade, se considerarmos a família extensa como recurso de ajustamento social. Evidência suplementar, indicativa da relação entre pais e filhos, ou entre famílias de orientação e de procriação é dada pelo quadro seguinte, que revela a situação residencial de pais em idade avançada.

QUADRO IV

Situação residencial dos pais em idade avançada. Cidade .*

Idade dos pais	Residem com filhos casados	Residem com filhos solteiros maiores	Residem com filhos menores	Outros	Total
56,69	41,86	32,55	23,25	2,32	43
60-69	44,44	33,33	16,66	5,55	18
70 +	50,37	25,00	9,37	6,25	32
Total	48,40	30,10	17,20	4,30	93

O quadro indica claramente que os pais em idade avançada tendem a se reunir ao grupo doméstico dos filhos. Quanto mais idosos os pais tanto maior -

a proporção dos que residem com filhos casados. Uma certa percentagem reside - com filhos solteiros maiores que podem desempenhar certas funções de casal descendente, como suporte afetivo e auxílio econômico. O quadro permite supor que, enquanto existirem filhos solteiros na casa, em idade economicamente ativa, os pais não por eles cuidados. Se estes filhos se casam, os pais ou continuam com eles morando ou passam a residir com outro filho casado.

As diferentes fases do ciclo evolutivo do grupo doméstico, e as diferentes formas por estes assumidas, implicam em diferentes modalidades, e graus de tensão. De maneira geral, tais tensões afetam mais marcadamente os componentes femininos do grupo doméstico, mesmo porque são elas que constituem as personalidades físicas da organização interna à família. Particularmente sensível é a situação de tensão que se desenvolve na camada dominante, entre a nora e a sogra, pois, como vimos, a família extensa nesta camada é sempre patrilocal. As opiniões das informantes - tanto negras como brancas - eram bastante consistentes entre si: "Para não haver briga é melhor viver separado". "Duas dnas de casa nunca dá certo". Na camada média, o mesmo tipo de atitude foi encontrado nos grupos domésticos em que se defrontavam nora e sogra. Mas, nas famílias matrilocais as tensões pareciam ser menos notáveis, sugerindo que divergências entre filha e mãe são - mais facilmente resolvidas do que aquelas que se desenvolvem entre sogras e noivas (tais divergências giravam sempre em torno à organização doméstica e a métodos diferenciais de cuidados com as crianças). Ademais, muitas informantes desta camada enfatizavam as vantagens da família extensa, dada as possibilidades integrativas que encerra (acomodação entre as exigências de equilíbrio interno do grupo doméstico e os papéis profissionais desempenhados pela mulher). O mesmo ocorria na camada C.

Entre os componentes masculinos do grupo doméstico as tensões parecem ser menos acentuadas, visto que não participam diretamente da organização doméstica. Ademais, dada à natureza do sistema econômico, onde a atividade produtiva é realizada individualmente e não através de trabalho cooperativo dos membros da família, não se desenvolvem situações de conflito entre pais e filhos, ou entre irmãos, no plano da vida profissional. Sómente nos casos em que o filho trabalha com o pai, configura-se uma situação de subordinação do primeiro ao segundo. Todavia, se esta situação pode gerar tensões, pois implica na manutenção de uma relação de subordinação mesmo após o casamento (que pressupõe para o marido um status de chefia e portanto de independência) tais tensões não derivam da organização doméstica, mas de relações dentro mesmo do grupo doméstico e que, ademais, se mantêm mesmo depois da cisão do grupo doméstico, isto é, do estabelecimento de residência separada. Poder-se-ia supor que na segunda fase "extensa" do ciclo evolutivo do grupo doméstico, as tensões entre pais e filhos se tornam mais agudas, visto que se processa uma inversão de papéis: o filho é quem efetivamente dirige os negócios da família. Apesar disso, todavia, ele é apenas uma espécie de gerente de tais negócios; o proprietário segue sendo o pai que, além disso, é também o dono da es-

sa em que reside a família. Diferente é a situação encontrada na camada média, nesta fase final do ciclo evolutivo, como vimos, os pais idosos tanto podem residir com um filho ou com uma filha casada. Em ambos os casos, porém, não é sempre o casal descendente que se transfere para a casa do ascendente. Muito-frequentemente é o oposto que se verifica: os pais é que se mudam para a casa dos filhos. Torna-se então mais aguda a situação de tensão entre pai e filho, - ou entre sogro e genro, visto que o primeiro passa a ser sustentado pelo segundo. Na camada superior o pai continua com o status formal de dono dos negócios da família. Na camada média, porém isto não ocorre e, são poucas as pessoas idosas que possuem renda capaz de garantir uma certa autosuficiência. Ademais, o pai já não é mais o dono da casa, visto que transferiu-se para a residência do filho. Surge então uma contradição entre sua autoridade ideal e sua situação concreta.

Na camada C, como vimos, a família tende a ser matrifocal. É a esposa que traz para o seu convívio os pais idosos, ou a mãe viúva, parte por ser ela a personalidade central e contínua da família (o marido é frequentemente transitório), parte por serem as filhas mais apagadas e à mãe do que os filhos, o que torna esta modalidade de arranjo preferencial para as mães. Nesta camada, ademais, o marido-pai, tanto no casal ascendente como no descendente não goza da mesma autoridade que nos demais estratos, é o fato de passar a ser sustentado pelos filhos não implica em perda de status e que diminui as possibilidades de surgirem conflitos de autoridade entre os componentes masculinos do grupo doméstico. Entre os componentes femininos (filha e mãe) a divisão de papéis tende a afastar a filha da organização doméstica, visto que comumente exerce ocupação remunerada. É a própria organização do grupo doméstico composto por uma família extensa, que possibilita a acomodação entre as exigências internas e externas da família.

Nesta camada a família extensa é composta, também, pela agregação da diáde materna à família de origem da mulher. Nestes casos, evidentemente não podem se desenvolver tensões entre os componentes masculinos visto que um deles está ausente. Por outro lado, as tensões que podem surgir da interação entre mãe e filha são mais facilmente resolvidas do que aquelas que surge entre nora e sogra, e são largamente compensadas pelas possibilidades integrativas oferecidas pela co-residência.

Mas, a família extensa não se forma apenas pela reunião entre famílias de origem e de procriação. Ela resulta também da reunião entre famílias de "siblings". E nestes casos que parecem ser mais acentuadas as tensões entre os membros femininos do grupo doméstico, geralmente cunhada (como vimos são poucos os casos de irmãs vivendo no mesmo grupo doméstico e já nos referimos às tensões que podem surgir desta situação). Torna-se clara a situação competitiva entre as cunhadas. Num caso, uma das mulheres queixava-se de que a cunhada sempre queria arrumar a casa à sua maneira e impor sua vontade na cozinha.

Outra informante alegava o oposto: a cunhada deixava os trabalhos domésticos ressairem inteiramente sobre sua pessoa. Uma terceira dizia que "não vejo chegar o dia em que vamos voltar para Belém". Sentia que não era bem recebida pela cunhada e que esta "vive implicando com as crianças. Sempre que acontece - alguma coisa são os meus que levam a culpa".

Em resumo, a família extensa como unidade residencial ocorre em todos as camadas sociais de Itá-Açu, mas sob formas diversas e em decorrência de fatores vários. Sua proporção no total de grupos domésticos é bastante elevada, quase equivalente à de famílias elementares. Todavia não estamos frente a dois "tipos" de organização familiar. Na verdade existe apenas um "tipo" a família elementar. Ao nível normativo a família elementar como forma de constituição do grupo doméstico, ou como padrão residencial é nitidamente preferencial. Todos os informantes das várias camadas sociais achavam que era melhor viver separado dos pais. Mas não se trata apenas de um valor ideal. Se encontramos muitos casos de famílias extensas, elas correspondiam sempre a arranjos transitórios a certas fases do ciclo evolutivo do grupo doméstico, ou a um mecanismo de soluções de tensões como nos casos de mulheres viúvas ou abandonadas que retornavam à casa dos pais. A família extensa reflete os princípios de solidariedade de parentesco não pode ser considerada um padrão residencial. Ademais não existe uma correspondência entre situação residencial e maior - ou menor obrigatoriedade nas relações da parentesco e residência nucleoacial - não implica em interrupção das relações com a família de orientação ou com as famílias de "siblings". Muito pelo contrário, pais, filhos e irmãos encontram-se envolvidos numa contínua teia de troca de favores e visitação recíproca e, como vimos, existe uma tendência dos filhos residirem próximos aos pais, a que não deixa de constituir de certa maneira, uma forma de família extensa. Mais as filhas visitam-se continuamente. Pais e filhos e irmãos participam dos mesmos grupos políticos e dos mesmos interesses econômicos independentemente da situação residencial. A família extensa é apenas um arranjo organizatório temporário e não um padrão estrutural permanente. Ao longo do ciclo evolutivo do grupo doméstico é elemento de continuidade é a família elementar.

O casamento não implica no truncamento de círculo de parentesco. - Ao casar-se, o indivíduo passa a centrar relações com outra categoria de parentesco os afins. De uma certa maneira, seu universo de parentesco se divide pois passa a ser obrigado a cultivar os cognatos do seu cônjuge. Todavia, como veremos adiante, apesar do casamento implicar na aproximação de dois "kin-dreds", existem diferenças bastante acentuadas entre cognatos e afins, concentrando-se as relações de obrigatoriedade na primeira destas categorias.

Examinaremos agora, mesmo que de maneira superficial, alguns aspectos das relações de parentesco externas à família. Também a este respeito exis-

tem diferenças bastante acentuadas entre as várias camadas sociais. Verificamos que na camada mais elevada são mais frequentes os grupos domésticos compostos por famílias extensas do que nas demais estratos. Todavia, não se deve supor que exista uma relação direta entre a composição do grupo doméstico e a intensidade das relações de parentesco, no sentido de que uma desorra de outra. Efetivamente, nas camadas inferiores é menor o círculo das relações de parentesco socialmente significativas, ou seja o "kindred" efetivo. Mas isto se deve a fatores já mencionados quando descrevemos a composição do grupo doméstico: a maior porcentagem de migrantes (em torno de 60%, comparada aos 40% da camada B, e aos 25% da camada A, a proximamente) sem parentes no local; a maior incidência da emigração; o truncamento da família, levando ao fracionamento do "kindred". São fatores que afetam tanto a composição do grupo doméstico quanto a amplitude do "kindred" efetivo. Porém, a maior frequência de famílias extensas na Camada A não se deve a valores diferenciais relativos aos vínculos de parentesco. Tais valores diferenciais existem, sem dúvida, mas não se imprimem nas relações que conduzem à formação de famílias extensas. Estas últimas implicam apenas na co-residência de pais e filhos e de "siblings", e não da parentesco mais afastados. Em toda a nossa amostra, encontramos, apenas dois casos em que famílias residiam com tio do marido, um caso na camada B e outro no estrato C. No círculo mais interno do "kindred", do qual são recrutados os membros das famílias extensas, não existem diferenças no que se refere às obrigações reciprocas, entre as várias camadas sociais. É sómente no círculo mais amplo que se registram diferenças, a começar por sua amplitude. É noutro sentido que a forma residencial reflete variações na estrutura do parentesco: a residência patri ou matrilocal reflete a ênfase patri ou matrifocal das relações de parentesco.

O sistema de parentesco que tem como categoria fundamental o "kindred" é basicamente bilateral. A bilateralidade reflete-se, como vimos, na forma residencial. Ela se reflete também nos sentimentos de solidariedade em relação aos cognatos tanto do lado materno como paterno. Reflete-se igualmente, no processo de constituição do novo grupo doméstico, resultante do casamento. Por um lado, a cerimônia do casamento conta sempre com a participação dos cognatos de ambos os noivos. Também a formação do novo grupo doméstico conta com a cooperação de ambos os "kindreds". De uma maneira geral, à família do noivo compete fornecer, quando isto é possível, a casa, à família da noiva compete fornecer o equipamento doméstico. Naturalmente, isto nem sempre é possível nas camadas inferiores não existem recursos para tal. Mas, nestas camadas, observa-se um costume que revela nitidamente a bilateralidade do sistema: para a construção de um novo barraco, reúnem-se membros de ambos os "kindreds" numa espécie de mutirão.

Não é sómente a família de orientação que contribui para a formação da

nova unidade familiar, também os parentes mais afastados como tios, primos e avós, contribuem. Quando se casou um de nossos informantes da camada A, seu sogro forneceu a casa (ao contrário da praxe costumeira). Seu tio presenteou-o com terras, e seu pai com um certo número de cabeças de gado, possibilitando-lhe iniciar a organização de uma fazenda própria, sem deixar de residir na cidade, onde explorava sua farmácia. Além disso, tanto os parentes do noivo como os da noiva são muitas vezes mobilizados no sentido de obter para o primeiro - um cargo público de status elevado. Aparentemente, parece contraditório que afins e não apenas cognatos do noivo se esforçem nesse sentido tendo em vista - o que já dissemos sobre a concentração da solidariedade no "kindred". Todavia, não existe contradição, visto que é objetivo garantir não o futuro do noivo, mas da família como um todo, família esta onde a mulher e os filhos são também cognatos dos afins do marido.

A bilateralidade do sistema é refletida também através da herança visto que o casal descente herda bens de ambas as famílias de origem e - da preferência ao casamento com comunhão de bens (o casamento em regime de separação de bens não é praticado pela comunidade que nela identifica uma atitude de desconfiança).

As regras legais de nominação estabelecem que ao filho seja transmitido o sobrenome paterno; todavia, a nomeação não é acompanhada pela filiação a grupos de descendência, ou pela atribuição de direitos exclusivistas. Por outro lado, na atribuição , do pré-nome novamente se manifesta a bilateralidade: - o primeiro filho, em muitas famílias, recebeia o pré-nome do pai ou da avô paterna; a primeira filha, o nome da mãe ou da avó materna. Outras vezes, o primeiro filho recebia o nome da avô paterna e o segundo filho o nome da avô materna. A primeira filha o nome da avô paterna e a segunda o nome da avô materna. Note-se, ainda, que é comum escolher para padrinhos parentes de ambos os lados, principalmente os pais dos cônjuges.

O caráter bilateral do "kindred" traz como consequência o fato de - ele não se constituir em grupo corporativo. Freeman e Campbell salientam que o "kindred" pode fornecer as bases para formação de uma ação coletiva, sempre definida, porém relativamente a um indivíduo ou grupo de "siblings". A ação coletiva que o "kindred" toma em certas ocasiões, não significa que ele esteja agindo como grupo corporativo. A ação comum define-se em termos da relação de parentesco pessoal de cada membro individual de "kindred" face à personagem focal da ação. - Ademais, como o "kindred" é formado pelos descendentes de quatro casais de bisavôs não parentes entre si, sómente o grupo de "siblings" que é central ao "kindred", e que varia, em cada momento específico, é reacionado por laços de con-

sanguinidade a todo o "kindred".

Em Itá-Açu é raro que o "kindred" se engaje em ações coletivas. Isto só - ocorre na zona rural, quando o "kindred" se reúne em mutirão, e na camada dominante urbana, ou melhor, em seu setor tradicional, onde o "kindred" tende a agir de forma coesa no plano de articulação política. Para isto, porém contribui um fator de certa forma atípico: a tendência ao casamento endogâmico e a tendência ao casamento dentro da mesma fação política, reflexo do agudo antagonismo entre as duas fações em oposição. Esta última tendência encontra-se também na camada média, mesmo que seus componentes não participem da "elite do poder" local. Via de regra, - porém, a solidariedade do "kindred" se exprime de forma individual: Ego recorre à hospitalidade de um ou outro parente; socorre-se da influência de um tio, primo ou irmão para obter empréstimo, financiamento bancário ou outro qualquer tipo de favor - que dependa do tradicional tráfico de influências.

Por outro lado, existe, para a maioria da população, a idéia de um ancestral comum, apesar do "kindred" ser formado pelos descendentes comuns de um certo número de avós. Existe solidariedade entre Ego e seu primo, não porque ambos descendam de um ancestral comum, mas porque seus pais são irmãos. Um de nossos informantes não tinha especial simpatia por um seu primo. Considerava-o "caradura". Todavia, quando o primo veio pedir sua interferência junto às autoridades educacionais, - a fim de obter bolsa de estudos para um filho, nosso informante não recusou o favor: "nossos pais são irmãos e meu pai não ia deixar de atender a um irmão". Significativamente a troca de favores é menos frequente entre primos em segundo grau (muitos - de nossos informantes nem conheciam seus primos segundos) e praticamente inexiste entre colaterais mais afastados (excluindo-se a camada dominante, que apresenta algumas características peculiares, como veremos mais adiante). Vale notar, todavia, que, a menos que exista uma situação de hostilidade declarada entre primos ou outros parentes, não se deixa, normalmente, de atender a um pedido, desde que isso não implique em prejuízo para o indivíduo (ou para sua família.)

A profundidade e a extensão horizontal do conhecimento de parentesco e, por implicação, a amplitude do "kindred" efetivo, ou das relações de parentesco socialmente significativas varia entre as várias camadas sociais de Itá-Açu. Antes de descrevermos tais variações vejamos como se definem, na esfera jurídico-legal, as relações de parentesco e com esta definição se diferencia daquela existente ao nível - da consciência social local.

O Código Civil Brasileiro em seu Título V na parte referente ao Direito da Família, define, no artigo 330, o que se entende por relações de parentesco: "São parentes, em linha reta, as pessoas que estão umas com as outras na relação de ascen-

dentes e descendentes"; e no artigo 331: "São parentes em linha colateral, - ou transversal, até o sexto grau, as pessoas que provém de um só tronco, sem descenderem uma da outra".

O parentesco vertical, ou em linha reta, conta-se por linhas e graus, entendendo-se por linha a série provinda do mesmo tronco, isto é do mesmo progenitor. Cada geração forma um grau, e a série de graus forma a linha. O grau é, portanto, a distância que há entre quêles que são unidos pelos laços de sangue, sendo parentes em linha reta, o filho, pai, avô, bisavô etc., em linha ascendente e o neto, bisneto etc. em linha descendente⁶). Note-se de passagem que a relação conjugal não é considerada uma relação de parentesco, nem mesmo por afinidade.

Na própria conceituação de linhas de parentesco, está implícita a bilateralidade do sistema, visto que a linha se subdivide em paterna e materna, - não estabelecendo o Código Civil qualquer diferenciação ou desigualdade entre as duas.

O parentesco colateral, é, como vimos, limitado ao sexto grau, o que, - na terminologia jurídica, corresponde ao parentesco entre primos segundos. No sentido vertical, todavia, não se estabelecem limites, o que não deixa de ser, do ponto de vista formal, uma contradição. A limitação horizontal é função dos direitos e deveres dos parentes e da carga afetiva diferencial supostamente existente entre cognatos de diversos graus: apesar do parentesco biológico extender-se "ad infinitum", parte-se do pressuposto que os vínculos de afetividade não se estendem além do que é chamado sexto grau.

Vejamos, todavia, como se configuram os limites do "kindred" ao nível da consciência local. Naturalmente, todo indivíduo sabe que descende de um certo número de bisavós e tetravós e que, colateralmente, possui parentes até os mais remotos graus de afastamento. Inexiste na cultura local, um limite rígido, quer no sentido vertical quer no horizontal, além do qual os parentes não são mais reconhecidos como tais. Todavia, o tamanho do "kindred" efetivo de cada indivíduo é variável, e depende de seus conhecimentos acerca de seus cognatos, assim como dos contatos com êles mantidos. A maior parte da população não é capaz de重构 sua genealogia acima da segunda geração ascendente. Mesmo os irmãos dos avós, são geralmente desconhecidos. Horizontalmente, predomina o limite dado pelo primo em primeiro grau, além do qual raramente se estendem os contatos permanentes. Existe uma nítida diferenciação entre primos em primeiro grau e os demais. Na verdade, a consciência social apenas distingue duas categorias: "primo irmão", e primos afastados, em geral, entre

(6) Cf. Carvalho Santos, 1953.

os quais não se estabelecem gradações.

Esta limitação colateral não significa que os primos segundos não sejam considerados parentes, ou que inexistam, de forma absolutas, relações de solidariedade e amizade entre primos segundos. Mas significa que poucas pessoas mantêm contato afetivo com tais parentes, ou mesmo conheça seus nomes. Vários informantes sabiam da existência de parentes afastados mas como disia um deles "nunca tivemos convivência". Isto não impede que, eventualmente, venha a se estabelecer contato significativo, troca de favores etc. Na verdade, uma das características do "kindred" é sua flexibilidade, permissibilidade, ou optatividade pessoal, permitindo, a qualquer momento, que uma relação de parentesco latente, ou potencial, em termos de sua significação social, se torne efetiva ou, inversamente, que o indivíduo, segundo sua vontade, deixe de conviver com este ou aquêle parente. Num caso ou outro, o fator determinante é a vontade individual. Esta permissibilidade se faz sentir tanto mais nitidamente, quanto maior for o grau de distanciamento, mas ela opera também no círculo mais interno, inclusive entre irmãos: é o caso de um informante, da camada B, que possui três irmãos, todos residentes em Itá-Açu. O informante mantinha contato regular com dois de seus irmãos, visitando-os por ocasião dos aniversários ou mesmo em ocasiões menos formais. Quanto ao terceiro irmão, raramente era visitado. Se se encontravam nas casas dos outros irmãos. Entre eles tampouco se processava qualquer troca de favores, como ocorria com os demais (o informante já havia tomado dinheiro emprestado a um irmão e por sua vez, havia arranjado empréstimo para o outro). A razão do afastamento está na incompatibilidade entre as respectivas esposas e no fato dos irmãos apoiarem, cada um, sua própria mulher. No entanto - fato significativo - o informante declarou que, apesar do "esfriamento" havido, nunca deixaria de ajudar seu irmão, caso isso fosse necessário. Estava certo, por outro lado, de que poderia contar com a solidariedade do irmão, caso ele precisasse. Assim, se a optatividade do sistema, também se imprime em certas áreas das relações entre irmãos, ela não chega a assumir um caráter total.

Um sistema que apresente limites rígidos para o "kindred", traz como consequência, conforme aponta Campbell, que as relações colaterais que uma oriana pode herdar de seus pais sejam nitidamente limitadas. Os primos em segundo grau de seus pais não seriam mais seus parentes, num sistema onde os limites horizontais formalmente definidos pelo Código Civil correspondessem à realidade social. As consequências da delimitação precisa do "kindred" para os filhos e netos de um grupo de "siblings" é a de que um indivíduo tem apenas a metade de seu "kindred" em comum com seu primo em primeiro grau, e um quarto

em comum com seu primo segundo. Com a passagem de apenas três gerações os descendentes de um grupo de "siblings" deixariam de ser, formalmente, cognatos. Naturalmente, mesmo que não houvesse uma limitação formal do "kindred", membros cognatos nunca possuem o mesmo "kindred", a menos que sejam irmãos. Por isso mesmo, como vimos, o "kindred" é uma categoria de relacionamento, e não um grupo, conforme ressalta Freeman. Mas a limitação formal tende a diminuir ainda mais o número de cognatos comuns, até eliminar o parentesco, a partir da terceira geração como exemplo citado.

Em Itá-Açu, não ocorre tal limitação. Se é verdade que a maior parte da população não mantém contatos significativos além dos primos em primeiro grau e, em menor escala, além dos primos segundos, é verdade também que nada impede o reconhecimento de um parentesco mais afastado. Efetivamente, o simples fato de duas pessoas descobrirem que são parentes, mesmo que o parentesco seja remoto e que os cognatos em comum sejam poucos, leva a que se desenvolva entre elas uma atitude simpática. Mas não significa que se desenvolvam, necessariamente, relações de intimidade ou de solidariedade indondicional. Tais relações são extremamente subordinadas ao princípio da selatividade pessoal(7). Nada impede ao indivíduo de interrompê-las, ou mesmo pretender ignorá-las.

Se nada impede que se estabeleçam relações solidárias com parentes afastados, tais relações não são vivas, ou atuantes, na consciência de parentesco "da maior parte da população. O conhecimento do nome de um parente - cognato ou afim - além de outras características tais como residência, ocupação, nome do cônjuge, idade etc., fornece um índice aproximado da significância das relações de parentesco. Não nos foi possível realizar um "survey" bastante extenso a tal respeito, que nos permitisse quantificar o "universo de parentesco médio" da população de Itá-Açu. O material colhido a este respeito não permite um tratamento quantitativo. Todavia, podemos afirmar que, na Camada C, o conhecimento de parentesco raramente ultrapassa o círculo de primos em primeiro grau; mesmo o conhecimento dos primos não era completo. Isto no que se refere à nominacão.

(7) Não sómente em Itá-Açu, mas também em outros locais, tivemos oportunidade de observar que, quando uma pessoa deseja algo de outra, notadamente quando esta outra ocupa posição de mando, sempre que possível, invoca-se um parente comum - um avô, um bisavô, um tio, etc.. Conversa-se algum tempo sobre os parentes comuns e em seguida aborda-se o assunto central, já contando com uma atitude de boa vontade.

Quanto às demais características era extremamente fragmentário, além do grupo de irmãos. Conforme era de se esperar, os parentes maternos eram melhor conhecidos que os paternos (irmãos da mãe a primos maternos): já nos referimos antes aos fatores que conduzem ao truncamento do grupo doméstico e como este truncamento provoca uma limitação do "kindred" efetivo do indivíduo; dissemos também que o contato com a família de origem, é maior por parte da mãe que do pai. Verticalmente, nenhum informante era capaz de dizer o nome do bisavô paterno e quase nem um materno. O informante que foi capaz de nominar o maior número de cognatos, citou apenas 21. O conhecimento dos cognatos do cônjuge limitou-se aos pais e irmãos do marido, mas alcançou até os primos em primeiro grau da mulher, novamente sugerindo a matrifocalidade do sistema. O conhecimento completo das características mencionadas - nome, residência, ocupação, idade, nome do cônjuge só foi encontrado em relação aos irmãos e pais (no sentido de abranger a totalidade destes cognatos) quanto aos primos primeiros era muito fragmentário.

Firth(8) num dos melhores estudos sobre parentesco em sistemas urbanos, ressalta que existem diferenças entre parentes reconhecidos e parentes nominados: o reconhecimento de uma pessoa como parente não implica, necessariamente, no conhecimento de seu nome; inversamente, o conhecimento do nome nos leva obrigatoriamente à existência de relações significativas. Podemos admitir, todavia, que, de um modo geral, o grupo de parentes com os quais são mantidas relações efetivas é normalmente constituído por aqueles parentes cujos nomes são conhecidos; ou que as relações de parentesco socialmente significativas não se estendem, via de regra além do número de parentes nominados. Firth também observou que a mobilidade espacial é um dos fatores que levam a interrupção das relações entre parentes, ou ao esquecimento de certas conexões consanguíneas (ou afins), podendo provocar o que Freemann chamou de "amnésia estrutural"(9). Evidentemente, a mobilidade espacial também se verifica nas demais camadas sociais; todavia é mais comum que se mantenha contato regular através de correspondência escrita ou visitas periódicas. O indivíduo não mantém correspondência com todos os seus parentes geograficamente dispersos, mas, ao mantê-la com um deles, ou com alguns, recebe notícias de outros, mantendo-se relativamente atualizado quanto ao seu universo de parentesco. Assim como os contatos pessoais, a correspondência à distância ocorre mais frequentemente entre pais e filhos (notadamente entre mães e filhas - se "escrivãs da família") e entre irmãos. Na Camada A, no entanto, é comum a correspondência entre parentes homens (pais, filhos, irmãos e primos) visto que muitas vezes participam dos mesmos grupos econômicos e políticos. Um de nossos informantes, por exemplo - era deputado e vivia fora de Itá-Açu; mas mantinha contato constante com seu irmão que dirigia os negócios da família (fazendas e comércio) e com outros parentes em Itá-Açu, que também participavam do seu grupo político. Correspondia-se também com

(8) Cf. Firth 1956

(9) Cf. Freemann, op.cit

parentes em outras partes do país. Em outro caso, uma empregada era dirigida por um grupo de parentes: dois irmãos em Itá-Açu, outro em Belém, e um primo em São Paulo. A mesma situação não ocorre na camada C. Por outro lado, o baixo nível educacional e a falta de hábito de correspondência tendem a limitar as possibilidades de contato à distância. O próprio fato das casas nos bairros pobres não terem numeração, aliado ao desconhecimento do nome das ruas por parte de seus próprios moradores, fato constantemente verificado pelos entrevistadores, naturalmente dificulta o estabelecimento de correspondência regular. Quanto às visitas, a não ser entre aqueles que habitam locais relativamente próximos - como, por exemplo, a zona rural ou cidades vizinhas - e que afluem a Itá-Açu uma vez por ano, por ocasião das festas do padroeiro, são tardias proibitivas pelas despesas que acarretam.

Na camada B, o âmbito das relações entre cognatos é maior(10). Horizontalmente, o conhecimento de parentesco estendia-se, com falhas, ao círculo de primos em primeiro grau, no que se refere à nominização. Primos segundos nem sempre eram conhecidos, ou nominados. Vários informantes disseram que sabiam possuir primos segundos, mas não sabiam seus nomes. As mulheres foram capazes de nominar maior número de primos segundos que seus maridos, mas não podemos saber se seu conhecimento é completo, visto não dispormos de elementos para comparar o número de primos nominados com o número de primos efetivamente existentes. A unidade de entrevista era a família, o que nos dá 10 informantes masculinos (maridos) e 10 femininos (esposas). Uma limitação de nossos dados - foi a de não termos contatos com informantes não casados (solteiros, viúvos, desquitados ou separados). De qualquer forma, as 10 mulheres nominaram 42 primos, enquanto os homens nominaram apenas 34, o que nos dá uma média de 4,2 para os primeiros, contra 3,4 para os últimos. No sentido vertical, todos os informantes foram capazes de nominar até avô, tanto paterno como materno, mas nem todos conheciam os demais estranhos mencionados: apenas três informantes masculinos e quatro femininos. Significativamente - na medida em que um número tão reduzido de informantes pode levar a resultados significativos - dos três informantes masculinos, dois pertenciam às "famílias tradicionais" da cidade. Quanto aos bisavós, 7 homens e 6 mulheres saíram nominar um deles - mas apenas 2 homens e 2 mulheres foram capazes de nominar todos os 4 pais; eram os mesmos "filhos de famílias ilustres". Note-se que em todos os casos os cônjuges eram primos entre si.

(10) - O número de famílias entrevistadas é pequeno, limitando-se apenas 10, contra igual número na camada C e apenas 2 na camada A. As possibilidades de generalização são portanto, pequenas.

Outro informante, também de família tradicional, conhecia toda a genealogia, de sua família, até os bisavós, dos quais um, como veremos adiante, é uma espécie de "herói civilizador" da família. Este informante era considerado o historiador de Itá-Açu. Além de seus cognatos - na sua própria geração, nascendo seus pais, - dos avós e bisavós - possui também conhecimento considerável dos afins de cada um. Preocupado em reconstituir a árvore genealógica da família, costumava escrever - para parentes distantes, solicitando informações a respeito. Horizontalmente, na geração dos pais, eram conhecidos todos os seus irmãos, tanto por parte dos homens como das mulheres. Os irmãos dos avós eram muito menos conhecidos - sómente os já referidos membros de famílias tradicionais sabiam nominá-los, mas com lacunas. Ninguém conhecia os irmãos dos bisavós, a não ser o historiador local. Note-se - porém, que ele não os conhecia de memória, mas apenas através de consulta de seus documentos. Dentre os informantes da camada B, aquele que era capaz de nominar - maior número de parentes, contou 33, não incluindo nosso informante historiador - que conhecia mais de 100.

Em resumo, o "kindred" nominado - provavelmente mais extenso que o "kindred" efetivo - é também relativamente reduzido na camada B. As relações socialmente significativas não abrangem a totalidade dos parentes nominados: alguns nunca haviam sido vistos, pois moravam em outros locais; outros moravam em Itá-Açu, mas os contatos eram pouco frequentes. Como veremos adiante, as visitas trocadas entre parentes, eram realizadas predominantemente entre pais e filhos e secundariamente entre irmãos; visitas entre tios e sobrinhos, e entre primos, eram relativamente pouco frequentes. Quanto aos afins, eram conhecidos todos os pais e irmãos, visitas entre tios e sobrinhos, e entre primos, eram relativamente pouco frequentes. - Quanto aos afins eram conhecidos todos os pais e irmãos do cônjuge, tanto marido como mulher. Poucos, todavia, conheciam afins de outras gerações, como irmãos e primos da mulher do tio. Dos 10 informantes masculinos 5 não conheciam nenhum cognato dos cônjuges do grupo de "siblings" dos pais. Dois informantes conheciam algumas poucas parentes das esposas de seus tios e dos maridos de suas tias. Três informantes foram capazes de nominar primos dos cônjuges dos irmãos dos pais.

Dentro dos limites de "kindred" observam-se algumas variações. Enquanto as relações entre um indivíduo e sua família de origem se aproximam de um tipo - obbligatório, aquelas que mantém com os demais membros do "kindred" são do tipo - permissivo. Dentro da família de procriação, naturalmente, as relações são categóricas, conforme é definido, aliás, nos códigos legais. Nenhum filho pode se eximir de prestar assistência aos pais, sob pena de incorrer na sanção dos parentes - e da comunidade, mesmo que não fique sujeito a penas legais. Igualmente, um irmão não pode deixar de ajudar outro, quando isto se torna necessário. Uma das famílias entrevistadas havia se mudado para uma casa maior, a fim de poderem abrigar a nora do marido, apesar de isto implicar em maiores despesas. Outra família -

havia adotado os filhos da um irmão do marido, cujos pais faleceram, apesar disso reduzir a renda "per capita" da família, com o acomesso de mais duas crianças. Já nos referimos antes, quando falamos do ciclo evolutivo do grupo doméstico, - que os pais idosos passam a residir com os filhos casados. No entanto, dissemos - também que, havendo mais de um irmão, um dos fatores a determinar com qual deles ficará o casal ascendente é dado pela situação econômica diferencial dos filhos, - que parece sugerir uma certa preemência dos interesses da família da procriação.

A frase de um informante define bem a diferenciação interna das relações de parentesco: "A pessoa deve pensar primeiro na mulher e nos filhos. Deve ajudar os pais, porque foram eles que deram educação. A um irmão não se deve negar auxílio. Os outros parentes dependem se a gente puder ajudar, ajuda. Depois, não é com todos que a gente se dá." Todavia, parentes, considerados abstratamente, sem especificação do grau de parentesco, tem predominância sobre não parentes. Perguntamos a vários informantes se a obrigação de ajudar um parente era maior que a de assistir a um amigo. Quase todos responderam afirmativamente. Apenas dois disseram que "o verdadeiro amigo é igual a um irmão". Ao colocarmos pergunta mais concreta, porém, as respostas acusaram certa mudança. Perguntamos: se um parente e um amigo pedissem dinheiro emprestado, simultaneamente, estando o informante em condições de atender a apenas um dos pedidos, quem teria sua preferência. Nesta situação, todos responderam favoravelmente ao parente. Todavia, não especificamos o grau de parentesco. Possivelmente, os informantes pensaram em parentes próximos, naqueles com os quais mantinham contato mais íntimo. Se tivéssemos decomposto a situação segundo graus diversos de parentesco, possivelmente surgiria uma graduação de atitudes, no sentido de que, quanto mais afastado o grau de parentesco ou quanto menor o contato efetivo com certas categorias de parentes - tanto mais provavelmente seria o parente equiparado ao amigo. Fizemos ainda uma terceira pergunta: se um parente cometesse um ato desonesto contra um amigo, com quem se solidarizaria o informante. Nesta situação, contrariamente às anteriores, nenhum informante declarou que apoiaria o parente. Isto todavia, não corresponde à observação: toda a cidade sabia que certo comerciante havia protegido um seu irmão, que roubara a firma para a qual trabalhara, escondendo-o e providenciando seu embarque para outro Estado. Em outro, caso, um indivíduo havia desviado o gado de um fazendeiro, amigo de seu pai. Este último igualmente providenciou a mudança do filho para outro local prometendo pagar a dívida. Mas, neste caso encontramos uma situação de conciliação entre as obrigações relativas ao filho e aquelas devidas ao amigo, além de um esforço - no sentido de proteger a reputação da família. Para o pai, tornava-se necessário - bafar um eventual escândalo, a fim de impedir que "o nome da família ficasse manchado".

do".

Se aa relações fora do círculo interno de pais, filhos e irmãos, tende para a permissibilidade, esta última tem suas limitações: o indivíduo pode escochar aqueles parentes com os quais deseja conviver mais intimamente; pode isoluir certos parentes em seu círculo de sociabilidade. Mas não pode hostilizar um parente, mesmo afastado, ou deliberadamente prejudicá-lo. Não pode também deixar de ajudá-lo, se solicitado, a menos que esta ajuda implique em prejuízo para si mesmo.

Se entre primos predomina a seletividade pessoal é preciso notar, todavia, que êles constituem uma categoria importante no que se refere aos padrões de sociabilidade e socialização. Conforme veremos adiante, a sociabilidade entre adultos toma lugar, preponderantemente, fora do círculo de parentesco. Todavia, para as crianças, o grupo de brinquedo tende a limitar-se aos irmãos e primos. Ademais, os primos são a única companhia permitida para as moças, pois espera-se que saibam "respeitá-las", coisa que não se espera dos demais homens". Todavia, as relações sexuais entre primos não são consideradas incestuosas; muito pelo contrário, o casamento entre primos é preferencial. Note-se, todavia, que sómente entre as chamadas "famílias tradicionais" encontra-se uma frequência significativa de casamentos endogâmicos.

As relações de parentesco são ainda seletivas de um outro ponto de vista. Se por um lado, são maiores as obrigações entre irmãos do que entre primos, isto não significa que o indivíduo recorrerá primeiramente a irmãos e apenas secundariamente a primos, ou outros parentes mais afastados. Se um irmão e um primo ocupam, na estrutura social, posições equivalentes para determinada ação, relacionada com a obtenção de um favor, o indivíduo recorrerá preferencialmente ao irmão. Mas o critério de seleção do parente ao qual se recorrerá, depende, basicamente, das possibilidades efetivas de prestação do favor, e secundariamente, do grau de parentesco. Se um tio, ou um primo segundo goza de uma situação de influência política, ou se tem acesso, como "cliente", a alguém que ocupe posição estratégica no sistema de poder, êle será escolhido. Um pequeno comerciante desejava obter nomeação de uma sua filha para o cargo de professora estadual: Um irmão do comerciante era "cabo eleitoral" do prefeito de Itá-Açu e, aparentemente gozava de certo prestígio junto ao mesmo. Todavia, um primo daquele comerciante era amigo de um deputado pelo partido situacionista em âmbito estadual. - Como a nomeação pleiteada dependeria de "pistolão" junto ao governador, o comerciante recorreu ao seu primo cuja posição, na teia de relações interpessoais era mais estratégica. Mas, deve-se notar que esta seletividade também possui suas limitações: se o parente "estratégico" não participa do círculo de relações significativas do indivíduo, isto é, de seu "kindred" efetivo, é menos provável que êle se esforce para atender ao pedido. Paralelamente, um irmão se esforçaria mais do que um primo.

A camada social mais elevada é aquela que apresenta o "kindred" efetivo mais extenso, a julgar pelo número de parentes nominados. Todavia, tal amplitude é - bastante inferior àquela encontrada em outras partes do País. Hutchinson, em seu estudo sobre Vila Recôncavo, relata que uma informante foi capaz de se recordar sem recorrer ao auxílio de documentos ou de outras pessoas, de 250 parentes(11). Em Itá-Açu, o informante da camada A que maior número de parentes conseguiu enumerar alcançou apenas 52. Não obstante, é um número bastante maior que o encontrado nas demais camadas. Por outro lado, devemos recordar que a genealogia - socialmente significativa do informante iniciava-se com seu bisavô, contando portanto, com apenas três gerações ascendentes.

Na camada A, distinguimos dois grupos distintos: as "famílias tradicionais" e os adventícios. Entre estes últimos encontramos alguns já nascidos no local, isto é, cujos pais eram migrantes, e outros que chegaram, eles mesmos, de fora. De maneira geral, as relações de parentesco do grupo adventício casambla-se ao da camada média. Entre as "famílias de elite", todavia, encontramos diferenças - bastante acentuadas.

Assim como nas demais camadas, tampouco existe um limite formal, além do qual uma pessoa não é reconhecida como membro do "kindred". Aliás, um tal limite, não seria consistente com o casamento preferencial endogâmico. Horizontalmente, o reconhecimento de parentesco, isto é, os nominados, abrange todos os primos em segundo grau e inclui também outros mais afastados. Ao contrário da camada B, na geração imediatamente ascendente, o reconhecimento não se limita apenas aos grupos de "siblings" materno e paterno. O conhecimento de parentesco da Orlando Alves estende-se colateralmente de forma a incluir, por exemplo: o irmão da mãe; a mulher do irmão da mãe; a irmã da mulher do irmão da mãe; o marido da irmã da mulher do irmão; o marido da irmã da mulher do irmão da mãe e outros. Do lado paterno o reconhecimento horizontal das gerações ascendentes, é igualmente extenso. Na verdade, é mais extenso, visto que o pai, o pai do pai, e os respectivos grupos de "siblings" descendem diretamente do Comendador, considerando o fundador da família, e não sómente da família, como também da "elite" de Itá-Açu. Apesar de outras famílias "tradicionais" não concordarem com isto, Orlando Alves, nosso informante principal bisneto do Comendador, considera a sua "linhagem" a mais "distinta" da cidade. As outras "linhagens", aliás ligadas por casamentos com a de Orlando, consideram-se tão importantes como o dele. Para Orlando existe como que uma graduação de prestígio das "linhagens": a principal é a sua seguida de outras duas, pertencentes, há várias gerações, ao mesmo grupo político. A liderança deste grupo sempre pertenceu aos descendentes diretos do Comendador, sendo transmitida de pai para filho.

As outras duas, ligadas em três gerações àquela, por casamentos, ocupavam posições de destaque, na secundária face à dos Alves. Seguiam-se, indistintamente, outras "famílias", pertencentes à facção rival. Também indistintamente eram consideradas corruptas, já que a corrupção era tida como uma das características - daquela facção: "Se entra para o...(partido rival) quem é adrão, porque não seria aceito no...(partido de Orlando)." No entanto, tendo sido realizadas eleições em Itá-Açu, durante nossa permanência, na ocasião, tivemos oportunidade de assistir a inúmeras práticas, de fraude eleitoral - "mapismo" - por parte de adeptos de Orlando, com a conivéncia do juiz local, amigo pessoal dos Alves. Outras práticas eram também usadas, por ambas as facções: confundir eleitores abundantemente da facção oposta; comprar votos; fornecer vários títulos eleitorais - ao mesmo indivíduo, para que pudesse votar em mais de uma seção eleitoral (para isso existiam já os caminhões destinados a transportar os eleitores da cidade para vilas do interior); serrar os suportes das pequenas pontes de madeira que atravessam os igerapés, a fim de impedir a passagem de caminhões que transportavam eleitores de vários "currais eleitorais" (cada bairro rural define-se como adepto de uma facção, sabendo-se, de antemão, qual será o resultado aproximado da apuração da urna correspondente). Outras práticas costumeiras são as de nomeação de cabos eleitorais e de parentes, desvio de verbas públicas, demissão ou remoção de funcionários (as professoras primárias são particularmente sujeitas a esta forma de instabilidade).

O Comendador é uma espécie de "ancestral mítico". Significativamente, - Orlando não conhece o nome de seus irmãos. Sabe apenas, vagamente que vieram de Portugal e se instalaram em outras partes do País. O Comendador surge na consciência de Orlando a partir de seu enriquecimento, vila de Itá-Açu. A rigor, não poderíamos falar de enriquecimento, visto que isto implica num processo de ascenção social, e, portanto numa origem menos distinta. Na consciência de Orlando, o Comendador já surge rico, ou melhor, no topo da "elite". Dada a importância da posição social do ancestral para a afirmação, de status da família de Orlando - e principalmente todos os parentes e sobrinhos - torna-se claro que a figura do Comendador dava cristalizar-se na memória grupal como alguém que "já surgiu feito". Pela mesma razão, o Comendador é o princípio de tudo naquela família, espécie de Adão familiar.

Bem diferente é a atitude dos membros recentes da comunidade dominante. - Sendo migrantes que ascenderam socialmente através da manipulação das flutuações econômicas e das conexões políticas, ao contrário dos tradicionais, não grande ênfase a seu próprio processo de ascenção, fazendo questão de mostrar como "pertiram do nada". Conhecida que é a sua origem social pela comunidade, não que valorizá-la transformando um "handi-cap" em elemento de auto-affirmação. Todavia, -

Estes "arrivistas" não escapam de uma certa ambiguidade para seus filhos esforçam-se em conseguir casamentos com filhas de famílias tradicionais. Trata-se de adicionar à situação de classe o elemento status.

A valorização do antepassado não se observa apenas nas famílias tradicionais da camada A. Vários dos atuais descendentes dos "fundadores" encontram-se hoje, em posição social inferior (camada B), e mesmo, em uns poucos casos, no estrato mais baixo. Para aqueles que descederam socialmente, o nome da família é de fundamental importância. Tanto assim que, conforme já dissemos, há quem adote o sobrenome materno. O já referido historiador local é um exemplo. Estabelecendo contato com ele, verificamos que a história de Itá-Açu que há longos anos vinha escrevendo, era, na realidade, o relato sobre as atividades de seus antepassados. Na verdade, dizia ele, "a história de Itá-Açu é a história da família Alves." O século e meio que medeia entre a fundação da cidade e o surgimento do Comendador não enterra em suas cogitações históricas senão de forma perfumária. Sua preocupação com a ascendência revela-se no empenho que punha na reconstrução da árvore genealógica da família. Sendo ele uma espécie de arquivo do "kindred", seu conhecimento compensava o relativo desconhecimento de Orlando e outros parentes, - quando comparados ao exemplo citado por Hutchinson. Dissemos que Orlando não conhecia os nomes dos colaterais de Comendador, mas, apesar disso, reconhecia primos além do segundo grau. Não havendo limites formais no "kindred", - não constitui isto uma contradição estrutural entre os limites profundos e extensivos do mesmo. Orlando reconhecia como parentes seus não apenas netos dos irmãos de seu avô, portanto seus primos segundos, mas também a filho de um filho do irmão da mulher do irmão do avô. Nota-se que, num sistema exogâmico, isto é, de casamentos fora do "kindred", este indivíduo não curia seu cognato. Ocorre, todavia, que o pai do avô do neto era casado com a irmã de seu bisavô materno. Orlando, além de seus cognatos, é capaz de nominar vários afins nas gerações ascendentes. Na família de Orlando os afins são mais "cultivados" que na camada média. - Quando surgem dúvidas sobre a existência de relações de parentesco - consanguíneo e/ou afim - Orlando costuma consultar seu parente historiador, como ocorreu quando - da chegada à cidade de uma família de classe média, onde nem o nome materno nem o paterno eram Alves, esse onde havia uma relação de consanguinidade através - dos ascendentes anteriores. Uma vez estabelecida a conexão, e surdo a família em - questão de relativo status. Orlando passou a se considerar na obrigação de ajudá-los a encontrar moradia e a convidá-los para visitas.

Pela maneira geral, nas famílias tradicionais, a ênfase nos vínculos de parentesco é patrifocal. Orlando, por exemplo, valoriza mais sua linha paterna - do que a materna, apesar de seus pais serem primos. Mas foi de seu pai que herdou

a liderança do grupo de "siblings" e de parte dos colaterais; seu pai, por sua vez havia herdado a liderança do avô de Orlando, que a herdara do Comendador. - Se perguntarmos a Orlando a que "família" pertence, ele dirá que é descendente do Comendador, mas sómente se insistirmos fará referência aos demais bisavós. Todavia, como já dissemos, em ações das famílias tradicionais empobrecidas, ou nos casamentos de adventícios com filhas de tradicionais, podemos observar o oposto, isto é a ênfase na linha materna e o "esquecimento" do outro lado. Isto nos coloca novamente face à flexibilidade do sistema: basicamente bilateral ele permite, não obstante, uma certa gama de variações segundo as conveniências da família do indivíduo, flexibilidade esta que pode conduzir até uma alteração na forma da nominação.

O casamento endogâmico entre as famílias tradicionais é preferencial. Todavia, existem também casamentos exogâmicos e estes, em gerações anteriores às de nossos informantes levaram à ligação entre várias famílias de diferentes "linhagens". Afirmando alguns informantes que, investigando-se em detalhe todas as genealogias da "elite" verifica-se-lhe que são todas aparentadas, por consanguinidade ou afinidade. Mas, se o casamento endogâmico é preferido, ao nível ideal, e se realmente são estes os casamentos entre primos, em primeiro ou segundo grau, e também entre afins, por outro lado, torna-se necessário, em certas circunstâncias, recorrer ao casamento exogâmico. Isto é, no dizer de um informante, "o casamento da tradição com o dinheiro". Na "família" Alves os casamentos endogâmicos não são frequentes. Orlando contou 37 casamentos endogâmicos num total de 53 (entre primos primeiros, primos segundos e outros mais afastados). O próprio Orlando é casado com a filha da irmã da mulher do irmão de sua mãe. A mãe de Orlando, por sua vez, é filha do irmão do pai de seu marido. O casamento exogâmico decorre de uma série de fatores: nem sempre existe cônjuges disponíveis entre os parentes; visto que o equilíbrio entre os sexos não é perfeito. O perigo de desonra social nunca deixa de estar presente, entre outras razões, pela competição movida pelos adventícios, na esfera econômica e no sistema de poder. Os ramos que descendem esforçam-se por reascender. Entre os adventícios nota-se a preferência por casamentos com pessoas de "famílias tradicionais". A conjunção desses fatores configura uma situação em que o casamento exogâmico se revela funcional tanto no sentido da manutenção de posições sociais por parte dos "tradicionalis", como no sentido da consolidação da ascensão social dos adventícios.

O reconhecimento "profundo" do parentesco; a importância do ancestral; a preferência pelo casamento endogâmico; o esforço em manter propriedades territoriais, negócios comerciais e liderança política nos limites da "linhagem", são peculiaridades que parecem conferir a estes "famílias tradicionais" certas carac-

terísticas de grupos corporativos. Todavia, uma tal caracterização deve ser tomada com cuidado. Conforme aponta Campbell, a descendência de um ancestral ou grupo de ancestrais define a participação no grupo e identifica os interesses de seus membros. É possível falar de um grupo de descendência bilateral corporativo quando a participação depende da filiação através de ambos os pais, mas num tal caso a sociedade em questão teria de praticar a endogâmica abrigatória. Ademais, num tal grupo implicaria em obrigações categóricas entre todos os parentes, coisa que não ocorre entre as famílias tradicionais. Segundo tal conceituação, não poderíamos definir as "famílias tradicionais" como grupos corporativos: o casamento endogâmico é preferencial, mas não prescritivo; se o "kindred" efetivo é mais amplo que nas demais comunidades sociais e se envolve uma intensa articulação política; se existe uma tradição de pertencer a um mesmo grupo político e se a liderança é transmitida por heranças; se existe uma ênfase na "linha" paterna, o sistema não perde sua bilateralidade e seu caráter optativo. Um filho do pai de Orlando, por exemplo, abandonou a facção liderada pela família e ingressou no grupo rival, o que deixa clara, a permissibilidade do sistema. Vale notar, porém, que a divisão política do "kindred" não deixa de ter sua funcionalidade, visto que tende a impedir que uma derrota política seja seguida de perseguições por parte do grupo vencedor - fato comum na política ~~moderada~~^{moderada} brasileira. É bom verdade, porém, que o caso do tio de Orlando é excepcional: a grande maioria do "kindred" de Orlando, de qual este último é o líder, pertence à mesma facção e age de forma coesa na arregimentação de eleitores, no financiamento das campanhas eleitorais, manipulação de instituições estatais etc. É bastante significativo que numa eleição municipal, Orlando insistisse em lançar a candidatura de um primo, apesar deste não residir na cidade e não possuir possibilidades eleitorais fora do círculo de parentesco, e apesar de, na mesma facção, existirem outros candidatos potenciais - com melhores possibilidades. Como consequência, a eleição foi perdida.

Outro exemplo da permissibilidade é dado pelas relações entre Orlando e um seu parente afastado, marido de uma consanguínea. Ao inquirirmos Orlando sobre a extensão do seu universo de parentescos genéticos notamos que ele omitia o nome de uma parenta empobrecedora casada com um eletricista. O "conhecimento" era proposital, visto que Orlando tinha pleno conhecimento de sua existência. Até poucos anos de noiva chegada a Itaí-Açu, Orlando não sentia nenhuma亲缘关系 com este seu parente. Talvez mesmo ignorasse a existência de vínculos de parentesco. Aquela era, porém, um ano eleitoral e, entre os possíveis candidatos à 2ª praça municipal figurava o eletricista. Verificadas as suas chances eleitorais o parentesco foi súbitamente "descoberto". O eletricista passou a ser apoiado; as genealogias foram desafiadas e as relações de família foram invocadas, dentro de uma tática - para atrair o candidato para o grupo liderado por Orlando. Eleito o eletricista,

mantiveram-se as relações de cordialidade. Orlando passou a visitar seu parente e este passou a visitar o primeiro, sentindo-se muito prestigiado com tais convivências, mas - estas visitas eram seletivas e não incluiam as ocasiões mais formais quando só os parentos, consanguíneos ou afins - e amigos mais "importantes" eram convidados. Finalmente, cessando a utilidade do parente, cessaram também os contatos. Note-se um detalhe: Se Orlando relutava em incluir a mulher do eletricista em sua árvore genealógica; o oposto ocorria com ela: o primeiro parente por ela mencionado fôr o próprio Orlando.

Inexistem portanto os requisitos formais para a definição das "famílias tradicionais" como grupos de descendência. A patrifocalidade, ou a ênfase na linha paterna não elimina a bilateralidade. A ênfase diferencial é função das necessidades de reconhecimento social do indivíduo e da família, podendo a "patrilinearidade" ser substituída pela "matrilinearidade", conforme já dissemos. A filiação e grupos de interesses não é absoluta. A flexibilidade do sistema permite, segundo as conveniências, incluir, ou caixar de incluir determinadas pessoas no círculo de parentesco socialmente significativo.

A endogamia preferencial possui, porém certas consequências. Se o sistema fosse exogâmico, Orlando descederia de quatro pares de bisavós. No entanto, o casamento endogâmico faz com que existam apenas três pares, dos quais um tem nítida preeminência na consciência de Orlando. Conforme aponta Freeman a repetição de casamentos endogâmicos provoca uma redução no "kindred" teórico de cada indivíduo. O casamento exogâmico tem efeito oposto. A propósito Freeman cita Blackstone: "This done, Blackstone then goes on to compute the number of an individual's kindred² on the supposition that each couple of our ancestors... have left, one with another two children and each of those children on an average to have left two more. In this case the increase is in a quadruple ratio and in Blackstone's second table the number of kindred at the twenty-fifth ascending generation is shown as 274.877.906.944 persons "(12).

O próprio Freeman, porém, comenta: "It is most unlikely however, that Blackstone's totals have ever been realized in any actual society ... for they rest on the improbable assumption that in ascending generations there has been no marriage between consanguines! (13).

Prosegue ainda Freeman: "A very different example was put forward by Edward Christian... How the totals shown in Blackstone's two tables might be reduced by the intermarriage of relatives is seen, states Christian, in the following case: 'If two men and two women were put upon an uninhabited island and became two married couples, if they had only two children each, a male and a female, who intermarried, and in like manner produced two children, who were thus continue, ad infinitum'; it is clear there would never be more than four persons in each generations, - and if the parents lived to see their greatgrandchildren, the whole number

(12) Cf. Freeman, op. cit. pag. 204

(13) Idem, pag. 206

would never be more than sixteen; and that the families might be perpetuated without any incestuous connexion" (14).

Concordando os exemplos de Blackstone e Christian, finaliza Freeman: "For our present purposes it is Christian's example which is of interest for it bears on the phenomenon of the consolidation of the kindred, by marriage of close cognates as it occurs in many bilateral societies... If the marriage of cousins continues through generation by generation, this results in a continuing consolidation of stocks and produces a closer cognatic network than in societies in which the marriage of close cognates does not occur. This, I would suggest, is a most significant feature of some bilateral societies, for while they lack the large-scale descent groups of unilineal societies, their cognatic networks are close and cohesive and so of great importance in the multiplex relations of social life" (15).

No ponto de vista do "kindred" teórico, isto é, considerando-se o conjunto - total de cognacientes, o elemento exogâmico levantia o seu contínuo largamento. Todavia, do ponto de vista do "kindred" efetivo, isto é, o conjunto de cognatos com os quais são mantidas relações significativas, o efeito seria o oposto. O casamento endogâmico, tornando cognatos aqueles que de outra forma seria afins e aproximando cognatos afastados, tende a tornar mais amplo o círculo de parentesco com o que são sentidas relações efetivas de solidariedade. O casamento endogâmico é, assim, funcionalmente integrado de família e do grupo doméstico, visto que, em caso de conflito entre cognatos do marido e da mulher, tende a estancar a contradição de lealdade perante o cônjuge e perante os cognatos.

Em resumo, na Comunidade A, entre os "families tradicionais" é maior o alcance do parentesco socialmente significativo; o reconhecimento de parentesco tende a ser profundo, e não extensivo; a diferença entre sistemas extensivos e profundos, do ponto de vista do reconhecimento do parentesco, talvez possa ser dada pelo seguinte - exemplos de perguntas feitas a alguém da classe média: "porque Fulano é seu parente? Ele responderá "porque é meu primo". Se perguntarmos a Orlando Alves a mesma coisa, ele responderá "porque é descendente do Comendador". Efetivamente, perguntando a Orlando quem são os seus pais, respondem "todos que sejam de família do Comendador". Dessa forma, as classes sociais o conceito de família limita-se ao de família elementar. Para Orlando, família significa descendência. A ênfase é patrilineal. A semelhança das classes sociais, as relações de parentesco são também seletivas e bastante afetadas pelo status diferencial dos componentes do "kindred". Se existe uma certa coesão entre cognatos (incluindo afins), as laços de parentesco concentram-se no círculo menor do parentesco e nas "linhagens" (16). Têm, nos contactos informais, de vez a vez, observar-se nítida concentração no grupo de "siblings" e nos vínculos de pai-filho. Daí o conhecimento do parentesco não difere grandemente entre homens e mulheres, quando são cognatos próximos observe-se certas diferenças quando o grau do parentesco é mais remoto. Um casal, onde os cônjuges eram primos em primeiro grau tinham um universo de parentesco comum no nível da consciência. Outro casal, com-

(14) Cf. Freeman, pag. 206-207

(15) Ibidem p. g. 207

posto, por primos segundos, apresentava certas diferenças: o número de parentesco nominal dos eram aproximadamente o mesmo, mas a proporção dos que eram comuns a ambos era menor. As ~~similaridades~~^{relações} da mesma média, também era as mulheres responsáveis pelo maior número de contactos com parentes, e igualmente predominavam os contactos entre mãe e filhas.

Devemos finalmente, distinguir entre cognatos e afins. A primeira vista não parecem existir diferenças significativas. Se observarmos por exemplo, uma festa familiar, como - universários, notaremos a presença de afins: Visitas informais são feitas entre afins. - Afins são usados no tráfico de influências políticas (não verdade, não sómente afins, mas também afins de afins). Todavia, algumas diferenças bastantes significativas podem ser observadas.

Freeman, refutando alguns autores, como Nadol, que procuram incluir os afins na categoria das "kindreds" afirma: "It will be apparent that the extension of the kindred - to include affines is a radical departure from accepted usage, and indeed this in itself is ground sufficient for its rejection. But it is also to be seen that the argument with which Nadol supports his innovation is a misconceived one. Affinal relationships in one generation, it is true do become cognatic in the next, in the sense that a child traces cognation through both his parents, but the parents, non the less, remain affines the one of the other. Indeed, in society which permit the marriage of close collateral cognates the affinal tie is always recognised and spouses differentiated from other cognates. It follows that to submerge cognates and affines in a single term is to obscure an essential distinction, and to lose rather than gain analytical advantage".(17).

No verdade, a distinção entre cognatos e afins não é dada apenas pela legislação, - que estabelece direitos e deveres diferenciados, mas também pela consciência social local. Em várias de suas disposições, estabelece o Código Civil diferenças explícitas ou implícitas entre cognatos e afins: a tutela, por exemplo, deve ser exercida preferencialmente por conseguíneos e só em último caso por afins, sómento cognatos podem representar os cônjuges em efeitos de casamento (na verdade, sómente consanguíneos próximos, descendentes ou irmãos)

O populacho de Itá-Açu também distingue entre conseguíneos e afins. O próprio termo homólogo de parentesco reflete tal distinção, no diferenciar parentes de parentados. Se perguntarmos a um pessoa quem são seus parentes, ela enumera seus cognatos; se perguntarmos quem são seus parentados enumerará seus afins.

(16) Freeman lembra que "In most cognatic societies the range of a kindred is reckoned in degrees of consinship, but these are those who have reckoned the stock within a kindred" (Cf. Freeman 1964- 205). Em Itá-Açu os diversos stocks das famílias tradicionais não recebem reconhecimento jurídico; não obstante, distinguem na transmissão do poder e na tribuição de status.

(17) - Cf. Freeman, op. cit. pág. 201

Mas não é só na terminologia que se observam diferenças. Frequentemente pessoas mantêm relações de amizade com cunhados. Sob vários aspectos, o parentesco afim se assemelha ao consanguíneo. Todavia, à diferença deste último, inexistem relações categóricas entre afins. Assim, por exemplo, não existem obrigações do genro para com o sogro, o que se reflete na patrilocalidade da família extensa(18). Normalmente, é de se esperar que haja solidariedade entre afins próximos, mas esta solidariedade é subordinada àquela existente entre cognatos. A não ser na camada superior tradicional, é raro haver contatos com parentes de afins. Ademais, à diferença do parentesco consanguíneo, as relações de afinidades não possuem características de perpetuidade e não constituem elo da ligação com outras categorias de parentesco. É bem verdade que o sistema jurídico estabelece certas obrigações do genro para com o sogro. Todavia não existe correspondência entre a esfera jurídica e o sistema local. Normalmente, um indivíduo não deixaria de prestar auxílio a um cunhado ou a um sogro. Em certos casos o indivíduo chega a ser absorvido pelo "kindred" de seu cônjuge, como ocorre com os adventícios que se casam com filhas de famílias tradicionais. Mas prefere-se, sempre que possível, recorrer a um cognato. Se um dos cônjuges morre e o outro torna a casar, desfazem-se as relações com os pais e irmãos do primeiro. O mesmo ocorre nos casos de separação. Havendo novo casamento os cognatos do novo cônjuge substituirão os do primeiro no universo de parentesco do indivíduo. As relações de afinidade estão, assim, na dependência da relação conjugal. Desfeita esta última, desfazem-se também as primeiras, principalmente se a união conjugal se desfizer por incompatibilidade. Naturalmente, as relações de afinidade ^{não} limitam apenas aos cognatos do cônjuge de determinado indivíduo, mas estas são as relações afins que maior importância têm para ele.

Vejamos, agora, alguns dados relativos ao padrão de sociabilidade, expresso através da troca de visitas. O quadro seguinte é bastante significativo. Ele reflete uma das características básicas do "kindred" bilateral, isto é, que tal sistema não limita as relações de amizade e de sociabilidade a grupos sociais restritos, como ocorre em muitas sociedades unilineares. Com efeito, afirma Freeman: "Indeed, the development of the institution of friendship is marked in bilateral societies, for the formation of personal friendships is not impeded by loyalties to this or that segmentary descent groups"(19)

(18) A patrilocalidade é decorrência da conjugação de dois princípios estruturais um pertinente às relações de parentesco, limitando as relações categóricas – ao "kindred", outro definindo o papel preponderante do marido-pai na liderança da família e do grupo doméstico. Estes dois princípios encontram expressão também no Código Civil.

(19) Cf. Freeman, op. cit. pag. 212

O círculo de parentesco não se caracteriza, portanto, como em outras sociedades, pela limitação ao seu interior, da esfera de sociabilidade.

QUADRO V

Visitas feitas e recebidas, na sessão anterior à entrevista, segundo o relacionamento de parentesco e a categoria de status do informante. Cidade. %

Grupo de status do informante	Visitas feitas e recebidas		Total
	Parentes	Não Parentes	
A	25,58	74,41	43
B	39,18	60,82	268
C	34,63	65,36	179
Total	36,32	63,68	490

A maior parte das visitas foram realizadas por mulheres. A maioria das que tomaram lugar entre parentes, foram entre filhas e mães. As que se realizaram fora do círculo de parentesco, foram feitas dentro do grupo de vizinhos, exceto na categoria mais elevada. É curioso notar que, tanto na categoria mais alta, como na mais baixa, predominam de forma sensível, as visitas entre não parentes. No último caso, a explicação poderia ser buscada nas razões que limitam o âmbito e a intensidade das relações de parentesco, a que já foram mencionadas. Nos primeiros, é possível que o fato se dê como decorrência de ser bastante mais escassa a proporção de grupos domésticos formados por famílias extensas, o que significa que pelo menos um certo número de informantes já vive, ou convive, por força de sua situação residencial, com parentes (vale lembrar que as visitas foram realizadas preponderantemente entre filhos e pais, e que a família extensa, dentro do ciclo evolutivo do grupo doméstico é composta pela co-residência dos casais ascendentes e descendentes). Pudemos observar ainda que, por força da participação dos membros da camada A em grupos políticos ou outras associações referentes à estrutura de poder, nessas casas recebiam com grande freqüência a visita de correligionários políticos, sócios da Associação Comercial etc. Devemos lembrar que os trabalhos de campo foram realizados durante um ano eleitoral, portanto, numa época de intensificação dos contatos políticos. Isto possivelmente "viciou" nossos dados no sentido de uma super representação das visitas fora do círculo de parentesco.

Mas, se o grupo de parentesco em Ité-Açu, não fornece o âmbito dominante da sociabilidade, sua função como estrutura de solidariedade transparece claramente do quadro seguinte, onde são indicadas as pessoas a que se recorre usualmente em busca de ajuda financeira, ou em caso de doenças. Sendo pequeno o número de casos -

reunimos as duas instâncias num mesmo quadro, mesmo porque ambas correspondem a ocasiões de crise do grupo doméstico.

QUADRO VI

Pessoas procuradas em ocasiões de crise segundo a relação de parentesco e o status do informante. Cidade. %

Grupo de status do informante	Parentes	Não parentes	Total
A	75,00	25,00	4
B	58,73	41,27	63
C	59,37	40,63	32
Total	59,59	40,40	99

Neste que o grupo de não parentes surja com frequência relativamente elevada, a categoria de parentes é muito mais frequente neste quadro que no anterior.

Examinemos, agora, alguns dados relativos às áreas rurais. O quadro seguinte nos permite comparar a cidade com a zona rural.

QUADRO VII

Composição do grupo doméstico. %

Zonas	Família nuclear	Família extensa	Outras	Total (%)
Agrícolas	66,48	29,20	4,32	185
Extractiva	54,54	35,24	10,22	88
Total rural	62,63	31,15	6,22	273
Urbana	54,91	42,77	2,31	

Observa-se que em todas as situações, predomina a família elementar na composição do grupo doméstico.

Mas o quadro indica ainda outro fator de interesse: poder-se-ia esperar que encontrássemos em nossos dados a correlação geralmente aceita entre urbanização e predominância de família elementar. No entanto, o quadro indica justamente o oposto. Por outro lado, é exatamente onde o grupo de parentesco se revela mais importante como unidade cooperativa no esforço de produção que encontramos com menor frequência grupos domésticos compostos por famílias extensas. É o que ocorre na Colônia, onde o grupo de parentesco é reunido periodicamente em "mutirão", mas onde perto de 80% das unidades residenciais se compõem de famílias nucleares.

No seringal, e na cidade, onde predomina o trabalho individual ou familiar, é mais frequente a presença da família extensa.

Ao que parece, a correlação entre composição do grupo doméstico e urbanização ocorre apenas a partir de um certo ponto do processo de instauração da sociedade urbana, quando se acentuam as pressões estruturais díle emergentes. Cumpre distinguir, portanto, dentro da categoria geral "urbano" as subcategorias "urbano-industrial" e "urbano-tradicional", correspondendo a esta última, à nossa cidade de Itá-Açu. Apesar de decorescer a impositividade das relações de parentesco na determinação do universo social do indivíduo, ou de declinar o "familismo" na visão do mundo, na razão direta da urbanização, parece ter havido um certo exagero no chamado "isolamento" da família elementar. Parece também que se tem adotado, um tanto apressadamente, o modelo da sociedade urbana norte-americana como paradigma universal. Dois estudos realizados num dos principais centros urbanos - do mundo alcançam conclusões bastante diferentes, e mesmo opostas a suposta tendência ao isolamento familiar; são os estudos de Firth, 1956 e de Willmett & Young, 1960, focalizando a estrutura dos grupos domésticos e de parentesco em Londres. No Brasil, alguns estudos têm evidenciado a continuidade do padrão "família extensa" mesmo em grandes cidades (ver, por exemplo, Azevêdo, 1961). Também parece exagerada a associação entre família extensa e sociedade rural, que traz implícita a noção não muito correta de uma presumida uniformidade estrutural entre os vários segmentos rurais da sociedade brasileira. Sem dúvida, existem alguns elementos constantes na diferenciação rural-urbana, mas não são pequenas as diferenças estruturais entre, por exemplo, a Amazônia extrativista e a civilização do café; As relações de parentesco não possuem a mesma significação econômica na cidade e nas áreas rurais; mas, nem por isso, deixam de constituir, na primeira, uma categoria de referência, de afirmação pessoal e de solidariedade, ou, na camada dominante - de articulação política e dominação. Por outro lado, no seringal - éramos não menos rural que a Colônia - o "kindred" como unidade econômica é completamente irrelevante. Os dois setores rurais se assemelham entre si e se diferenciam da cidade no que diz respeito à função econômica do grupo doméstico; na cidade o engajamento no mercado de trabalho é um processo individual na zona rural a atividade produtiva - é alcançada pelo esforço conjunto do grupo doméstico.

Os fatos evidenciados pelo Quadro, podem ser explicados por um conjunto - da fatos. Vejamos, em primeiro lugar, as áreas agrícolas. A Colônia é aquela onde a família elementar atinge sua predominância máxima. O sistema de apropriação - da terra - parece fornecer um elemento explicativo: cada domicílio corresponde a - um estabelecimento agrícola, mais especificamente, a uma "pousada", pois são relativamente raros os casos de propriedade legal da terra. A abundância de terras devolutas, próximas uma às outras, permite que, com o casamento, seja ocupado um novo trato de terra, e constituído novo grupo doméstico, sem que isto implique, necessariamente em afastamento espacial em relação à família de orientação dos cônjuges.

Esta, na verdade, além de outros parentes, contribui com seu trabalho para a derrubada do novo trecho de mata, necessária para a instalação do casal. É possível que em locais recentemente ocupados por migrantes vindos diretamente do Nordeste, encontremos um modelo diverso. No entanto, observações assistemáticas parecem revelar, que este movimento migratório recente, assim como os mais antigos, se realiza não apenas por grupos domésticos, mas também por grupos de parentescos. Parecem revelar também que o migrante recente já conta com um ponto de apoio no local, representado por parentes já estabelecidos. Em alguns casos observados, estes últimos, após estabilizada sua situação, providenciavam a vinda de parentes que haviam ficado no Nordeste.

Já na área da várzea tende a se desenvolver uma situação diversa, indicando que o papel social da terra também se imprime na organização familiar. Nesta área também predomina a presença da família elementar, mas em proporção bastante mais reduzida que na Colônia. As terras devolutas, nos últimos anos, se tornaram mais escassas e, quando existem, são poucas adequadas ao cultivo do produto principal da área: a juta. Tende a se tornar cada vez mais difícil, assim, que o casamento corresponda imediatamente, a formação da nova propriedade e nova unidade residencial, independente da família de orientação. Por enquanto, porém, o casamento ainda é o fator preponderante para a cisão do grupo doméstico, embora retardada pelos fatores que conduzem à formação de famílias extensas, também ali patrilocais e temporária. Durante algum tempo, o casal, recém-constituído, reside com os pais do marido, fazendo às vezes seguida de emigração. Assim, enquanto no regime de posse, permitido pela existência abundante de terras devolutas, a cisão do grupo doméstico é acompanhada por um deslocamento espacial reduzido, dentro do mesmo bairro rural, na várzea, o regime de propriedade torna necessária, ou conveniente, a residência patrilocal temporária. Ainda na várzea, um dos filhos permanece definitivamente na casa paterna, a princípio como força de trabalho auxiliar, e mais tarde, com a velhice, do pai, como responsável principal. Tanto na várzea como na Colônia, um dos motivos alegados mais frequentemente para a saída do grupo doméstico de origem é o casamento. Apenas, na várzea, nos anos mais recentes, esta saída tende a ser retardada pelas razões apontadas.

Na área extrativa, a frequência mais elevada da famílias extensas, em comparação com as áreas agrícolas, parece decorrer do isolamento geográfico do grupo doméstico. Boa parte da população encontra-se dispersa por uma área relativamente extensa. Os grupos domésticos se distribuem ao longo do rio, segundo a distribuição espacial das seringueiras ou dos agrupamentos de aeringueiras que formam uma "col caçao". A comparação entre as áreas rurais, agrícolas, e extractivas, permite formular uma hipótese relativa à constituição do grupo doméstico:

elas representam, respectivamente, situações de crescente isolamento geográfico e, inversamente, de isolamento decrescente da família elementar, em termos residenciais. - Poder-se-ia dizer que, quanto maior o isolamento geográfico, menores as possibilidades de residência isolada. No seringal, polo extremo do "gradient" de isolamento, torna-se extremamente difícil para uma pessoa viver só, em termos residenciais. O mesmo é válido também para casais em idade avançada. Inexistindo grupos de vizinhança que constituem estruturas de solidariedade e de sociabilidade - sua função social é preenchida pelo grupo doméstico ou, mais precisamente, pela família extensa. É o que explica, no seringal, a inexistência de indivíduos vivendo só. É o que explica também, a tendência à agregação a uma família nuclear, mesmo que inexistam laços de parentesco (compensados às vezes pelos de compadrio), assim como a proporção relativamente alta em que surgem os casos que compõem, no quadro VII a categoria "Outros" - grupos domésticos formados - pela reunião de indivíduos sem parentesco entre si. Em resumo, as situações observadas levam à hipótese de que um sistema social que implique em isolamento geográfico produz uma tendência à aglutinação da população, através dos laços de parentesco, em famílias extensas, ou em outras modalidades de grupo doméstico, encerrado este último como unidade de divisão de trabalho e de sociabilidade.

Esta hipótese é complementada por outras em termos de expansão econômica - particularmente expansão da ocupação territorial - como ocorre na Colônia, e certamente pode dar lugar à formação de novas unidades domésticas e de produção; em termos de estagnação ou de retrogradação econômica, como é o caso do seringal, é menos provável que ocorra o mesmo. Se atentarmos para a estrutura global da economia extrativa, verificaremos que se trata de um sistema de produção anárquico, artificialmente sustentado, pelo trabalho estatal. Sem os financiamentos oficiais o seringal já se teria decomposto. O número de colocações improdutivas é cada vez maior. Assim sendo, é cada vez mais difícil a um casal recém-constituído ocupar nova "colocação", o que leva a um certo número de casais descendentes a permanecer temporariamente ou mesmo permanentemente, no caso dos pais do marido. Uma "colocação" dificilmente pode sustentar mais de uma família elementar. Isto, quando se encontram "casadas" próximas uns das outras, isto permite a residência conjunta de mais de uma família, principalmente de pais e filhos quando os primeiros se aproximam da velhice. Em outros casos, quando isto não ocorre, observamos o desenvolvimento de uma forma de dividir o trabalho: parte do grupo doméstico dedica-se à extração da borracha - e parte à agricultura de subsistência para consumo próprio e comercialização local. São, portanto, duas tendências convergentes que explicam, em parte, as diferenças interiores à zona rural. Todavia, permanece o fato de que, mesmo no Rio Grande, onde o isolamento geográfico seria um estímulo à formação de famílias extensas, a frequência destas últimas é menor que na cidade. Possivelmente o fato se deve à emigração motivada pela retrogradação econômica, e pela elevada mortalidade que tende a reduzir a proporção de pessoas idosas, diminuindo assim, as possibilidades de se formarem famílias extensas. O quadro seguinte novamente nos permite comparar a zona rural com a cidade. Como se pode ver, mesmo no seringal é -

menor a proporção de pais idosos que residem com filhos casados, quando comparado à cidade.

QUADRO VIII

Situação residencial dos pais em idade avançada.

Zona rural. %

	Residem c/fi- lhos casados	Residem c/filhos maiores solteiros	Residem c/fi- lhos menores	Outros	Total
Seringal	42,30	34,61	11,54	11,54	26
Agrícolas	23,94	42,25	21,12	12,67	71
Total	28,86	40,21	18,55	12,37	97

Obs: Assim como no Quadro III, sómente foram tomados os pais com mais de 50 anos.

No conjunto da área rural verificamos uma situação inversa à da cidade, consistente como nossas observações sobre a composição do grupo doméstico. Também lembramos que a residência separada não implica na destruição do grupo de parentesco enquanto a unidade de solidariedade. O número de casos correspondentes ao seringal é bastante reduzida, mesmo porque tudo leva a crer que a mortalidade naquela área seja elevada, o que evidentemente reduz a população em idade avançada. De qualquer maneira, os dados parecem confirmar o que dissemos quando relacionamos a composição do grupo doméstico com o isolamento geográfico. Na verdade, não encontramos nenhum caso de indivíduos em idade superior a 50 anos vivendo sóz, ou mesmo de casais em idade avançada que não estivessem agregados a uma família qualquer.

Verificamos que na cidade a família extensa é mais frequente que no campo: o mesmo ocorre no seringal, quando comparado às áreas agrícolas. Todavia, enquanto naquelas o grupo doméstico está isolado do grupo de parentesco - no que diz respeito à sua vida econômica - o inverso ocorre nestas últimas.

De uma maneira geral, como já foi dito, na zona rural, à cada unidade domiciliar corresponde uma unidade produtiva. O grau de concentração dos meios de produção é pequeno, caracterizando-se a área agrícola pela pequena propriedade, e mesmo pelo minifúndio. A tecnologia, por sua vez, é extremamente rudimentar. O tamanho da posse ou da propriedade é dado pela área possível de ser cultivada através da mão de obra fornecida pelo grupo doméstico. Como este último varia, em seu ciclo evolutivo, se não qualitativamente, ao menos quantitativamente, segue-se que também variará, correspondentemente, o tamanho da área cultivada. A divisão de tra-

belho, nas atividades agrícolas, se faz de acordo com o sexo, e desde o caráter mais ou menos "pesado" do trabalho, assim, cabe ao chefe do grupo, geralmente o marido, e aos filhos mais velhos o trabalho de preparo da terra, desde os braços e derrubadas, até a queimação e coivara. Nas etapas que vão do plantio à colheita, parte substancial do trabalho é realizado com auxílio da mulher e filhos. Se considerermos que as etapas iniciais são aquelas que exigem maior concentração de mão de obra, no mesmo tempo, são executadas apenas pelos elementos masculinos, surge uma discordância entre as exigências do processo produtivo e os valores normativos da organização doméstica. Neste considerando a composição do grupo doméstico, verificamos que aquela que mais favorece às suas atividades produtivas é uma em que predominam os filhos do sexo masculino, em idade econômica produtiva e ainda solteiros. Portanto, o momento estrutural do grupo doméstico influí em seu funcionamento como unidade econômica. Além disso a composição é ótima do ponto de vista de seu equilíbrio externo é a menos favorável ao equilíbrio interno. Torna-se patente, então a importância do grupo de parentesco maior como reservatório periódico da mão de obra auxiliar - principalmente se considerarmos que a predominância de famílias nucleares pode significar ausência ou rastrejamento de adultos outros que não os pais. Em outras palavras, o grupo de parentesco se configura como elemento de solução ou contratação entre a composição do grupo doméstico e a divisão de trabalho entre os sexos, socialmente estabelecida.

Raramente encontramos empreendimentos agrícolas ou pastoris explorados por mais de um grupo doméstico. Registram-se alguns casos de propriedades pastoris exploradas por duas ou mais famílias nucleares aparentadas entre si, ou outras, onde a terra (pastagens) é usada em comum, mas onde o capital (gado) é separado. Observamos também casos onde se forma uma "sociedade", entre irmãos, primos ou compadres. "Sociodades" é o termo local designativo de relações de parceria, dominante na ocorrência em pequenas escala. Parece haver uma certa preferência na alegação de parentes ao invés de estranhos, para a formação da "sociedade". Trata-se de uma situação onde as relações de parentesco tendem a suscitar o antinomismo social envolvido neste medíobrada de parceria.

O parque dominante, todavia, é o grupo doméstico como unidade produtiva isolada. Mas, para o pequeno produtor agrícola, as relações de parentesco, transcendentes ao grupo doméstico, são fundamentais. O baixo nível tecnológico das atividades agrícolas, revelado pelas incidências do fator trabalho, implica numa utilização relativamente abundante de mão de obra. Por outro lado, já mencionamos o fato da produção, mesmo na Colônia, em parte "gravosa", isto é o custo de produção é superior ao preço alcançado no mercado local ou regional. O sistema comunitário tradicional possui como requisito organizatório certas modalidades de assistência mútua - ou certas estruturas de solidariedade - como a mutirão, locamente denominado "puchirum". Todavia, transformações no nível da sociedade global conduzem ao gradativo abandono desse recurso integrativo tradicional. Muitos agricultores denotavam atitudes ironicamente negativas face ao "puchirum". Nós, se computarmos os custos de produção em termos em salários correspondentes aos dias / horas diárias utilizados por hectare cultivado, verificaremos as dificuldades do recrutamento de mão de obra assalariada. É quando se torna ////////////////

de importância crucial as relações de solidariedade envolvidas no sistema de parentescos é somente em seu interior que persistem as possibilidades de obtenção da força de trabalho necessário às fases mais onerosas do processo produtivo. O puchirum * deixou de ser uma atividade que congregava todo o bairro rural, para limitar sua função integradora apenas ao círculo de parentesco, excetuando-se, naturalmente, aqueles bairros onde o grupo de vizinhanga é o próprio grupo de parentesco. São os bairros constituídos pelo gradual translação de famílias nordestinas, parentadas entre si. Na verdade, trata-se da translação de grupos de vizinhanga inteiros, expulsos do Nordeste por compulsões estruturais e que se recompõem na Colônia. Nestes bairros, assim como em outros demograficamente estáveis, a repetição de casamentos intra-locais reforça ainda mais a tese de parentesco que une seus membros, e ponto de receber o bairro o nome da família, ou do círculo de parentesco, dominante: Pereira, Moraes, Carlos e - outros, são bairros bem conhecidos no município.

Assim, periodicamente, reunam-se os parentes, seja nas etapas de preparo da terra, seja por ocasião da farinha. Este não é todavia, a única modalidade de contato entre parentes. Fora dessas ocasiões, mantém-se a interação entre parentes através de um contínuo troco de pequenas favores e de um permanente movimento de visitas recíprocas, permitidas pela própria proximidade das residências. Esta interação é mais frequente entre um indivíduo e sua família de orientação, mas não se excluem absolutamente, os contactos entre as famílias de irmãos, primos ou cunhados. Somente a emigração poderá obliterar a continuidade das relações de parentesco, - mas mesmo com o afastamento geográfico, se eles não podem mais se atualizar, elas permanecem como sistema latente, eventualmente tornado manifesto: é o que revela, - por exemplo, a relativa frequência com que crianças da zona rural são enviadas para casa de parentes da cidade, a fim de estudassem. Se o contato entre parentes, através do "puchirum" reúne principalmente membros do "kindred" do marido mas, por vezes inclui também afins. Em certos bairros rurais, como os acima mencionados, que se toda a população é ligada por laços de consanguinidade.

No seringal, como dissemos, o grupo de parentesco maior não possui significação econômica: a extração da borracha é uma atividade individual. Somente uma excessão, de certa forma pitoresca, foi encontrada: um indivíduo, dono de um pequeno seringal é "reiado" de firma e mercadoria que controla todo o alto curso do rio, possui um número considerável de filhos. Costuma criar condições para que estes sejam cortejados por homens solteiros e mesmo para que se desenvolvam relações mais íntimas. Consumado o fato, manda o incômodo rapaz com a Justiça, e menos que ele concorde - em casar-se com a filha "seduzida" e trabalhar em seu seringal. A repetição desse - tópico deu origem a um vastíssimo família extensa, ocupando várias casas, agrupadas em torno do patriarca e chegando a si mesmo a formar um pequeno povoado. O pai é o chefe do grupo, suportando os lucros do trabalho dos genros e decidindo sobre suas

reuniões, que são sempre modestas, pois, afinal, "é tudo uma família só".

O grupo doméstico é, porém, de modo geral, a unidade fundamental, seja pela divisão de trabalho que encerra, seja por constituir a única unidade de sociabilidade existente, para uma considerável parte da população. Outras formas de reunião da população somente ocorrem de tempos em tempos, por ocasião de alguma festa de santo, nos rares povoados da área. Todavia, a própria constituição do grupo doméstico evidencia que as relações de solidariedades envolvidas pelo parentesco não possuem existente conforme se pode depreender da frequência com que a família nuclear é acrescida de parentes de um dos cônjuges.

No círculo, conforme ressaltamos, são raros os grupos domésticos que operam como unidades produtivas. Somente alguns estabelecimento artesanais são "tocados" pela família. Nestes estabelecimentos os filhos não participam diretamente dos lucros; somente se se casarem passam a suferir rendas separadas. Mais raros ainda são as organizações econômicas que abrangem o círculo de parentesco maior. No entanto, o "familismo" não está ausente da organização empresarial. Alumas das maiores empresas (casas viscondesas) colocam em seus postos chefe, pessoas aparentadas entre si. Nas empresas mais tradicionais, parentes são empregados independentemente de sua qualificação profissional. Nas empresas mais modernas alega-se que se pode ter mais confiança num parente do que em estranhos; no entanto, a participação de tal parente, depende de critérios seletivos, baseados nas aptidões apresentadas para ocupar o cargo. Paralelamente, enquanto nas primeiras predominam técnicas paternalistas de controle social, nas últimas tendem a prever leis técnicas racionais. O quadro seguinte novamente permite comparar o círculo rural - com o círculo.

QUADRO IX

Visitas feitas e recebidas, na semana anterior à entrevista, segundo a relação de parentesco e situação de residência. %

Situacão de Residência	Visitas feitas e recebidas		
	Parentes	Não Parentes	TOTAL
Urbano	36,82	63,68	490
Rural (agrícola)	52,38	41,62	691
Total (N)	758	726	1484

Observa-se que nas áreas agrícolas a situação é quase inversa àquela observada na cidades; mais da metade das visitas foi realizada dentro do grupo de parentesco e da vizinhança. A maior parte das visitas foi realizadas entre mães e filhos. Todavia, vale considerar que, no total de grupos domésticos rurais estudados inclui-se um certo número de "crentes" (protestantes). Entre estes o padrão é bastante diferente, indicando que a esfera de sociabilidade tende a ser transferida do grupo de parentesco para o grupo congregacional, ao menos quanto não se constituem grupos de parentescos da mesma denominação religiosa: 79,52% das visitas feitas e recebidas por parte dos "crentes" tiveram lugar fora do círculo de parentesco; todas as visitas foram realizadas dentro da congregação. (A congregação protestante localiza-se na Colônia, onde, de 298 informantes, 83 eram "crentes".)

A maior frequência de visitas entre parentes, encontra apoio no fato de que, do total de filhos adultos, 65,55% encontravam-se no mesmo grupo de vizinhança que os pais. Se compararmos as várias comunidades rurais estudadas, verificaremos que há uma correlação direta entre a porcentagem de visitas dentro do grupo de parentesco e a proporção de filhos maiores residentes no mesmo bairro; na comunidade de Várzea 74,76% dos filhos residem no mesmo bairro que os pais; só encontramos 70,78% das visitas feitas dentro do grupo de parentesco. Na Colônia 41,18% dos filhos residem no mesmo povoado; somente 35,91% das visitas foram realizadas dentro do grupo de parentesco (esta proporção é, naturalmente, afetada, pelo fato de lá encontrarmos o já mencionado grupo de protestantes) Para a comunidade do médio Itá-Açu encontramos: 61,53% dos filhos maiores residindo na mesma comunidade, e 59,18% das visitas dentro do grupo de parentesco. Não possuímos dados referentes ao sertão. Vale, ainda, uma última observação na cidade, o número de pessoas não parentes visitadas era maior do que o de parentesco. No entanto, o que poderíamos chamar de intensidade de visitação, ou de sociabilidade, é maior entre parentes. Em outras palavras: durante uma semana - período tomado como referência - uma família visitou (ou recebeu visitas) um número maior de não parentes que de parentes. Todavia, o número de vezes que cada parente foi visitado, comparado a cada não parente, foi significativamente maior. Em média, a intensidade de contatos entre parentes foi três vezes superior àquela entre não parentes.

Ao tratarmos de consolidação do grupo doméstico na cidade distinguimos a categoria "diáde materna". Comparamos agora a cidade com a zona rural. Constatou-se, pelo quadro seguinte (II) que a diáde materna surge, na zona rural, em proporção relativamente reduzida. A própria natureza da vida econômica torna bastante difícil a subsistência de um tal tipo de organização doméstica.

Nas áreas agrícolas e ocorrências de diádes maternas é bastante inferior àquela encontrada na cidade, apesar de não ser de todo desprezível a frequência com que surgem os grupos domésticos com chefia feminina.

É o caso, por exemplo de uma viúva, dona de pequeno sítio rural cultivado (herdado de seu pai) com a qual vivia um filho casado e sua família. As diádes maternas observadas - nessas áreas agrícolas resultam via de regra da viuvez e aquelas assinaladas no quadro são compostas pela mãe e filhos maiores - que constituem equivalentes funcionais do marido-pai, enquanto personificações-status do sistema de papéis domésticos.

No caso extrativa e diádeas maternas é mais frequente que nas agrícolas. Todavia, o total de grupos domésticos como chefias femininas ocorre em proporção menor, fato que se deve, possivelmente, à função diferencial de famílias extensas. Além das casas de diádeas maternas, observamos, sim, outros casos que parecem indicar a configuração de um tipo familiar matrifocal. Vejamos alguns exemplos de matrimônios consecutivos e de parcerias sexuais:

a) Um exemplo registrado - primeiro matrimônio formal (religioso). Matrimônios seguintes num total de dois, sob forma de casamento.

b) Um exemplo registrado - não houve nenhum matrimônio formal. Dara vozes viúva, num total de quatro uniões consecutivas.

c) Cinco exemplos registrados - não houve viúvez. As uniões foram desfeitas por motivos vários (mobilidade do cônjuge; "não se davam bem" etc.). O número de uniões - consecutivas variou entre duas e três.

No caso a) a mulher adotou o sobrenome do primeiro marido para efeitos legais. Os filhos do primeiro matrimônio tiveram o sobrenome do pai. O filho do segundo - matrimônio, recebeu o sobrenome da mãe (este já havia adicionado ao seu, o do primeiro marido). Não houve filhos da terceira união. A nominação formal não corresponde à usual: todos os filhos, inclusive um adulto são conhecidos pelo pronome forenseido - da mãe - Francisco da Rosa, Raimundo da Rosa, Sebastião da Rosa.

No caso b) encontramos o mesmo sistema de nominação. Dois filhos são registrados com o sobrenome do pai. Outro é registrado com o sobrenome da mãe. Os dois últimos não são registrados.

No caso c) em um dos exemplos observados não houve adoção de sobrenome paterno, nem mesmo no nível formal (nenhum filho é registrado). Nos demais exemplos, - repete-se a oposição entre nominação formal e consensual.

Além dos casos de matrimônios consecutivos, encontramos também outros, - de uniões simultâneas, ou de parceria sexual. Tais casos não devem ser confundidos com os de prostituição: a diferença é muito nítida na consciência da população local. Poderiam ser chamados, se houvesse coabitacção, de "arranjos poliandrícos" (20)

Observamos três exemplos: em dois deles, existiram dois parceiros sexuais; em um existem três parceiros. Nenhum diâmetro é casado; ou são viúvos ou solteiros.

(20) A propósito de "arranjos poliandrícos" ver Lereis, 1955.

Em todos os casos há corresponsabilidade econômica, no que diz respeito ao sustento do grupo doméstico da mulher. Não existe, como dissemos, co-residência; o padrão residencial é a diáde materna.

Nos casos de parceria sexual os filhos recebem o nome da mãe. Em um caso são registrados com o sobrenome materno; nos demais casos não são registrados, apondo-se ao pronome do filho aquél da mãe. A paternidade é, em alguns casos, desconhecida e, ademais, não parece ter qualquer significância social.

Vale notar, novamente, que o seringal se caracteriza, do ponto de vista demográfico, pelo acentuado desequilíbrio entre os sexos, isto é, por um mercado de déficit de elementos femininos. Já nos referimos antes aos efeitos d'este fato, associado às peculiaridades culturais da formação da fronte pioneira extrativista - nas primeiras décadas do século, quanto à emergência de padrões de organização familiar e de conduta sexual. Logo, institucionalizou-se o regime de parceria sexual, distinto, portanto, da prostituição.

É curioso notarmos que na cidade encontramos excesso de mulheres sobre homens, enquanto no seringal dá-se o oposto. Contudo, ambas as formas de desequilíbrio demográfico, associada a outros fatores sócio-culturais, conduzem à formação de diádes maternas. No caso do seringal, a composição demográfica da população parece responder também, ao menos em parte, pela sucessão matrimonial.

COMPADRIO

Assim como o parentesco, o compadrio também constitui uma estrutura de solidariedade. Frequentemente considera-se a contratação de vínculos de compadrio com indivíduos externos ao círculo de parentesco, como uma forma de estender as relações de solidariedade implícitas neste último. Várias são as modalidades de recrutamento de compadres: por ocasião do batizado de um filho; por ocasião da crisma; ou ainda durante os festejos juninos, quando se estabelece o "compadrio de fogueira". Na área o seringal encontramos, além do compadrio de fogueira, uma espécie de "parentesco de fogueira"; vários foram os casos registrados de "irmãos de fogareira" ou de "tios de fogueira" em relação aos quais espera-se seja desenvolvido um tipo de comportamento análogo ao existente entre irmãos "carnais", ou entre tios verdadeiros. Nos demais segmentos da área estudada não se registrou este tipo de parentesco ritual.

Atualmente, o compadrio de fogueira tende a ser abandonado, ou a assumir o aspecto simples brincadeira, não adicionando nenhuma obrigação a mais nas relações pré-existentes entre os participantes. Os depoimentos de vários informantes indicam, claramente, o "esvaziamento" dessa forma tradicional de formalização de relações interpessoais. A.A. pequeno comerciante da cidade, tem dois compadres de fogueira, mas apenas considera um deles, que já era seu melhor amigo, como realmente compadre. A.A. acha que "o costume está se acabando", como estão se acabando na sua opinião as festas ju-

ninas. F. L., também da cidade, dizia que, "eu sei que existe este costume, mas hoje em dia não se dá mais importância. Eu mesmo nunca gostei dessa arrumação. Meus filhos vão à festa mas não arranjem "compadre". A.F., marceneiro, tem um compadre de fogueira; seus filhos, porém, não tem nenhum. Diz A.F. que "já é muito raro ver compadre de fogueira. É só uma tradição que o povo tem, mas não tem nenhuma obrigação". Outra informante ainda, dizia que o compadrio de fogueira "é costume antigo, do tempo, em que o povo ainda era tolo".

No zone rural, todavia o costume ainda persiste, S.B., pequeno criador de gado e produtor de juta, acha que na cidade "estão abandonando o costume, mas no interior ainda existe e é muito animado. Eu mesmo tenho um vórgão de compadres de fogueira, e eles sempre mandam presentes para meus filhos".

O compadrio de batismo é aquela que maiores obrigações reciprocas envolve. É sobre ele que focalizaremos nossa atenção. É comum que pais do interior utilizem suas relações de compadrio, ou lados das de parentesco, a fim de conseguir moradias para seus filhos que vão estudar na cidade. Relações de compadrio são também invocadas para a obtenção de vagas na escola, e de empregos em instituições públicas e empresas particulares. Em empreendimentos de tipo artesanal, padrinhos admitam afilhados como aprendizes. Como eles possuem, formalmente, status equivalente ao de filhos, não recebem qualquer remuneração. Analogamente, quando um afilhado é recebido numa residência, para ir morar, seja por motivo de morte dos pais, ou outro qualquer, seu status formal é o filho mas, se mais das vezes, sua posição real na organização do grupo doméstico é o de "cria da casa", isto é, empregado doméstico não remunerado. O compadrio, portanto, constitui também uma forma de obtenção de força de trabalho auxiliar gratuita. Esta situação só deixa de existir quando os compadres pertencem à mesma camada social ou ao mesmo grupo de parentesco. Mesmo neste último caso, quando o parentesco é mais ou menos remoto, atravessando por linhas de classe, predominam relações assimétricas. Conforme veremos mais adiante, a modalidade mais frequente de recrutamento de compadres é aquela que condusse relações de desigualdade.

No zone rural, especialmente nas áreas agrícolas, o compadrio apresenta funções econômicas semelhantes às do grupo de parentesco: ambos os tipos de relações de solidariedade estão associados aos requisitos organizatórios do sistema comunitário, no que se refere ao mecanismo integrativo básico dado pelo "puchirum". Não somente através do "puchirum" se revela o papel social de compadrio: encontramos vários casos onde o dono da casa de farinha permitia a parentes e compadres a utilização gratuita daquele meio de produção fundamental para a economia local, que repousa, largamente, na produção de farinha de mendicós. O preço usualmente cobrado era o equivalente a 1/8 da farinha produzida (frequentemente, encontra-se uma situação de monopólio deste meio de produção, cujo custo excede às possibilidades econômicas da maioria dos produ-

tores). Isto, sendo a relação de compadrio uma de obrigações recíprocas, expõe-se - daquele que utilizou a casa de farinha, sua cooperação para as atividades do proprietário, isto é, ajuda gratuita na produção de seu próprio farinha. Deve-se notar que a etapa da "farinhada" - transformação da mandioca em farinha - é tímida em termos energéticos do processo produtivo, exigindo uma concentração relativamente elevada de força-de-trabalho; trata-se portanto, de um período de maior demanda de mão de obra e, consequentemente, de encarecimento da mesma (na ocasião da pesquisa, o salário médio era de Cr\$70,00 por dia, subindo para Cr\$100,00 na etapa da farinhada), o que torna o compadrio vantajoso, também, para o dono da casa de farinha. Aliás, sendo a compadrio - uma modalidade de contrato disílico, ele tenderá a se manter apenas na medida de reciprocidade de vantagens que apresente.

Nossas observações permitem constatar algumas diversidades entre a cidade e a zona rural. Somente possuímos evidências quantitativas para a primeira; os dados referentes às áreas rurais foram obtidos através de observação informal. Os dados - relativos à cidade são apresentados, no quadro seguinte:

QUADRO X

Recrutamento de compadres segundo a relação de parentesco e o status do informante. Cidade S:

Compadres

Grupo de status do informante	Parentes	Não Parentes	Total
A	33,33	66,66	12
B	27,42	72,57	175
C	26,91	73,08	95
Total	27,65	72,34	282

Como se pode ver, há uma ligeira tendência à escolha de os padres fora do grupo de parentesco. O quadro seguinte evidencia que o compadre é recrutado, preferencialmente, forte da rede social e que pertence o pai da criança a ser batizada.

QUADRO XI

Recrutamento de compadres segundo o status do informante e do compadre. Cidade S:

Categorias ocup. do compadre relacionadas ao informante

Categ.Ocup. do inform.	Igual	Diversas	Total
A	72,72	27,27	11
B	34,93	65,06	166
C	20,43	79,56	93
Total	31,85	68,14	270

Utilizando o esquema de Mintz e Wolf(21), vemos que predomina um "padrão vertical" e "extensivo". O quadro III parece indicar uma clara correspondência entre seleções de compadres e status do informante: quanto mais baixa o status do informante (aquele que recrutou o compadre), tanto maior a possibilidade de o compadre ser escolhido fora da cunhada social e que pertence o primeiro. As observações realizadas na área agrícola da Colônia permitem concluir pela existência de um padrão dominante o aposto, isto é, "horizontal" e "intensivo": a seleção de compadres se faz no interior do grupo de parentesco e do estrato social a que pertence o informante. Encontramos - alguns casos, pouco frequentes onde o padrinho de um filho é também padrinhos de outros - seria um padrão "repetitivo" - ou onde o padrinho de um indivíduo também o é - de seu filho. Ambas as modalidades, naturalmente, tendem a intensificar os vínculos - entre seus componentes.

Nas áreas extrativas parece predominar, análogamente à cidade, o modelo vertical-extensivo, o que parece confirmar a hipótese de Mintz e Wolf de que, em sistemas sociais onde predominam relações diretas de dominação, tende a surgir o padrão - vertical-extensivo, ocorrendo o apostado em sistemas tais como na Colônia, onde a divisão social do trabalho configura um estrutura mais homogênea e um maior grau de cooperação entre os grupos domésticos - em grande parte interligados por laços de parentescos. Em qualquer situação, todavia, nunca deixam de ser recrutados compadres dentro do círculo de parentesco: o padrinho do primeiro filho é quase sempre seu avô paterno. Na cidade os padrinhos subsequentes são escolhidos predominantemente fora do grupo de parentesco e da cunhada social do pai. São poucos os casos em que o compadre é recrutado em estratos inferiores: somente 12,9% dos casos estudados. Destes, ademais 65,6% são spans uma categoria ocupacional inferiores ao pai, e 34,4% estão duas categorias ocupacionais abaixo (22). Verifica-se, portanto, que a distância social nestes casos não é muito acentuada, por outro lado, ela é largamente compensada pela existência de vínculos de parentesco: 52% dos compadres neste situação são parentes - entre si. Se dos que estão em categorias ocupacionais diversas da do pai, 12,9% se colocam em categorias inferiores, segue-se que a grande maioria é recrutada em categorias superiores, de forma tanto mais frequente, quanto mais baixa for a posição social do pai. Ainda na cidade, em sua cunhada dominante, dado o padrão preferencial de recrutamento intra-classe, revelado pelo Quadro IX e dada, também, o reduzido tamanho daquele grupo social, tende a predominar o que chamamos "padrão repetitivo": encontramos mesmo um caso onde o indivíduo foi convidado para padrinho de dois filhos de um informante, e este, por sua vez, foi escolhido para padrinho de um filho do - primeiro. Trata-se, claramente, de uma situação de intensificação máxima das relações de solidariedade que, no caso da cunhada dominante, se configuram como mecanismo de -

(21) Cf. Mintz e Wolf, 1950.

Voltando à área rural, na Colônia, a partir do primeiro filho os casados continuam a ser recrutados preferencialmente dentro do grupo de parentesco. Mas, nos setores onde predomina o avôzento, na das casadas é escolhido fora do círculo de parentescos e comércio local - o "vizinho" - porque, assim vinculada ao casado que é uma grande parte do povoado, o qual, por sua vez, é interligado, horizontalmente, por outras laços de casadaria e de parentesco. Mas tal tipo de relações muitas vezes contribui para a definição de um bairro rural por um ou outro fator político.

As variações encontradas quanto à estrutura do casadário podem ser explicadas - em termos dos requisitos dos sistemas sociais respectivos; de acordo com suas funções diferenciais, segundo o predominio relativo da seleção vertical ou horizontal; e como recurso de ajustamento social. Isto, poém, seria conveniente analisar, de passagem, algumas diferenças entre casadario e parentesco, já que o primeiro costuma ser tratado como uma espécie de parentesco ritual. Realmente, em seus aspectos formais, o casadário se parece com um relacionamento de parentesco idealmente, o comportamento entre casados deve ser similar àquela culturalmente prevista entre irmãos; só que, seria consideradas inaceitáveis as relações sexuais entre um casado e seu cunhado. May (23) em seu estudo sobre uma comunidade da Amazônia, ressalta que, quando um marido desacredita as existências de relações mais íntimas do que as conjugais, entre sua mulher e outro homem, / trata-se, na primeira ocasião, convidá-la para padrinho, com o que, segundo os valores dominantes, não pode ser reconhecido. O casadário seria, nesses casos, mais do que a condensação de um vínculo de solidariedade, um técnico de manutenção do equilíbrio do sistema conjugal. Mas, se o casadário, em seus aspectos externos, se assemelha ao parentesco, na realidade, dele se diferencia por um conjunto de razões anteriores. As relações podem dar formação a grupos sociais, o casadário é, essencialmente, um contrato diédico (sobre o conceito de contrato diédico, ver Foster, 1963). Se Ego é parente de Alter, ele

(22) Conforme se expõe em apêndice, a população foi estratificada em 6 categorias ocupacionais. Para os propósitos do presente trabalho julgou-se mais conveniente agrupar as 6 categorias em 3 grupos de status. Assim as categorias 1 e 2 ficaram agrupadas no estrato A. etc. Verificou-se que a distância social é de, no máximo, duas categorias ocupacionais, presumindo-se que, quando houver recrutamento triplex do estrato - respectivo, o distanciamento de apenas 1 categoria. Portanto, tomando por exemplo a categoria 1, veremos que os recrutas serão casados, isto é, uma distância máxima que corresponde a categoria ocupacional 3. Esta última representa o círculo mais alto integramente no grupo B. Poem, a maior parte dos casados de status inferior distanciam-se apenas, uma categoria, alojando-se, no caso a categoria 2. Portanto permanecem no mesmo grupo (4) que o inquirente.

(23) Cf. May, 1957

será obrigatoriamente, parente dos parentes deste último (cognato ou afim), em relação aos quais deverá, dentro de certos limites, desenvolver certos tipos de conduta socialmente prescritos. Mas, se A é compadre de B, isto não faz com que seja compadre dos demais compadres de B, nem lhe traz obrigações em relação a eles ou em relação aos seus parentes, a não ser a orientação de qual se tornou padrinho. Por outro lado, o parentesco é um sistema que por si só define o conteúdo das relações entre seus membros ou, pelo menos, entre os membros mais próximos. O indivíduo, ao nascer, já tem definidas suas obrigações em relação aos pais e irmãos. O compadrio, no entanto, não cria uma relação, não adiciona qualquer conteúdo novo, em natureza, à relação existente entre duas pessoas, mas apenas formaliza e reforça uma relação pré-existente, dando-lhe um caráter de contraste, de acordo com os requisitos do sistema inclusivo. Finalmente, o compadrio é um sistema organizatório, enquanto o parentesco constitui um sistema estrutural; por isso mesmo, o primeiro está mais sujeito à seletividade pessoal que o segundo, muito embora a variabilidade que possa ocorrer seja limitada pela natureza do sistema global. Assim, se Ego pode escolher os compadres que bem entende, ele não poderá escolher seus irmãos ou pais, mesmo que, na medida em que o sistema se caracterize pelas permissibilidades, Ego possa imprimir certas variações às suas relações de parentesco. As diferenças se tornam mais sensíveis se, ao invés de realizar as diferenciações ao nível das categorias empíricas, o fizermos no nível dos modelos típicos, com seus sistemas de valores idênticos. A analogia entre compadrio e parentesco é especificamente aquela entre irmãos "carnais" e irmãos fictícios. Se Ego pode escolher o irmão fictício que melhor corresponder às suas necessidades de ajustamento social, ele não poderá, idealmente, agir de modo diferenciado no que se refere aos seus irmãos consanguíneos. A mesma distinção estrutural-organizatória explica porque o compadrio está mais sujeito ao processo de "esvaziamento" que acompanha a secularização da cultura, o que o parentesco.

Dissemos, acima, que o compadrio pode ser examinado em termos dos requisitos estruturais e funcionais dos sistemas em que opera. É o que pode explicar as diferenças entre a Colônia e a cidade, aproximando-se, este último, de um modelo urbano tradicional.

Do que foi dito anteriormente, ficou presente que o mutirão, ou "puchirum", é um requisito estrutural do sistema comunitário rural.

"Entre as formas de cooperação vicinal, requisitos estruturais e organizatórios fundamentais à manutenção do funcionamento das comunidades arbóreas, destaca-se o "mutirão". Estruturado econômico, social e culturalmente, o "mutirão", é muitas vezes o responsável mais importante pela manutenção de coesão grupal, para a adaptação do grupo ao meio natural..."(24).

(24) Cf. Ianni, 1961, pag.36

Já ressaltamos em páginas anteriores que a integração do grupo de vizinhos rural, através a pena e trabalho cooperativo, é fundamental para o esforço adaptativo da comunidade e de cada grupo doméstico particular. Se recordarmos que a seleção de compadres se faz predominantemente dentro do círculo de parentesco, e que é do interior deste último que surgem os componentes do "puchirum", fácil se tornará concluir pela funcionalidade dos vínculos de compadrio, como mecanismo de reforçamento da estruturante solidariedade representada pelo parentesco. Em outras palavras, ao princípio de solidariedade do "kindred" se adiciona a formalização do compadrio. O

compadrio horizontal e intensivo corresponde, portanto, aos requisitos do sistema social relativamente homogêneo e estável, exemplificado pelas comunidades agrícolas da Colônia. Se num tal sistema social o compadrio, como técnica de ajustamento social é predominantemente horizontal e intensivo, numa estrutura urbana tradicional, onde o comportamento econômico e a organização empresarial estão ainda impregnados de valores patrimonialistas e paternistas, ele se caracteriza pelo padrão vertical-extensivo, aproximando-se do sistema de "patronato" das culturas ibéricas⁽²⁵⁾. Neste situação, onde as relações de classe se fundam em técnicas patrimonialistas de dominação, o modelo que corresponde aos requisitos do sistema é, evidentemente, o vertical-extensivo, conforme podemos ver pelos quadros IX e X. Em outras palavras, o compadrio é um recurso de que lhe não, o trabalhador para fazer face às pressões do sistema social, através do contrato que estabelece com um "patrón". Este último virá em seu auxílio, como efetivamente corre nas empresas tradicionais e com chefes políticos locais, nos casos de desenqü, em situações de conflito com a ordem jurídico-legal, quando o "cliente" se encontra desempregado, etc. As relações de compadrio, assim configuradas, atingem por vezes um grau de intimidade, bastante profundo: o gerente de uma firma local, vez por outra procurado por espóres de trabalhadores, que vinham solidificar suas interferências em tensões domésticas, no sentido de aconselhar o marido a deixar de beber, de jogar ou de abandonar outra conduta qualquer de qual resultasse dificuldades para a família. Num caso observado, o patrón retinha metade do salário de um empregado, seu compadre, e o entregava à mulher deste último, a fim de evitar que fosse despedido no jogo da azar. Sendo o patrón um político, o cliente será muito provavelmente seu cabo eleitoral. Sendo o cliente empregado do patrón, desenvolverá em relação a este último atitudes e comportamentos de lealdade, não participando de greves e procurando atingir o máximo de produção. Num sistema tal de controle social, os valores associados ao compadrio tendem a ganhar significação, ao nível das ideologias, não só como obstáculos à definição racional dos objetivos sociais do grupo subordinado, mas também a burocratização do sistema inclusivo. O mesmo gerente acima citado, apresentava como uma de suas qualidades, o fato de conseguir "controlar" quela gente", isto é, interferir nas eleições do sindicato, através das obrigações devidas por seus compadreadores. Reciprocamente, alguns líderes sindicais relutavam em escolher determinados

(25) Sobre o patronato ibérico, ver Kenny, 1960.

candidatara à presidência do sindicato, levando que, se o candidato em questão gozava de relativa popularidade, por outro lado era compadre de dois dos principais empregadores locais.

Situação semelhante poder ser observada em algumas partes da zona rural, entre o produtor e o "avíador". Se o compadrio entre pessoas da mesma classe social tende a reforçar os laços de cooperação econômica quando ele se estabelece entre "avíador" e "aviado", sua função é análoga àquela observada na cidade, ou seja, a de mascarar as contradições existentes entre grupos sociais colocados em relação de dominação-subordinação. Estabelecido o vínculo de compadrio, numa situação de relações comunitárias testamentárias, o "avíador" se torna tolerante para com o produtor mas, em compensação existe a expectativa reforçada de que este último não venderá sua produção a atravessadores, respeitando o contrato informal que garante ao comerciante o monopólio da produção obtida. Assim, o compadrio, superpondo-se a uma relação concreta de dependência econômica, tenderá a reforzá-la. Note-se que todo o sistema de avíamentos se fundamenta no referido monopólio e na insolvença do produtor face ao "avíador". O comerciante que possui grande número de compadres-aviados se constitui, na medida em que o compadrio fornece um recinto de arregimentação política, em peça importante da estrutura de poder da terra.

Todavia, a função social do compadrio em relação ao sistema social dominante somente se realiza na medida em que corresponde aos requisitos do mesmo. Transformações que operam ao nível da sociedade global e que penetram em maior ou menor medida em seus segmentos locais, no sentido de emergência de modos capitalistas de produção, da formação de sociedade de classes, da burocratização das relações de trabalho, e do surgimento de técnicas racionais de dominação, imprimem-se tanto no esfera das relações de compadrio, evocando-o dos valores tradicionais que correspondem à ordem social em declínio. Dentro de perspectiva em que foi examinado, é o que tende a ocorrer quando as exigências do processo produtivo impõem a adição de processos de controle impersonais; quando a rentabilidade passa a ser ladeada pela burocratização da organização empresarial. Mas, ao mesmo tempo que tais processos se fazem, continua a preponderar o recrutamento vertical, mesmo porque os diferentes componentes da sociedade não assimilam de modo igual os valores emergentes. Afirmações como as que se seguem trazem implicitamente preferência pelo recrutamento vertical: "Não adianta escolher padrinho pobre; quando a gente precisa não podem ajudar nessas"; "Aqui é muito difícil arranjar compadre; são todos pobres". Todavia, com as mudanças referidas, tendem as relações entre as classes a se tornar mais impersonais; por outro lado, a distância social não é estendida; ao contrário, ela provavelmente tende a se acentuar com o gradual desaparecimento das relações de tipo primário. Assim, se o compadrio vertical ainda predomina, ele tende a se transformar em simples formalidade. O próprio modo de utilização do compadrio é um indicativo das transformações porque está passando a já referir-se desigualdade de integração no sistema -

em emergência faz com que o compadrio, em algumas expressões mais modernas seja utilizado racionalmente como técnicas de controlo, assim como são utilizados também outros velhos nos quais se baseia o condão do trabalhador (o qual, como já vimos, é de origem rural recente). É o que deixa entrever o exemplo citado das relações entre o gerente e o sindicato. Vários depoimentos evidenciam o esvaziamento do compadrio vertical: "hoje os compadres estão fracassados. Não dão mais atenção. Não pressendo e nem dão o banho ao filho". Hoje só posso contar mesmo com compadre Moreir, que é meu cunhado". "Quem me deu que os compadres dessem alguma ajuda. Desde que batizei o menino nunca mais tive convivência com o padrinho. Ele é rico mas nunca ajudeu". "Antigamente ajudavam - mais. Hoje não. Hoje a ajuda vem só de Deus, do trabalho da gente, a do governo que dá - as escolas. Antigamente levavam os filhos para passar e passar dias na casa deles. Quando voltavam, davam algum dinheiro e roupa. Jeje nem se curvam mais para dar a benção."

Com a continuidade do processo referido é possível que estas transformações correspondam mudanças quanto à estrutura do compadrio. Podemos supor que o padrão vertical, à medida que vai perdendo correspondência funcional com o sistema da dominação - e com as expectativas e elas associadas, seja substituído, gradativamente, pelo padrão horizontal. Se, por outro lado, se verificar uma tendência paralela ao declínio do familiarismo, possivelmente se accentuará a tendência ao recrutamento fora do grupo de parentesco. Nisto vai implicar entre hipóteses num sistema urbano-industrial, secularizado, predominaria o recrutamento horizontal-extensivo.

CASAMENTO

Não podemos afirmar que existe em Ité-Açu, um padrão matrimonial. Inexistem - qualquer forma de casamento prescritivo; apenas encontramos o que se chama casamento preferencial. É somente num sentido estatístico que podemos falar de "padrão matrimonial", usando a expressão em sentido análogo ao conceito estatístico de Lévi-Strauss.

Poderíamos dizer, então, que, tanto no caso de A como no C predomina o casamento intraclasses e exogâmico. Mas, no caso de A o "padrão" não é tão nítido. Convém distinguir entre o nível ideal e o real, e entre os componentes sociais desta estrutura.

Conforme já dissemos, o casado superior compõe-se de dois grupos: "tradicionalistas" e adventícios.

Para os adventícios o casamento preferencial é exogâmico (separadamente-conjuge entre as "famílias tradicionais" A e B intraclasses).

Para os tradicionais, o casamento preferencial é endogâmico e intraclasses.

Todavia, nem sempre é possível concretizar o ideal. Para os adventícios é mais importante que seus filhos casem com filhas de famílias tradicionais, do que com membros da mesma camada social. Como já vimos antes, trata-se de um esforço de consolidação do status adquirido. Mas, para as famílias tradicionais, o casamento com adventícios não é preferencial; é apenas conveniente em certas circunstâncias (crise econômica, ausência de possíveis noivas dentro do "kindred"). Assim, sendo, é mais comum que os adventícios se casem com tradicionais empobrecidos. Portanto, se o padrão continua sendo exogâmico, deixa de ser intraclasses. Mas esta não é também uma modalidade absoluta: os empobrecidos são também procurados por seus parentes que mantiveram a posição econômico-social e que, assim, competem com os adventícios.

Resumindo: apesar de existir um padrão ideal, definindo o cônjuge preferencial como pertencendo simultaneamente à camada A é uma família tradicional, na realidade apenas uma parte dos adventícios consegue concretizar tal preferência, e isto porque, para algumas famílias tradicionais, torna-se necessário o casamento exogâmico. Já descrevemos as formas de recrutamento dos cônjuges nos setores "tradicionais". Não é necessário repetir a descrição. Convém, todavia, adicionar um detalhe. Dentro do "padrão" preferencial genérico (exogâmico) existe uma certa graduação. Para cônjuge de um filho homem, a família define como primeira preferência uma noiva que seja filha de um irmão ou de uma irmã de seu pai como segunda preferência a filha de irmão ou irmã da mãe; como terceira preferência uma prima em segundo grau do lado paterno; como quarta preferência uma prima segunda ao lado materno; como última preferência, um afim, como por exemplo, a filha do irmão da mulher do irmão do pai de Ego. Todavia, é preciso notar que estas diferenciações são apenas idéias, dificilmente concretizáveis. Por um lado, nem sempre existe disponível a noiva ideal. Por outro lado, nem sempre existe adequação pessoal entre Ego e esta noiva. Se, de acordo com as observações de viajantes do Século XIX, como Bates e Smith, o casamento era, naquela época, um arranjo entre famílias onde pouco lugar havia para o "amor romântico", isto é, onde a vontade pessoal, principalmente da noiva, pouco pesava, hoje em dia o fator pessoal ganha relevância, mesmo que dentro dos limites gerais dados pela camada social e pelo círculo de parentesco.

Em resumo, tanto para tradicionais como para adventícios, o casamento preferencial tem uma função de estabilização social. Para os tradicionais que descendem para a camada média, o casamento é um mecanismo de reconquista de posições sociais perdidas em gerações anteriores. Portadores que são de um nome "ilustre", não precisam esser-se dentro da própria camada social. Vale notar, de passagem, que sob outros aspectos como o educacional, não se encontram os empobrecidos em situação de inferioridade face à camada A. Pelo contrário, muitos empobrecidos têm instrução superior a dos adventícios.

O casamento exogâmico conduz a uma extensão do "kindred" afetivo. Mas a exogamia torna impossível neutralizar ou compensar a separação de parentes por efeito da "avuncência" da significação social da consanguinidade à medida que aumentam os graus de afastamento. Por outro lado, estabelece a proximidade entre as duas famílias de origem que contribuem para formação da mesma família de procriação.

O casamento - exogâmico ou endogâmico - provoca um certo distanciamento entre "siblings". Não desaparecem os vínculos de solidariedade. Na zona rural irmãos cooperam através do "puchirum", mas não participam mais de uma mesma unidade produtiva. Com o casamento, cada indivíduo contrai novas obrigações das quais não participam seus irmãos. Se normalmente não se processa uma quebra no sentimento de simpatia, diminui, não obstante a intensidade dos contatos entre irmãos, fato que não deixa de alegrar a consciência da população. "Depois que Paulo se casou, só às vezes aparece aqui em casa", dizia um informante, membro de um grupo de "siblings" do qual um irmão - Paulo, havia se casado. "Quando a gente se casa vêm as preocupações com os filhos. É sempre uma coisa ou outra para se fazer em casa. Só às vezes se pode conviver com os parentes", dizia outro informante, que assim como todos os seus irmãos era casado. Quanto maior o número de irmãos casados tanto mais accentuado o afastamento relativo entre eles. O casamento é a constituição de uma nova família não apenas faz com que parte de tempo de cada indivíduo seja absorvida em função da família. Faz também com que parte daquele tempo seja absorvida - no contato com afins, por mais superficiais que sejam as relações de afinidade. O afastamento entre irmãos não se refere apenas aos contatos informais. O auxílio que um irmão pode prestar a outro passa a ser limitado e os limites são dados pelo equilíbrio interno da cada família. Na verdade, a única razão socialmente aceita para que um irmão deixe de ajudar outro é a impossibilidade de economeação entre as necessidades da família e as do irmão.

A irmã de um funcionário municipal, que vivia fora de Itá-Açu, havia sofrido um acidente e, em consequência, ficou paralítica. Simultaneamente, perdeu seu emprego. Tanto a irmã como o funcionário desejavam que retornasse a Itá-Açu e viesse morar com a família do último. Todavia, o funcionário, que já havia ganho uma certa quietude com o tratamento da irmã, não podia arcar com despesas de viagem daquela, visto serem seus rendimentos bastante magros. Temporco podia mudar-se para onde estavam a irmã, pela mesma razão e porque perderia o emprego. "A pessoa quando é solteira pode se virar". - Se eu fosse funcionário estadual podia arranjar uma transferência. Mas o homem quando tem o peso de mulher e dos filhos." Arranjou-se, final, que a irmã ficasse aos cuidados de outro parente.

Enquanto os pais forem vivos, através deles os irmãos casados mantêm contato regular. Os pais exercem uma espécie de agente-catalizadora. Depois que morrem, todavia os contatos se tornam mais escassos. No entanto, não se deve exagerar o afastamento entre irmãos. Acontecimentos como aniversários, formaturas, casamentos etc., são ocasiões de reunião, não só de irmãos mas também de outros parentes, inclusive afins.

A troca de favores não cesse, mas, como dissemos, passa a sofrer certos limites. As relações entre colaterais mais afastados, sendo mais sujeitas à permissibilidade, são também mais afetadas pelo "dista aimento" causado pelo casamento.

Todavia, o casamento endogâmico, se também efeitos disfuncionais sobre a integração do grupo de "siblings", tem de certa forma, efeitos opostos - funcionais para a integração do "kindred", visto que possibilita uma reproximação de certos componentes do mesmo. Conforme Frenzen, já citado anteriormente, o casamento endogâmico permite a consolidação do "kindred".

Campbell(26) ressalta que, com o casamento, certos princípios funcionais - estruturais - da família e do "kindred" entram em oposição. Os princípios que relacionam os membros da família não são os mesmos que relacionam os membros do "kindred". Os princípios da família são os da obrigação paterna e filiação. A este juntaríamos o princípio da solidariedade conjugal. Os primeiros referem-se à integração das dissidências pai-filho e mãe-filho. O segundo refere-se à integração da dívida conjugal. Em seu conjunto, conduzem à integração do sistema familiar. Ainda segundo Campbell, o princípio integrador do "kinraca" é a extensão colateral. O grupo - de "siblings" constitui tanto entre si a família e o "kindred". Seus componentes - são ao mesmo tempo descendentes diretos dos mesmos pais e cônjuges, antes do casamento, um status social equivalente (no que se refere ao sistema de parentesco e abstraiendo-se das diferenças relativas ao sexo e idade). Após o casamento, contudo, tornam-se os pontos de partida de diferentes linhas colaterais. Prosegue - Campbell mostrando que após o casamento o grupo de "siblings" deixa de constituir uma unidade (Em Itá-Agu, ao contrário das comunidades estudadas por Campbell a migração e o engajamento isolado no mercado de trabalho, faz com que a unidade do ponto de vista econômico, pelo menor, seja rompida apesar do casamento) pois as obrigações de cada um passam a se concentrar na família de procriação, e porque cada um passa a se identificar com os respectivos filhos. Os princípios de solidariedade do grupo de "siblings" e das obrigações paternas são complementares na família elementar. Todavia, após o nascimento da filha elementar, estes princípios se tornam competitivos. O princípio das obrigações paternas, conjugase ao da solidariedade conjugal e condiz o estabelecimento das colaterais; por um lado o indivíduo passa a se identificar com seus filhos; por outro lado, divide seu universo de parentesco entre cognatos e afins.

O casamento endogâmico não tem unhas: função de consolidação do "kindred", ele representa, também, um mecanismo de neutralização da necessidade de casar fora da própria estrada social (por falta de cônjuge dentro da mesma estrada). Apesar do cônjuge pertencer a uma clã de mais baixa, ele continua portador de status da família, status que herdou a partir do ancestral "heroíco".

Ideialmente, a família elementar se constitui através do casamento formal, que deverá incluir uma cerimônia civil ou religiosa. No plano concreto, porém

(26) Cf. Campbell, op. cit

se ocorre entre a classe dominante e os setores mais elevados da classe urbana. Vejamos o que indica o quadro XIII.

QUADRO XII

Tipos de casamento segundo as áreas sócio-económicas

Tipos de casamento

Zonas	Religioso	Civil a rel.	Civil	Acess-lavante	Total
Agrícola	64,24	21,51	9,30	4,94	344
Extractiva	46,35	17,21	5,29	31,12	151
Total rural	58,79	20,20	8,08	12,92	495
Urbana	36,60	44,93	12,99	5,57	377
Total geral	49,19	30,85	10,20	9,75	872

Obs: Entende-se por casamento a união conjugal realizada com qualquer cerimônia formal, civil ou religiosa. Os casamentos foram computados individualmente, já que um mesmo indivíduo poderia ter se casado mais de uma vez.

A cerimônia religiosa é mais valorizada pela sociedade local. O casamento civil só recentemente penetrou na cultura local, na medida de sua integração na esfera jurídico-legal da sociedade nacional. Conforme indica o quadro, o casamento civil é menos frequente, em qualquer dessas áreas. No entanto, aparece com frequência maior na cidade do que na zona rural, quer isoladamente, quer associado ao casamento religioso. Este último é considerado indispensável por grande parte da população mas, nas áreas rurais é tido como suficiente, o mesmo não ocorre na cidade, sendo aí maior a penetração da ordem jurídico-legal na vida social, torna-se cada vez mais imperiosa a presença da sanção legal do casamento. Nas cidades trabalhadoras, o casamento realizado apenas através da cerimônia religiosa ainda é mais frequente, mesmo porque, como já salientamos, grande parte de seus componentes é de origem rural. Não possuímos dados que permitam diferenciar estes últimos dos de origem urbana no que se refere ao casamento. É bem verdade que possuímos dados sobre o local de nascimento, mas não sabemos se o casamento se verificou antes ou depois da migração, no caso dos nascidos em zonas rurais. Todavia, o Quadro XII nos permite verificar que, mesmo entre as categorias ocupacionais mais baixas, o casamento civil é o que inclui ambas as cerimônias, é mais frequente que nas áreas rurais. A tendência geral na cidade não parece ser a de substituir a cerimônia religiosa pela civil, mas de acrescentar este último à primeira; a assimilação de novos valores, indicativos da integração de elementos da ordem nacional no sistema local, não implicou, no abandono dos valores ligados à esfera religiosa. Bem ao contrário, observa-se uma crescente "procura" pela cerimônia -

religiosa. O próprio clero local tem exercido considerável pressão no sentido de "cientificar" uniões matrimoniais que "aos olhos de Deus são pecaminosas", isto é, as uniões realizadas somente através do casamento civil, ou mesmo sem este. Do ponto de vista do clero local, não existe diferença substancial entre estas duas modalidades de união matrimonial conjugal.

QUADRO XIII

Tipos de casamento segundo o status do marido. Cidade %

Tipos de casamento

Grupo de status do marido	Com cerimônia religiosa	Com cerimônia civil	Acasalamento	Total
A	92,85	92,85	-	14
B	82,29	57,29	4,16	96
C	76,71	52,02	9,58	73
Total	80,87	57,97	6,00	183

Osb: As somas horizontais não coincidem com os totais porque, quando um casamento inclui tanto a cerimônia religiosa com a civil, ele foi computado duplamente.

O quadro revela, de forma bastante clara, a valorização da cerimônia religiosa - como sinal social para a união conjugal. Apesar de haver um decréscimo na frequência de casamentos com cerimônia religiosa, à medida que se desce na escala ocupacional, sua proporção continua dominante. O decréscimo é muito mais acentuado no que diz respeito a cerimônia civil, indicando a menor participação das classes trabalhadoras nessa dimensão específica do processo geral de secularização. Como seria de se esperar, a frequência de acasalamentos é inversamente proporcional ao status do chefe da família.

Se analisarmos a zona rural, em seus diferentes segmentos, verificaremos que a maior alta percentagem de enxaimentos é encontrada no seringal (cerca de três vezes superior à que ocorre nas áreas agrícolas ou na cidade). No seringal, apesar do casamento religioso estar presente como padrão ideal, este não é tão impositivo como nas demais áreas. Por força das condições concretas de existência vigentes no seringal, verifica-se uma redefinição de valores, ou uma sintonia entre os valores da cultura nacional e a situação local. Se na cidade e, em menor escala, nas áreas agrícolas, o acasalamento não conta com a sinalização de comunidade, o mesmo não ocorre no seringal: a "união livre", é considerada pela população local tão válida como o casamento formal, religioso ou civil. A inexistência de autoridades civis ou religiosas, as características de fronteiriça que apresenta em sua fase de formação e expansão, com afrouxamento do controle social

tradicional; e dificuldades de ordem financeira, contribuiram para essas acomodações. De preferência o casal procurará satisfazer as normas formais. Todavia, sendo isto impossível, ou mesmo se os cônjuges não o desejarem, nenhuma sanção negativa recai sobre eles. Tampouco se verifica menor estabilidade das ligações conjugais.

As casadas média e superior urbanas, no entanto, desaprovaют abertamente tal tipo de conduta. É comum ouvir pessoas dessas classes dividirem a população em "elite" e "gente baixa", segundo seus padrões de organização familiar ou, como dizem, de acordo com o "comportamento moral". São atitudes que criam condições motivacionais discriminatórias em relação às classes trabalhadoras: se as condições concretas de existência conduzem a certos tipos de conduta diferencial em termos dos valores idênticos, estes passam a atuar, ao nível da consciência social, como fatores de reforçamento das barreiras de classe.

Voltando, novamente, à zona rural, o vejamos o que nos revela o Quadro XIV:

QUADRO XIV

Tipos de casamentos segundo a idade do informante.

Zona rural. %

Idade do Inform.	Áreas Agrícolas				Áreas Extrativistas				Total
	Com cer. relig.	Com cer. civil	Acessamento	Total	Com cer. Relig.	Com cer. civil	Acessamento	Total	
10-19	100,00	90,09	-	11	25,00	12,50	62,50	8	
20-29	93,18	22,72	3,40	88	61,53	19,23	30,76	52	
30-39	88,49	34,51	2,65	113	75,00	22,72	22,72	44	
40-49	74,62	32,83	8,95	67	72,00	16,00	28,00	25	
50-59	82,50	30,00	5,00	40	71,42	28,56	21,42	14	
60-69	64,28	42,85	14,38	14	80,00	40,00	20,00	5	
70-79	75,00	50,00	12,50	8	-	100,00	-	2	
80-89	100,00	66,66	-	3	-	-	-	-	
Total	294	106	17	344	99	33	42	150	

Obs: As somas horizontais não coincidem com as totais porque, quando um casamento inclui tanto a cerimônia religiosa como a civil, ele foi computado duplamente.

O quadro acima indica algumas diferenças entre os setores agrícolas e extrativistas da zona rural. Nas áreas agrícolas tende a se tornar mais raro, e acessadamente, como consequência de seu próprio desenvolvimento; de seu adensamento populacional; da expansão dos meios de transportes e comunicação com a cidade. Correlativamente cresce a incidência do casamento religioso. Os valores culturais relativos ao casamento tendem a se tornar operativos, inclusive pela penetração cada vez maior do clero, levando os casais a buscarem, desde o inicio a sanções religiosas - vale dizer social - para a união. A cerimônia civil é deixada para mais tarde, quando as condições econômicas - e permitirem. A relação entre idade e tipo de casamento não indica partindo, abandonando

da cerimônia civil, mas apenas seu retardamento. Casamentos apensos com cerimônia civil - que não surgem no quadro - registram-se somente entre os casais de idade elevada, e que se uniram antes do chegar à região.

No seringal, a situação é um tanto divergente: os casos de casamento crescem na razão inversa da idade. O seringal mantém-se de uma maneira geral, em situação de relativo isolamento geográfico, fato que leva a uma fase inicial do casamento, seguida, anos depois, da formalização através da cerimônia religiosa, em menor proporção, da civil. Mesmo nos grupos de idade mais avançadas a porcentagem de casamentos é superior àquela encontrada nas áreas agrícolas. Mas, se no período de formação do seringal, a situação normal era o amazimento, atualmente ele constitui uma fase do ciclo de vida da família. N aquela área alcançou-se mesmo a institucionalização de uma espécie de fase probatória do casamento: o casal vive junta por algum tempo "para ver se der certo". Em caso positivo, continuam vivendo juntos durante algum tempo, em situação de casamento, até que surjam condições para formalizar a união conjugal, o que é feito predominantemente, através da cerimônia religiosa. Uma certa parcela da população, todavia, continua permanentemente amazida, sem sofrer qualquer restrição por parte da sociedade local.

Para as camadas superiores a média urbanas, o casamento deve se revestir de todas as formalidades: a cerimônia religiosa, como decorrência dos valores tradicionais, e a, civil, como exigência da burocratização da vida social. Além disso, o casamento deve ser preoidido por um período relativamente longo da noiva, na medida do possível, sob controle dos pais da noiva. Hoje este controle não é mais tão rigoroso, mas o próprio "mexerico" - forma de controle social comunitário - indica que valores tradicionais ainda operam normativamente. Se uma moça é vista em companhia do noivo, sem a presença de outras pessoas, logo surgem os comentários desabonadores, principalmente se o fato ocorre à noite. Acontecem casos em que o noivo se recusa à casa, alegando que a noiva não é mais virgem, mesmo quando o "sedutor" é o próprio noivo: "Se ele cedeu a mim, quem garante que não cederá a outro?" é a justificativa apresentada. Na esfera trabalhadora, não mais frequente os casos de ralégoes acasais pré-matrimoniais, e a perda de virgindade não implica na impossibilidade de casamento posterior. Observa-se, contudo, uma certa relação entre a forma do casamento e a virgindade da noiva: se um pai tem uma filha casada virgem, ele se esforçará mais no sentido de que ela se case "na Igreja".

Já nos referimos à situação "sui-generis" encontrada no seringal: a fase probatória, durante a qual é testada a adequação mútua dos cônjuges. Também em relação à conduta sexual feminina existem diferenças sensíveis entre esta área e as demais. Lembramos o caráter de fronteira do seringal, e suas constelações culturais. As condições de ocupação do seringal levaram também, durante um longo tempo, a um acentuado desequilíbrio demográfico, com grande excesso de homens sobre mulheres. Estes, ademais, eram constituídos, em boa parte, de prostitutas, recrutadas em Itá-Açu ou outras cidades. Ainda hoje a razão de masculinidade é relativamente elevada: 1142/1000. Grande parte das adolescentes havia tido experiências sexuais. Parte das

mulheres casadas havia vivido em estado de "amigação" com homens outros que não o marido atual.

A prostituta, se siringal, não sofre qualquer espécie de segregação. Todavia, existe uma graduação valorativa entre ela e a virgem, colocando-se entre estes dois polos a mulher que tem relações sexuais esporádicas, não remuneradas, e a "rapariga" que exige pagamento, mas "não se entrega a qualquer um". A maior parte das mulheres se coloca nestas categorias intermediárias. Aparentemente está se repetindo na área a situação da variação de formação do siringal, a medida que se expandem as atividades de gerimorgom. Estas se desenvolvem dentro do siringal, absorvendo parte da sua população. A maior parcela da força de trabalho é, no entanto, recrutada na cidade, compondo-se de homens solteiros. Tivemos oportunidade de assistir, em Itiquira ao embarque de duas levas de gerimpaires e de prostitutas, às quais era prometida remuneração compensatória.

Se o padrão ideal de conduta sexual feminina (excetuando-se o siringal) é a abstinência pré-matrimonial, o oposto ocorre em relação aos homens. Assim como em outras partes do país, ele é levado a se iniciar nos jogos sexuais após a puberdade. Algumas mães estimulam os filhos abertamente a procurar contato sexual com mulheres. A empregada doméstica de um modo geral, a mulher das casas de trabalhadoras, é o objeto de iniciação sexual do homem de classe dominante ou média. A prostituta é o principal meio de treinamento sexual do homem. Algumas pais se revelavam temerosos de que seus filhos, frequentassem o "zona", não tanto por razões de ordem moral, mas por medo de que contrairessem as "doenças de sangue". Nos bairros rurais existiam algumas prostitutas, ou melhor, mulheres que, no lado do trabalho agrícola, exercem qualche atividade como fonte de renda suplementar. Algumas viúvas são também utilizadas como fonte de satisfação sexual, seja que, contudo, - exijam remuneração.

A liberdade sexual do homem não se limita apenas à vida pré-nupcial, mas também a experiências extra-conjugais. A sociedade local, excetuando-se a minoria de "crentes", revela-se extremamente tolerante face a tais experiências. Se num determinado plane de valores, o marido ideal é aquele que, além de prover o sustento da família e a educação dos filhos, mantém-se fiel à esposa, no plano concreto, somente os dois primeiros requisitos são exigidos. A maioria das esposas conforma-se com o adultério masculino, aceitando-o como fato normal. Encionalizam-no como sendo consequência do fato de terem os parceiros "sangue quente", ou como sendo apenas uma "paixão passageira". Outras mulheres desculpam seus maridos, afirmando que se deve ter paciência, pois o adultério é de natureza do homem. Todavia, não são todas as esposas que reagiram pacificamente ao avançar de seus maridos. Uma jovem esposa da classe superior, ao descobrir que seu marido mantinha uma amante, ameaçou-o abertamente de "pôr-lhe chifres" e menos que abordasse esse rival. Ao que se sabe, a ameaça surtiu efeito.

Para as famílias mais diretamente envolvidas na disputa pelo poder político, o casamento ideal é ainda aquela que se realiza dentro da mesma família. Para estas famíli-

pouco tempo atrás, as famílias dominantes locais dividiam-se nitidamente em "baratista" e "anti-baratistas", chegando esta divisão a impedir o contato social reciproco: Um coligado (função anti-baratista) que se preza não se dá com um baratista; dizia uma senhora, membro de uma das "famílias tradicionais" da cidade. É evidente que tal limitação não atinge com tanta intensidade as famílias da camada média e, - muito menos, das trabalhadoras: os interesses investidos nas disputas políticas - são, naturalmente, diretamente proporcionais ao status social do indivíduo ou da família.

Todavia, como já foi apontado, vínculos de parentesco por vezes atravessam as linhas de separação política. Por outro lado, para uma parcela de camada superior - as famílias "tradicionais" - o casamento preferencial é aquele que se realiza dentro do círculo de parentesco. Ademais, sendo a camada superior e parte da mesma - compostas em grande parte por famílias aparentadas entre si; sendo a primeira - relativamente reduzida e sendo um dos padrões preferenciais o casamento intraclasse, é sempre provável que o casamento se realize dentro do círculo de parentesco e que atravessasse as linhas de separação política. Como já mencionamos antes, o círculo de parentescos socialmente significativo não é muito extenso, mesmo entre as famílias - tradicionais. Sabese que Fulano ou Sicrano são parentes, mas não se julga necessário manter com eles relações de obrigação. Mas, dadas as limitações que a situação do classe impõem à seleção do cônjuge, este é, não raramente, reorulado entre parentes com os quais não eram mantidas relações significativas prévias. Assim sendo, o casamento preferencial tem a função de reavivar vínculos de parentesco socialmente potenciais.

Naturalmente, as normas ideais relativas ao casamento não se aplicam, com a mesma validade, nos estratos inferiores da população. Os padrões de virgindade são, nestas últimas, menos impostos, o mesmo ocorrendo com a formalização do casamento através de cerimônias religiosas ou civis.

No que se refere às limitações de status, o "modelo", é na verdade o oposto; prefere-se que o casamento se realize fora da respectiva camada, como meio de asseguração social. Na zona rural, especialmente na Colônia, se não existem os mesmos - valores quanto ao casamento, ele se realiza não obstante, dentro do grupo do vizinhança e, frequentemente de parentesco (como já vimos, os dois se confundem, em muitos - casos); sendo os bairros rurais relativamente homogêneos, o casamento raramente ultrapassa linhas de classe.

A ORGANIZAÇÃO INTERNA DO GRUPO DOMÉSTICO

O homem só adquire inteira respeitabilidade com o casamento. Chefe de família é sinônimo de homem sério, quanto à mulher, o fato de não se casar conduz seguramente à frustação. A única forma de escapar à mordacidade da opinião pública;

é a alternativa de se tornar freira. Conforme veremos mais adiante, entre as ocupações consideradas mais adequadas para a mulher figuram com preponderância, as de "mãe" e "dona de casa", que vêm a ser equivalentes. O simples sucesso profissional é insuficiente para a plena realização da mulher. A constituição de uma família e, consequentemente a organização de um grupo doméstico é, portanto, fundamental para a consolidação do status de adulto e para o equilíbrio da personalidade.

Sendo o grupo doméstico um sistema social, é necessário para que ele possa desempenhar suas funções, o estabelecimento de uma diferenciação de papéis e de status. A distribuição de tais papéis se faz de acordo com os atributos socialmente definidos, existentes em qualquer sociedade: o sexo e a idade.

A estrutura de papéis do grupo doméstico se cristaliza em torno a duas personalidades-status centrais: a "instrumental" e a "expressiva". A primeira é representada por aqueles membros do grupo doméstico, através dos quais ele se articula com o sistema inolusivo, através de suas posições na esfera ocupacional. Tais papéis são os que conferem a "liderança instrumental" no grupo doméstico. São aquelas dos quais depende o status global da família na sociedade. Em outras palavras, são os membros produtores, as personalidades focais do grupo, no que se refere ao seu equilíbrio externo.

A segunda é dada por aquele através dos quais é mantido o equilíbrio interno do grupo, isto é, através dos quais são resolvidas as tensões emergentes da sua integração interna, realizada sua função de agência de reprodução social, e mantido seu sistema de produção de serviços para consumo interno. Portanto, o grupo doméstico se organiza em torno a um eixo instrumental expressivo(27). A liderança instrumental é dada pelos seguintes atributos: responsabilidade pela produção e pela renda do grupo; autoridade final e executor final de punições, disciplina e controle sobre os demais membros do grupo. A liderança de Ego será expressiva quando ele for "mediador", conciliador da família", quando "soluciona as disputas e resolve as hostilidades na família"; quando for "afetivo, solícito, emotivo em relação às crianças"; quando for o "confortador, o consolador, relativamente indulgente quanto às punições".(28)

Não é necessário ressaltar que os papéis instrumentais, se considerarmos o grupo doméstico como "em todo, recaem sobre o marido-pai (quando o grupo é composto pela família elementar) ou sobre homens adultos (quando se compõe pela família extensa). Naturalmente, quando os filhos atingem a idade adulta, também passam a exercer papéis instrumentais, mas então já nos aproximamos da fase de cisão do grupo doméstico.^{16a}

(27) Os vários aspectos da diferenciação instrumental-expressiva são analisados por Parsons e Bates, 1956

(28) Cf. Zelditch, in Parsons e Bates, 1956 pag. 315

papéis expressivos recaem sobre a espôs-mão(família elementar) ou sobre as mulheres adultas(família extensa). Parsons e Bales analisando a estrutura de família elementar, mostram que, em determinados de seus subsistemas, a mãe assume papéis instrumentais. Todavia, não nos deteremos nesses detalhes.

Ao homem cabem os papéis através dos quais a família se vincula ao sistema inclusivo. Tudo o que lhe respeite os negócios é atribuição sua. A ele cabe também o privilégio final sobre o casamento dos filhos, notadamente das filhas. Todavia, não deixa a mulher de interferir em tais assuntos: em vários casos a mulher era reconhecida como proprietária de maior tino comercial que o marido (entre famílias de pequenos comerciantes). Mesmo em famílias de grandes comerciantes, se a mulher não interfere diretamente nos negócios ele o faz, por vezes, de forma indireta, como por exemplo, apelando para parentes e filhos de obter contratos de fornecimento para instituições oficiais. Mas, significativamente, a mulher ego sempre "atrás dos bastidores". Formalmente, é sempre o marido que condiz os negócios. Ademais, em nenhuma circunstância - e não ser quando a família extensa possa ilícito redistribuição de papéis - deixa a mulher de desempenhar papéis expressivos-domésticos. A não ser em situações atípicas o marido não abdica de sua autoridade, que se expressa de várias formas: à mesa, é o primeiro a ser servido; quando recebe uma visita formal, é ele que atende e faz as honras da casa, enquanto a mulher se retira para preparar o tradicional *cafêzinho*. Sómente se a visita é de pessoas íntimas a mulher participa da conversação. Por ocasião das entrevistas, o pesquisador é, sempre que possível, acompanhado da sua esposa. Enquanto conversávamos no salão doméstico nossa esposa acompanhava a mulher da casa para a cozinha.

Significativo, também, é que o marido na presença de estranhos, não pede a mulher que faça qualquer coisa: ele ordena. Porém, em muitos casos, diziam as mães línguas, - a sóz a coisa é diferente.

Já nos referimos antas, também às marcas das diferenças quanto à conduta sexual. Mais adiante nos referiremos a outros aspectos das relações marido e mulher, como o direito do marido punir fisicamente a mulher. Veremos também mais adiante, como a própria auto-representação da mulher ratifica seu status subordinado.

O modelo acima descrito é, evidentemente, ideal. Certas variações podem ser observadas: nas classes trabalhadoras, a espôs-mão ou a mulher em geral, assume papéis instrumentais, como relativa frequência, sem prejuízo de seus papéis internos à família doméstica. Na camada média e nos grupos mais elevados da esfera social isto é menos frequente e, como veremos mais adiante, nestas camadas, a diferenciação instrumental-expressiva (e seu eixo círculo dominação-subordinação), tende a se projetar também sobre a esfera ocupacional. Por outro lado, nos casos de "mãe de maternar", a não é obrigada a cumprir tanto papéis instrumentais como expressivos.

O inverso, todavia, não ocorre: não encontramos em nossa amostra nenhum caso - de "diáde paterna". Outras variações em relação ao modelo são encontradas nos / casos de família extensa: os papéis instrumentais e expressivos são distribuídos, respectivamente, entre os membros masculinos ou femininos do grupo; membros masculinos, por outro lado, tendem a assumir papéis expressivos, quando a idade - os afasta dos instrumentais. O avô, quando não mais exerce ocupação remunerada, - tem seu papel na organização doméstica claramente definido por seu conteúdo expressivo, principalmente no que diz respeito aos netos. Já nos referimos anteriormente aos fatôres que tornam ambíguo o status do marido nas camadas mais baixas de Itá-Açu.

A diferenciação básica, fundamentada no fator idade, é, aquela que - estabelece entre adultos e crianças, e que repousa sobre a incapacidade destes - últimos em desempenhar certos papéis cruciais para a sobrevivência - biológica - e social - do grupo doméstico. Isto é, sua incapacidade em desempenhar plenamente todos os papéis socialmente atribuídos a cada sexo, em cada situação de classe - específica. No que vai implicar a variação do conceito de adulto, segundo as diferentes classes sociais.

O primeiro filho de um casal nasce, geralmente, no primeiro ano após o casamento. Se isto não ocorre, o casal e suas famílias de orientação, logo se - revelam preocupados. Não ter filhos é sempre considerado uma infelicidade. Correlativamente, uma prole, numerosa é fator de prestígio social. Frequentemente ouvem-se frases estereotipadas, tais como: "os filhos são nossa riqueza", "Sou um homem - rico porque tenho muitos filhos." Um grande número de filhos é também sinal de virilidade. Para a população rural, e também para as classes trabalhadoras urbanas os filhos são particularmente importantes, seja como mão de obra auxiliar, seja - como reservatório p/ lo sustento dos pais em sua velhice. Um empregador, proprietário de um pequeno estabelecimento agro-pastoril no médio curso do rio, sómente - contratava trabalhadores que tivessem filhos em "idade de enchada": enquanto o - pai trabalha na roça, os filhos cuidam do pequeno rebanho leiteiro daquele proprietário, mediante pequena gratificação, inferior ao salário que seria pago a um - trabalhador adulto. Nas fases de maior concentração de mão de obra, os filhos participam do trabalho agrícola. Os pais que possuem muitos filhos têm assegurado, o seu sustento ao atingirem idade avançada; quanto maior o número de filhos, melhor já que uma parte sempre emigra, tornando-se mais difícil a manutenção de contatos com a família de orientação. Dizia um pai, trabalhador braçal da cidade: "Não - preciso de instituto (instituto de previdência - K%), graças a Deus tenho filhos - que podem garantir minha velhice." Mesmo quando os filhos residem separadamente dos pais, contribuem regularmente para o sustento destes. Tal obrigação cabe aos filhos homens, já que não existem normas sociais definidas atribuindo aos gêneros a obrigação de sustentar seus sogros, e uma vez que é relativamente reduzida a - proporção de mulheres que exercem ocupação remunerada. Este padrão pode, no entan-

to, ser redefinido, e encontrarem casais idosos residindo com genros, caso ocorre nas casas de trabalho. A propósito do papel dos filhos, lembramos mais uma vez as evidências reveladas pelos dados II e VIII. Poucos são os casais que / longe não de técnicas anti-concepcionais, seja por rotinas de ordem moral, seja por desconhecimento, seja ainda na função dos valores sociais já referidos. Nesta tem alguns casos de abortos intencionais, mas são vivamente desaprovados pelo socialista e, por vezes, punidos com a prisão. A maior parte dos abortos é praticada, por mulheres solteiras.

Todavia, apesar dos valores sociais comuns, o número de filhos não é tão grande como se poderia esperar, dada a alta incidência de mortalidade infantil. Nós dispomos de dados relativos à zona rural, mas os levantamentos realizados pelo SESP (Serviço Social de Saúde Pública), na cidade, indicam uma taxa de mortalidade infantil de ordem de 126,330, para o ano de 1958. A taxa de mortalidade, por sua vez, indica um certo decréscimo, irregular, entre estes, passando de 49,0 para 43,4 entre 1952 e 1958.

A elevada mortalidade não significa ausência de cuidados durante gravidez ou no período pós-natal. Tanto na cidade como na zona rural, os médicos costumam tomar uma série de providências para assegurar um parto bem sucedido e a sobrevivência posterior da criança. Mas, a natureza de tais cuidados, varia de acordo com a zona rural e, dentro da mesma, segundo as diferentes classes sociais. Nas classes mais elevadas recorre-se usualmente aos recursos médicos oferecidos pelo hospital particular e pelos profissionais da cidade. O mesmo não ocorre, todavia, com as classes trabalhadoras, cuja maior parte longe não de profissionais tradicionais, ressalvante é que predominam na zona rural. Apesar disso / crianças nascidas na cidade, em 1959, vieram ao mundo no hospital do SESP (gratuito), ou com assistência de parturientes treinadas por este instituição. Vemos se apresentarmos / esta proporção, os nascidos no hospital particular, o percentual não ultrapassa os 50%. No entanto, em algumas famílias, podemos observar mudanças no comportamento relativo ao parto e gravidez quando os filhos mais velhos haviam nascido em casa, sob os cuidados de um "curioso", entre os mais novos, / uma boa parte veio ao mundo com assistência do SESP.

A função de técnicos obstétricos e de pediatras não se fôr nem resig-
tando em parturientes tradicionais, receiosas de concorrências representadas pelo SESP, com seus recursos de medicina moderna e assistência gratuita, alimentavam a repulsa dos médicos tanto em seu campo acreditada por técnicos, e infeliz-
velmente perigosas comparações ao abandono das práticas antigas continuadas e afastar os riscos envolvidos no parto. Os poucos, todavia, formados e atraídos pelo / próprio SESP, que lhes deve treinamento básico e fornecido medicamentos e material gratuitos, sem onerar seu status na comunidade. Bem ao contrário, elevando-se a

eficiências da parteira, elevava-se também seu prestígio. Ao mesmo tempo, evitava-se combater aquelas práticas tradicionais que, se nenhum benefício traziam, traziam prejuízos. Verificou-se, assim, uma justaposição de elementos gerados por uma ordem segrada-tradicional e aqueles resultantes da gradual instalação da ordem secular, da qual a própria parteira se tornava elemento de difusão.

É principalmente na zona rural que ainda predominam as práticas tradicionais. Os cuidados não se limitam apenas à mãe e à criança, mas também ao pai e mesmo a pessoas estranhas à família. A mãe deverá evitar comer, nos dois últimos meses de gravidez, uma série de alimentos considerados prejudiciais - "remorsos" - dos quais deverá se abster também durante o período de resguardo. Durante todo o gravidez, deverá se abster, ainda, de qualquer espécie de caga ou pescar, pois do contrário poderá "envenenar" o engravidor ou pescador, isto é, trazer-lhe má sorte nestas atividades. O perigo de "panema" é particularmente grande quando a mulher é preguiçosa, isto é, quando se recusa a trabalhar por motivo de gravidez. Somente lhe é permitido abster-se dos trabalhos pesados nos dois últimos meses. A "panema" só poderá ser efectuada após o nascimento da criança, pois, do contrário ela morrerá. Como o homem "envenenado" deve evitar de cagar e pescar, ele se verá na contingência de interromper tais atividades durante todo o período de gravidez, com evidentes prejuízos para a sua economia doméstica. Mas, mesmo na zona rural, não são todos os que obedecem às normas recomendadas. Segundo uma parteira "muitas são ruínas e tomam banho de cheire para afastar a "panema", e a criança morre". Mas, por outro lado, não poucas as mulheres que aconselham peixes ou caga, estando grávidas:

Para afastar a "panema", além do banho de cheiro, outras medidas devem ser tomadas: se o "envenenado" for pescador, deverá mergulhar por baixo de sua canoa, mordendo sua espiga e repetindo mentalmente certas palavras mágicas. Deverá ainda, tomar a corde de seu arco de pescar, dar-lhe alguma nêz e enrolá-la nas costas do filho, quando este nascer, e recitar outras tantas palavras. Se for caçador, deverá desfumar a boca do espingarda com certas ervas, dar algumas nêzes no punho de sua rede e com elas envolver a criança. As mulheres grávidas, quando recebem alguma caga ou peixe, devem ser possível recusá-la. Quando isto não é possível, devem evitá-la. Se, todavia, por um rezão qualquer forem obrigadas a comer, deverão cuspir por cima do fogo onde a comida foi preparada, dizendo: "Quem comeu não fui eu foi Fulana" (alguma mulher que não esteja grávida). Contudo, são poucos os casos em que é necessário recorrer a tais expedientes, pois a maioria dos homens, sabendo que uma mulher está grávida, evitárá que o produto de sua cagada ou pescaria venha ter com suas mãos (29).

Outros cuidados são ainda tomados, principalmente restrições alimentares. Os trabalhos pesados são transferidos às fighas mais velhas ou outras mulheres do grupo doméstico. Não podem ser transferidos para os maridos porque também este deverá evitá-los, especialmente na semana em que se supõe sobrevenir o parto; do contrário, corre-se o risco de -

(29) Para maiores detalhes relativos ao conceito de "panema" ver Galvão, 1955.

que "na oançaria passe para o filho", fazendo com que ele fique "mole". Se o parto coincide com os períodos de maior intensificação do trabalho rural, torna-se necessário recorrer a parentes ou amigos e para eles transferir o grosso da atividade - agrícola, durante o "resguardo" paterno.

Os alimentos interditados durante a gravidez e o resguardo são: tapioca; baijú; banana branca; abacate; manga; ananás; acari; pirarucu; peixe-liso"; oaca - de qualquer espécie. Tapioca e baijú podem provocar retardamento do parto. O mesmo ocorrerá se a mulher comer acari, por ser este um peixe que habita em cavidades existentes entre as pedras da beira do rio, onde entra com facilidade, não se sabe de onde é difícil tirá-lo por causa das barbatanas; com as quais se "segurra" às pedras. Banana branca, ananás, manga e abacate, provocam "corrimento". Pirarucu e "peixe-liso" (sem escamas) devem ser evitados porque fazem mal à criança - porque, nenhum informante soube explicar; respondiam que "os mais velhos dizendo, a gente não vai perguntar porque". A gestante deve, ainda, evitar de matar galinhas ou treonjas (espécie de tartaruga) pois, do contrário, a criança nascerá com braços, pernas, ou mesmo com cabeça.

Além das medidas evitativas, utilizam-se também, uma série de remédios. - Dos caseiros, o purgante de mamona, na semana do parto, para torná-lo mais fácil; - o mamão assado, o chá de canela e a cerveja preta, para evitar enjôos, são os mais comuns. Dos de farmácia, destacam-se o Capivurol, o Biotônico Fontoura e as Pilulas de Vida, estas últimas usadas na semana do parto para "limpar o estômago".

O seguinte relato descreve o processo usualmente seguido pela parteira. - "Quando mandam me chamar, já tenho o álcool e o óleo. Prefiro partear na cama, porque sentada, a criança pode ser grande e ficar difícil. Quando a mãe está sentindo as dores, dou mingau com pimenta do reino, vinho, café e manteiga para não ficar muito fraca. A pimenta faz esquentar a barriga por dentro. Pisco óleo de amêndoas doces na barriga e apalpo a toda hora para ver se a criança está no lugar. O óleo é pra amolecer a barriga; tem umas que têm o bucho duro. Quando vejo que o parto vai ser complicado, mando para a cidade. Quando a criança nasce, asseio o umbigo com linha, ponho óleo e um pano. Ai mando desfumar os panos com alfazema e alecrim, para não pegar doença. Ponho as brasas dentro de um prato, ponho as folhas de alfazema e alecrim - por cima e vou defumando. Depois pisco na barriga da mãe alfazema, óleo de amêndoas doces, alho amassado e enrolo um pano bem amarrado para não cair a mão do corpo. Depois dou um banho de acetato de permanganato com água. Se for preciso, fico cuidando da mãe e da criança até o oitavo dia".

O período de resguardo, tanto na cidade como na zona rural, dura 40 dias, - durante os quais a mãe não deve sair de casa, não deve fazer força, nem tomar banho de corpo inteiro. A criança só poderá ser vista por outras mulheres - exceto as do-

próprios grupos domésticos - após este período, a fim de evitar "mão olhada". A mãe deve evitar ainda de tomar sustos pois "o sangue pode subir para a cabeça e pode ficar louca ou cega". Algumas pessoas acreditam que a criança corre o mesmo perigo.

Durante os primeiros oito dias, a mãe deve ficar na cama; aos quinze dias começa a andar pela casa e já pode tomar "banho de asseio", mas sómente pela manhã. Entre os oito e os quinze dias apenas pode ficar sentada. Ao levantar-se, ^{mesmo} após o oitavo dia, deve tomar banho aromático "para não pegar frio na barriga e nos ovários". Sómente após os 40 dias poderá a mãe sair da cama e retomar suas atividades normais. Todavia, durante 50 dias a contar do parto, deve se abster de relações sexuais, o que significa que o período de tempo mínimo entre um parto e outro é de dez meses e meio.

Também o pai, nos primeiros oito dias deverá se abster de trabalhos pesados. Como o trabalho do homem na zona rural é sempre pesado, torna-se importante a presença no grupo doméstico de ^{de outro} homem adulto, na ausência de filhos que possam assumir o papel paterno. Quando tal parente ou agregado não existe, apela-se para as relações de compadrio ou de parentesco externo do grupo doméstico. Na cidade, evidentemente, dada a própria natureza do trabalho assalarista e individual, isto não é possível. Por isso mesmo, as normas tradicionais estão desaparecendo. Mas tal desaparecimento não implica na assimilação de uma visão de mundo secularizada: a fim de evitar os males advindos da transgressão de quaisquer normas, recorre-se a uma ressaca, que deverá conjurar as forças malefícias que, de outra forma recairiam sobre a criança.

O desamarra se inicia geralmente aos seis meses, contudo é retardado até um ano. Outras vezes, ele se verifica quando começam a surgir os dentes. Sempre que as condições económicas da família o permitem, a alimentação da criança, durante o período de amamentação, é completada com leite em pó: Mas, comum, porém, é a mistura do polvilho ou arroz com águas. O desamarra é sempre um processo violento, para a criança, já que ele é conseguido passando-se no seio pé de café, óleo de sânduba. Emulsão de Scott, iodo, "embira de emarrar peixe", ou, nesses casos extremos, "tictica de galinha". Além disso, a criança é separada da mãe, passado a dormir com uma irmã mais velha ou, na ausência deste, com um parente. Quando o desamarra se verifica após um ano de idade, a criança passa logo a cozer "comida de panela"; antes de um ano, porém só come "comida de leite", "cenja de pinto", suco de laranja e bananas - amassadas.

Além dos próprios filhos, é comum ^{que} os pais das casas superiores a média incluem no grupo doméstico, crianças orfãos, ou crianças de pais que, por vários motivos, não podem mantê-las em suas próprias casas. Não é raro que os pais das classes trabalhadoras, em situação de penúria financeira, ofereçam um filho a famílias mais prósperas, na esperança de que ali encontrem condições de educação e treinamento ocupacional. Por vezes, também o padrinho pede o afilhado como "prometido", integrando-o em seu grupo doméstico quando a criança alcança a idade escolar. Obrigações de parentesco e compadrio principalmente quando este último é de tipo in-

tensivo mas também pode levar à adogão, ou apenas à ~~resistâncias temporárias~~, de crianças - erfas ou desquias que, residindo no interior, ou em certas cidades menores, vêm à Itá-Açu a fim de estudar.

Existe um diferença bastante sencunda entre a "crie da casa" e o afilhado. Às vezes porém, tais diferenças são eliminadas por efeito do status diferencial entre o padrinho e o pai. Quando, além essas obrigações de parentesco e comadrio, existem vínculos afetivos entre a família de adogão e a de origem, o afilhado tem status equivalente ao de filho. Aliás, como já vimos, o comadrio, quando horizontal é construído sobre relações de amizade. Na maioria dos casos observados, existia distância social bastante sencunda, soprando a família de origem da "cria" daquela que a adotou. Muitas vezes, diferenças de status faziam com que o afilhado fosse considerado inferior ao de empregado doméstico. No interior do grupo doméstico, a "crie" se caracteriza como mão de obra gratuita. Observa-se uma certa preferência por "crias" do sexo feminino, já que os serviços que lhe são atribuídos são predominantemente de ordem domésticas - esfera de atividades definida como pertinente às mulheres. Enquanto o ingresso do afilhado no novo grupo doméstico se faz muitas vezes por iniciativa de seus pais, o da "crie" se deve ao interesse demonstrado por uma família "de bem" em oferecer condições educacionais a uma criança pobre, em troca de execução de tarefas ligeiras que, não obstante, terminam por ocupar o dia todo.

O recrutamento das "crias" está associado, em certa medida, ao ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, tanto de origem como de adogão: a "cria" é procurada por uma família em sua fase de isolamento residencial quando se torna mais difícil contar com o auxílio dos avós. Nesta fase, os filhos ainda são pequenos demais para poderem auxiliar na organização doméstica, assim que, aliás, nas classes dominante e média, não costumam mesmo fazer, ou, quando o fazem, não se permite que tais tarefas interfiram com o processo escolar. Além disso, a "cria" se revela mais econômica que a empregada doméstica, já que seu trabalho não é remunerado.

Por outro lado, a "cria" sai de seu grupo doméstico de origem, quando este já conta com um certo número de filhos, isto é, quando sua composição demográfica atinge uma situação de equilíbrio face ao seu sistema de papéis. Um número excessivo de filhos de idades próximas uma das outras, representaria um peso morto na organização doméstica; de um lado, são por demais jovens para conseguir ocupação remunerada; de outro, implicam numa duplicação desnecessária de papéis, uma espécie de mão de obra ociosa em âmbito doméstico.

A respeito do status da "cria" e do afilhado, em situação de distância social, os depoimentos seguintes são bastante ilustrativos. Uma mãe, de origem rural, cuja filha fêz morar com um professor da cidade dizia: "nunca mais entrego minha filha. Foi morar com o professor X para poder estudar. Mas era só lavando e varrendo o dia todo. Pior que no tempo do cativeiro. Não havia tempo para estudar. Achei melhor trazê-la de volta. E olhe que o professor X é minha comadre. Depois viemos para a cidade". Outro informante, que

de casa de classe média: "Todas as meninas ajudam, mas trabalhar mesmo, quem trabalha é a Antonia, que a gente crê(x).

Como vimos, o domínio se dá apropiadamente entre os seis meses e um ano de idade. Até dois anos, no entanto, a criança permanece em contato quase que exclusivo com a mãe e com as demais mulheres do grupo doméstico. As punições são inexistentes, e as reações entre pais e filhos se caracterizam pela tolerância. Nenhuma diferenciação é feita entre os sexos. Nas camadas médias e superior existe alguma diferenciação quanto ao vestuário: a menor diferença nas cores: azul para meninos e rosa para meninas. Entre as classes trabalhadoras e na zona rural, porém inexistem tais requintes mesmo porque a maior parte das crianças anda despidas. Até aproximadamente os seis anos de idade não se atribui à criança nenhuma tarefa específica. A atividade principal é o brinquedo, sob o controle da mãe, avô ou as irmãs mais velhas. A religião da criança com o pai continua sendo pouca; seja qual seu sexo, o controle é sempre exercido pelos elementos femininos do grupo doméstico, excetuando-se, como já vimos, o caso do avô.

Se a criança não são atribuídos papéis específicos, já se iniciou o aprendizado de uma série de comportamentos: controle esfínetérico; hábitos básicos de higiene; obediência aos mais velhos. A partir dos três anos, mais ou menos, começam a ser enfatizadas as diferenças entre o sexo, assim como algumas noções de poder; se é nudez é permitida, procure-se evitar que a criança defogue ou urina no público. Os meninos conseguem ser efusões das meninas; procure-se estimular as crianças por brinquedos considerados adequados a cada sexo. Fais brinquedos relacionam-se, de certa forma, aos futuros papéis adultos: as meninas devem brincar com bonecas, de cozinhas etc. Os meninos devem brincar de pegar, jogar bola e outros brinquedos que implicam em esforço físico, competição e agressividade. Diferenciação por sexo é reforçada, além de vestuário, pelo controle sobre a ligação e uso de palavras de baixo calão é proibido às meninas, mas tolerado para os meninos. Outros hábitos são ainda inculcados: disciplinação nas horas certas (menos por risco de equilíbrio biológico do indivíduo, do que para facilitar organização de vidas domésticas); cuidados com o próprio corpo; solução de disputas através do recorso ao artifício das mais velhas. Assim, a personalidade do indivíduo começa a ser moldada às exigências gerais e subordinadas ao sistema de poder existente à idade.

Entre os seis anos as únicas tarefas tributárias da criança relacionam-se ao próprio arrumar os brinquedos; meter seus quartos em ordem etc. Outras tarefas são apenas eventuais: banhar, ligo para os pais ou irmãos; ajudar a alimentar as crianças domésticas etc. Mais o aprendizado de certos papéis já consegue ser feito através das atividades adultas. As meninas imitam suas mães e demais mulheres resulta em suas tarefas de cozinha, costura, arrumação do casa etc. O mesmo não ocorre, contudo, com os meninos já que, na cidade poucas oportunidades têm de observar as atividades dos pais, que estão envolvidas predominantemente fora do lar. Na zona rural, alguns meninos acompanham os pais à roça, sem contudo participarem do trabalho.

(x) A propósito do grande nº de filhos podemos aventurar uma hipótese sobre a função de tal pecado, além das funções já citadas quanto mais filhos tiver um casal mais competentes terá. Tendo as funções integradoras do conspédio, resultam melhores possibilidades de ajustamento social da família. Ressalta-se que a religião de solidariedade envolvida no conspédio é mais operativa no sentido conspédio-conspédio que no sentido padrinho-afilhado.

Como dissemos, o controle é exercido e exercido normalmente pela mãe, ou pelas - mulheres em geral. Existe uma valorização negativa quanto à participação dos pais nos / brinquedos ou nos cuidados com as crianças: "Criança é assunto de mulher". "Homem não / tem paciência com criança", são racionalizações que, no fundo, tendem a justificar a / definição social do papel doméstico feminino e seu status geral de subordinação.

A atribuição de papéis específicos começa aos seis ou sete anos de idade. A criança ingressa então numa nova fase, que se caracteriza pelo engajamento na organização doméstica, isto é em seu sistema de divisão de trabalho, e pelo engajamento nas atividades escolares, com a resultante contradição entre os dois conjuntos competitivos de papéis que a criança é obrigada a desempenhar. A situação não é, contudo, homogênea: algumas diferenças podem ser observadas, segundo o sexo, a situação de classe e o local de residência (urbano ou rural). Idealmente, esta é a idade em que a criança passa a ser objeto de ação socializadora de outra agência; a escola. Mas na verdade, na zona rural, somente uma minoria da população chega, efetivamente a ingressar na escola. Por outro lado, boa parcela da população escolar, ser ingressar na primeira série, não encontra condições para concluir o curso. Finalmente, a própria organização escolar prevê uma escolarização menos intensa no campo que na cidade (30). Mesmo na cidade a maioria da população tem seu ingresso na escola retardado, por efeito de uma série de fatores: ignorância por parte dos pais quanto à manipulação da burocracia; inexistência de escolas no local de origem; falta de vagas; necessidade de desempenhar papéis conflitivos com os escolares; ausência de correspondência entre os valores do sistema escolar e os valores de / certas camadas da população. Apesar desejamos, aqui, nos referir à contradição entre papéis ligados à organização doméstica e os papéis escolares, contradição esta que parece ser mais aguda entre as meninas do que entre os meninos. Na realidade, para os primeiros, a contradição não é propriamente entre papéis domésticos e escolares, mas entre estes últimos e as ocupações. Isto é, não se trata de conflito com a organização interna do grupo doméstico, mas com suas necessidades de ajustamento externo. Evidentemente, tais contradições inexistem entre as classes média e dominante.

Do ponto de vista das atribuições domésticas, propriamente ditas, o envolvimento das meninas tende a crescer com a idade, ao contrário do que ocorre com os meninos. Quanto mais velhas e filhas tanto mais é ele absorvido pelos afazeres domésticos. Os meninos - ao contrário, são gradativamente libertados dos papéis domésticos mas, em compensação, - cresce sua participação nas atividades produtivas. Os dados adiante apresentados parecem revelar que os papéis masculinos pertubam mais seriamente a vida escolar que os femininos.

(30) Ver, a propósito, Pereira 1960:

QUADRO XIV

Proporção de analfabetos segundo o sexo e o local de residência. População de 7 a 14 anos.
Pará, 1950.

	Urbano	Rural
Homens	22,22	75,10
Mulheres	20,30	75,00

Fonte: Censo Demográfico de 1950. Estado do Pará.

Como se pode ver, na zona rural, a diferença entre meninos e meninas é quase desprezível. Ambos os conjuntos de papéis parecem influir de forma equiparável na vida escolar. O fator predominante parece ser a própria diferenciação rural-urbana. Não nos alongaremos, aqui, na análise da dimensão escolar do processo de socialização. Para uma análise rápida, porém segura, das relações entre o aproveitamento escolar e a contradição urbana rural, remetemos os leitores aos trabalhos de Pereira (1960) e Cândido (1957).

O quadro seguinte nos oferece outras evidências. Os dados parecem refletir o maior aproveitamento escolar da população feminina. Somente nos níveis mais elevados inverte-se a situação. Trata-se, porém, da ação de outros fatores, conservantistas, defensores do status feminino na sociedade, e que serão mais adiante abordados.

QUADRO XVI

Razão de homens sobre mulheres, segundo o grau de instrução. Pará., 1950.

Série frequentada	Razão H/M
Primário	1,7
Primeira série	1,3
Série final	1,8
Médio Primeiro Ciclo	
Primeira série	1,1
Série final	0,6
Médio Segundo Ciclo	
Primeira série	1,4
Série final	1,5
Superior	
Primeira série	4,5
Série final	11,3

Fonte: Censo Demográfico de 1950, Estado do Pará.

Os dados de nossa amostra (urbana) são obviamente consistentes como os scim -

apresentados: a porcentagem de mulheres que possuem curso primário completo é de - 41,5, enquanto a de homens é de apenas 37,9. A seletividade diferencial do sistema - escalar, segundo o sexo do aluno é evidenciada pelos fatos seguintes: considerando o nível primário, se igualarmos o número de alunos da primeira série a 100, o número dos que atingiram a última série será de 28,7. Da mesma forma, se igualarmos o número de alunos da primeira série a 100, o número dos que atingiram a série final será de - 30,9. A diferença é mais acentuada no nível médio (1º ciclo); sendo os alunos da primeira série igual a 100, os da última série serão iguais a 16,8. Quanto às alunas, - pessoas de 100, na primeira série, para 47,3 na última. Na

Na zona rural, a partir de 12 ou 13 anos, os filhos acompanham os pais para a roça, onde permanecem metade do dia nos períodos de preparo da terra, plantio e colheita, o dia inteiro. Tais épocas coincidem frequentemente com os períodos cruciais da vida escolar: os exames. Idealmente, neste idade a criança já deveria ter terminado seu período de aprendizagem escolar. Vários fatores, comuns à maior parte das pris, provocam, todavia, um retardamento. Mesmo nas épocas de relativa vacância agrícola, - pouco tempo resta, durante o dia, para a realização dos deveres escolares. As tarefas extra-escolares sobrepõem-se, assim, às escolares. Quanto às meninas, o dia todo, - com excessão do período escolar, estão ocupadas em tarefas domésticas. Quando a mãe - se encontra grávida, mesmo o horário escolar é absorvido pelos papéis domésticos, - que são para ela transferidos. Como já vimos antes, nos períodos críticos do ciclo / agrícola, também a menina participa das atividades produtivas.

Nas classes trabalhadoras urbanas, o engajamento prematuro dos meninos em atividades remuneradas (engraxar sapatos, carregar malas, trabalhar como aprendiz de um artífice, transportar pequenos volumes no mercado) tende a perturbar seu aproveitamento escolar. A menina, assim como no zona rural tem quase todo o seu tempo ocupado pelas papéis domésticos, tanto mais absorventes quanto maior a idade, e menos que ela, na adolescência, encontre emprego remunerado. Mesmo nestes casos, a menina não se vê livre dos trabalhos domésticos, mas diminuem de intensidade, voltando a ser desempenhados pela mãe, ou são transferidos para outras irmãs. Os dados parecem indicar que os efeitos disfuncionais dos papéis domésticos em relação à eficiência do processo escolar são menos acentuados que os dos papéis ocupacionais (para os meninos).

Após os seis anos registram-se certas modificações no controle que a família exerce sobre a criança. Até então, pai e mãe adotavam uma atitude de tolerância. - Após os seis ou sete anos - quando deveria, idealmente iniciar-se a vida escolar - a mãe passa a adotar uma atitude mais severa, recorrendo, frequentemente, aos castigos físicos. É o que ocorre quando os filhos brigam com outras crianças, depedram o patrimônio da família, revelam comportamento inadequado na escola. O pai, todavia, -

não interfere. Sua interferência só se verifica no caso de "delitos" mais graves: quando por exemplo, um filho entrando em conflito com outras crianças, foge, denotando uma atitude de covardia. Tal atitude é considerada vergonhosa. Não há pai que não se sinta orgulhoso de possuir um filho "valentão". O pai também interfere quando, por exemplo, um filho ou filha é expulso do colégio. Numa família da classe média, um filho havia sido expulso do ginásio. Como corretivo, o pai decidiu não continuar financiando seus estudos e obrigou-o a procurar trabalho: "Não estou aqui para sustentar vagabundo. Se não quer estudar vai trabalhar, para ver como é bom ter de suar para ganhar a vida". Todavia, quando o pai exerce seu papel punitivo, modifica-se a atitude da mãe: ela passa a ser / "consoladora", afirma que o pai foi severo porque quer ver os filhos no bom caminho, - aconselha os filhos sobre o comportamento futuro. E procura também dissuadir o pai de seu rigorismo, convecendo-o a amenizar a punição, o que muitas vezes acontece.

Nas classes médias e dominante registra-se um acidente de diferenças entre meninos e meninas. Enquanto os meninos praticamente não desempenham papéis extra-escolares, as meninas são atribuídas tarefas domésticas semelhantes, em natureza, mas não em intensidade, aquelas que ocupam as filhas de classes trabalhadoras. No entanto, a diferença destes últimos, os papéis domésticos são subordinados aos escolares. As tarefas domésticas são encaradas, menos como contribuição para a organização doméstica, do que como parte do aprendizado indispensável ao desempenho dos papéis adultos. A propósito, dizia uma informante: "O serviço de uma moça é ajudar a mãe em casa. Minha filha vai estudar o normal, mas não quero que aconteça com ela o que aconteceu comigo, que fui criada assim. Não aprendi nada, e quando me casei tive de passar vergonha".

Em resumo, o status da filha assemelha-se ao de aprendiz em relação ao mestre: mesmo que as tarefas domésticas sejam realizadas por serviços, a participação da menina no sistema de papéis domésticos faz parte do seu aprendizado para a vida adulta. - Existe uma relação inversa entre a impositividade dos papéis domésticos e a situação de classe da família: nas classes médias e dominante, grande parte dos papéis domésticos é transferida para empregadas ou "crias"; nas classes trabalhadoras elas recorrem sobre a esposa-mãe e sobre as filhas. Não significa isto, todavia que o universo social feminino seja menos "doméstico" nas classes mais elevadas que nas mais baixas: muito pelo contrário nestas últimas é mais frequente o engajamento em papéis ocupacionais extra-domésticos. Por outro lado, quando examinamos os níveis mais elevados do processo escolar (de onde são excluídas, em 1^{ra} e medida, as classes trabalhadoras) verificamos que se reduz consideravelmente a participação feminina, por ação de determinados fatores conservantes. Os mesmos fatores contuzem também a canalização das aspirações educacionais femininas para determinados setores da educação escolar, entre os quais se destaca o curso normal (31).

(31) Cf. Gouveia, 1961

Adiante voltemos a focalizar o problema. Tais fatos, além das peculiaridades observadas na profissionalização da mulher de classe média, indicam o elevado grau em que seu status é definido em termos domésticos.

Com o início da vida escolar começa também, de forma mais acentuada, a inculcação de valores que limitarão o universo social feminino ao âmbito doméstico. Também a separação entre os sexos se torna mais rígida. Dizia uma informante, de classe média urbana: "depois dos seis anos não deixo minha filha brincar com meninos". Deste modo, não brinca nem com os irmãos; só com os menores. Meninos têm brincadeiras - tolas. Ficam dizendo palavrões perto das meninas. Ficam malinchando as meninas. Menina tem que ter mais escrúpulo que menino. Fica feio uma menina andar no meio dos rapazes". A segregação da menina aumenta com a idade. Ao atingir a puberdade, excetuando-se as horas escolares, a menina passa quase todo o dia em casa. Naturalmente, nas classes-trabalhadoras, a situação não é a mesma. Suas condições, concretas de existência impedem, muitas vezes, a atualização de valores culturais: boa parte da sua população feminina, ao atingir a puberdade, já trabalha no comércio ou em empregos domésticos. Todavia, quando a menina não trabalha, seu absurdo pelas tarefas domésticas é muito mais acentuado que nas demais classes.

Nas áreas agrícolas, mesmo quando a filha ou a mulher, de um modo geral, trabalha, ela o faz no interior do grupo doméstico. Seu nível de interação social é, portanto, mais reduzido. Cabe lembrar as diferenças já mencionadas entre o setor do seringal e as setores agrícolas: se, por um lado, o isolamento geográfico do grupo doméstico no seringal tende a dificultar o contato com pessoas estranhas ao mesmo, por outro lado, como vimos, são muito menos impositivos os valores relativos à castidade e ao contato, em geral, com homens. E o isolamento tende a limitar o universo de relações sociais, menor o fuz de formas absolutas, tanto assim que a maioria das adolescentes - observadas havia tido experiências sexuais pré-matrimoniais.

Se, a partir da idade escolar os fazem sentir mais intensamente as restrições quanto ao contato entre os sexos, é justamente neste período de vida do indivíduo que se verifica seu ingresso em esferas mais amplos de sociabilidade, através da escola. Assim a família enfatiza, simultaneamente, a limitação da menina ao âmbito doméstico e se esforça por matriculá-la num estabelecimento de ensino. Aparentemente, a família estará colocando em choque a ideologia da sociedade local, com a do sistema educacional, no que diz respeito às relações entre pessoas do sexo oposto: enquanto os valores da comunidade enfatizam a segregação entre os sexos, o sistema educacional público // preconiza a co-educação. Todavia, movimento devemos encarar a situação segundo as diferenças de classes: na verdade, esta contradição atinge a população de modo diferencial; a classe dominante não é por elas levada; as classes trabalhadoras são atingidas de forma intensa. Ela se revela mais rígida na classe média. A classe dominante é capaz de acomodar suas ideologias com as necessidades de educação formal, matriculando /

Suas filhas em estabelecimentos confessionais, destinados somente à clientela feminina. Neste articular, os grupos sociais onde estão mais presentes os valores conservacionistas, são aqueles que maiores possibilidades têm de manter os alunos. Aliás, já se notou que uma das razões de proliferação de escolas normais e confessionais, independentemente ao mercado de trabalho (a maioria das normalistas não exerce a profissão) - e da eficiácia que possam apresentar (eficiácia frequentemente duvidosa), reside justamente, no ato de virem elas ao encontro da ideologia tradicional dominante(32). Entre as classes trabalhadoras são menos impositivos os pedidos de segregação feminina, tendendo assim a também família-escola e a minimizar, nesse aspecto específico (apesar de ser nítima ao nível de contredição entre papéis concretamente desempenhados). É nas classes médias - exceçõesseus estratos superiores - que tais tensões são mais intensas: participando da ideologia dominante, não possem, todavia, condições para matricular suas filhas nos verdadeiros "gineceos-escolares" que são as escolas confessionais femininas (na Itália, assim como em muitas outras cidades, o mesmo estabelecimento inclui desde o primário até o normal). Não lhes resta, portanto, outra alternativa, senão recorrer aos estabelecimentos públicos co-educacionais. Mas, mesmo nessas escolas, a filosofia oficial, ou os valores normativos de sua organização formal são, em certa medida, redefinidos segundo a ideologias locais. Assim como ocorre com outras instituições pertinentes ao nível de integração nacional, também a escola tem de ser assimilada pelas estruturas locais. Sendo o professorado produto da sociedade e da cultura local, e tendo recebido sua formação profissional precisamente na escola normal confessional local, ele tende a reconhecer os princípios normativos do sistema escolar e sistemas de valores de que participa. Assim, o professor se esforça em dificultar o contato entre meninos e meninas: nas salas de aula, os meninos ocupam umas metades e às meninas as outras; durante o recreio as crianças são mantidas separadas, segundo o sexo. Conforme veremos mais adiante, uma das razões da escolha do magistério primário, como profissão reside - previamente no desejo de evitar o contato com pessoas do sexo oposto. Sendo o professor um agente socializador, compreende-se facilmente, que ele transmite à criança modos de conduta definidos na consciência social do seu grupo (a classe média).

É ainda neste fase que se amplia o grupo primário de criança. Até então, o grupo de brincadeira se limitava aos irmãos, primos e, no máximo, o grupo de vizinhos. Alguns pais procuram evitar que seus filhos, mesmo se do sexo masculino, brinquem com crianças estranhas ao grupo de parentesco. Dizie um informante: "Eu não gosto que brinquem fora de casa. Estou sempre dizendo: vocês são quatro irmãos; é com vocês mesmos que tem de brincar. Use sempre o ditado: bos romeria faz quem em sua casa fica em paz. Não gosto que fiquem pelos vizinhos, porque, se acontece alguma coisa o culpado nunca é o de casa. É sempre o alheio que leva a 'culpa'".

Com a partici-

passão na vida escolar, porém, amplia-se o universo de interação da criança. No ambiente rural isto é menos verdadeiro pois, existindo poucas escolas na maioria das bairros rurais, o grupo de colegas corresponde, via de regra, ao grupo de vizinhos e, frequentemente, ao de parentes, conforme já foi ressaltado antes.

Este referencial, ainda, é um tipo peculiar de instituições ou abrigos - "escolas do acasalamento". Algumas famílias matriculam seus filhos, não sómente nas escolas regulares, oficiais ou oficializadas, mas também em estabelecimentos suplementares, dirigidos por professores acentuados, ou mesmos por viúvas ou outras mulheres com qualquer formação profissional. Afirma os pais que o fazem para evitar que os filhos "fiquem pela rua". Isto escolas podem ser consideradas, numa certo sentido, como equivalentes funcionais da família. Seu papel em sua função explícita, é o de auxiliar a criança nos deveres escolares, e, juntamente com a classe média e dominante é feito pelo lar. Seu também agências auxiliares da família enquanto organizações de controle social. Seu papel parece ser mais importante em relação aos meninos que às meninas, já que, se estas últimas podem ser beneficiadas pelo sistema de papéis domésticos, o mesmo não ocorre, pelo menos no mesmo grau, com os "rincões". Por este motivo, não sempre é possível encontrar compreensão, entre os pais (atualmente valorizados pelas classes trabalhadoras).

É também na fase escolar que se inicia a percepção das diferenças de classes e quando a criança ultrapassa o âmbito familiar ou doméstico, e começa a participar da sociedade externa, que se torna mais "processada" para inculcar os valores de diferença social. Até certo ponto, a distância social corresponde à distribuição espacial da população. Assim os pais das classes mais elevadas preocupam-se em evitar que seus filhos brinquem com crianças das classes trabalhadoras, elegendo que são "sujeitos", "dóceis", "dóceis meu exemplo", e que tem "moral baixa". Preconceitos e estereótipos de todos níveis são transmitidos às crianças. Tolerância o brinquedo com filhos de empregados domésticos; nestes casos pode-se observar, claramente a transferência da relação domínio-subordinação vigente entre os adultos, para as crianças, já não é este que presidirá as relações intergeracionais quando a criança atingir a idade adulta: o brinquedo é sempre o filho da mãe; é ela quem decide sobre os jogos a serem realizados; é a "mãe" ou o filho da empregada quem empresta o carrinho de brinquedo; o filho da mãe é sempre o "mocinho".

A escola poderia ser o instituir num fator de integração entre crianças de diferentes origens sociais, mas sua função integradora é minimizada pela preferência dos pais de situação econômica mais favorável em matricular seus filhos em estabelecimentos educacionais privados.

A transição para o status de adulto depende da medida em que o indivíduo é capaz de desempenhar plenamente os papéis atribuídos ao seu sexo. O indivíduo será adulto quando for capaz de constituir e manter seu próprio grupo doméstico. "Ser o homem masculino, e status de adulto tem como "toma" e integração no mercado de trabalho. -

Para a mulher, ali é dado pela capacidade em dominar e organizar domésticas. Naturalmente, é pštante a tendência da mulher em participar do mercado de trabalho, à medida em que se acentua a dominância da sociedade de classe no sistema inclusivo. - em Itá-Agu, porém, mesmo quando a mulher trabalha, a ideologia dominante ainda define seu papel como o de dona de casa.

A etapa intermediária entre o status de criança e o de adulto é a adolescência. Ela coincide, idealmente, com o fim do período de escolarização primária, nível educacional máximo atingido pela maioria da população. Todavia, é só nas camadas mais favorecidas que o ideal corresponde ao real. Na camada trabalhadora o retardoamento do ingresso na escola e a maior frequência de reprovações, provoca a coincidência entre esta etapa do ciclo de vida do indivíduo e o período escolar, com o que se acentuam as contradições de papéis (escolares e os ligados à organização doméstica) já referidas. Com a adolescência torna-se também mais rigoroso e contínuo que a família exerce sobre os filhos. A figura do pai torna-se mais presente. O filho-adolescente, a partir de 15 ou 16 anos já não é mais punido pela mãe, mas apenas pelo pai. Como o filho "já está ficando homem" é como "homem da casa" que tem de se haver". Quanto às filhas, passam a ser controladas mais severamente, não só porque ingressaram na "idade perigosa", tornando-se objeto de assédio masculino, mas porque se inicia a aprendizado sistemáticos dos papéis femininos que as tornar aptas a assumir o status de adulta. Durante a adolescência, a filha passa a maior parte do seu tempo junto à mãe, excetuando-se, apenas o período escolar. Todavia, algumas diferenças são visíveis entre as várias camadas sociais: na camada superior o tempo disponível para o lazer é maior, visto que as tarefas domésticas são transferidas para servigais. Na camada média-adolescente frequentemente trabalha fora, o que afasta o controle da família. Na camada média é menos frequente que a filha trabalhe. Nesta camada, ademais, os papéis que a filha desempenha na família não têm apenas o caráter de aprendizado, mas são necessários ao equilíbrio interno do grupo doméstico. Todavia, o trabalho profissional da mulher na camada média vêm se acentuando na medida em que se processam certas transformações no nível do sistema global. Conforme veremos no capítulo seguinte, desenvolve-se um conjunto de tensões entre as esferas domésticas e profissional do universo social feminino.

O controle sobre a filha, na fase da adolescência é mais severo que sobre o filho, principalmente nas camadas superior e média. E este controle é exercido pela mãe. Também aqui limita-se o pai a interferir apenas em situações extremas e nestes casos volta a mãe a assumir atitude "expressiva". A filha aprende a controlar suas emoções, não falar em voz alta, evitar contato com rapazes, evitar conversas / cujos assunto envolva sexo etc.

Nas áreas rurais, sem exceções, o adolescente já participa ativamente do esforço produtivo. Quando atinge 17 ou 18 anos, seu envolvimento é total. Nas classes

trabalhadoras urbanas, restrições legais dificultam o ingresso do adolescente no mercado de trabalho, antes de completar 14 anos. O que não impede, todavia, de exercer certas atividades "por conta própria", tais como os pequenos bicos que já mencionamos, ou de desempenhar o papel de aprendiz ou mesmo de "cria" - este último em tudo semelhante ao da empregada doméstica, exceto no que se refere à remuneração.

Apesar do adolescente já trabalhar, sua remuneração é, no entanto, insuficiente para que se emancipe do controle paterno. A própria ordem jurídico-legal ratifica esta situação: mesmo realizando trabalho idêntico ao do adulto, seu salário será - mais baixo, independentemente da produtividade; a maioridade plena é retardada para os 21 anos, mesmo que a maioridade real - em termos dos papéis sociais desempenhados - seja alcançada antes; antes da maioridade só poderá cessar-se com a ambiência dos pais (na zona rural, como vimos pelo Quadro XIV, um certo número de casamentos realizou-se antes da maioridade legal mínima); a liberdade de movimento espacial é igualmente restrita à autorização paterna.

Os adolescentes, com frequências já contribuem para o orçamento doméstico, - mesmo que apenas de forma subsidiária. Em alguns casos, porém, por efeito do desemprego absoluto ou estrutural, o adolescente é o responsável principal, o que tende a criar - uma situação de tensão, pela incongruência entre a esfera ideológicas e os papéis efetivamente desempenhados por pais e filhos. Na maioria dos casos, todavia, se a contribuição do adolescente é indispensável ao equilíbrio do grupo doméstico, ela permanece insuficiente para a passagem do status de subordinação ao de independência. Na zona rural, acrescenta-se o fato do adolescente trabalhar diretamente sob as ordens do pai: por um lado - não há solução de continuidade entre as esferas domésticas e ocupacionais; por outro lado, - enquanto na cidade, o adolescente penetra no mercado de trabalho de forma independente - de sua família de orientação, no campo ele faz através dos meios de produção pertencentes a esta última. Assim, a relação pai-filho, interna ao sistema familiar, acrescenta-se a subordinação do usuário dos meios de produção face ao seu proprietário, referente ao sistema doméstico-ocupacional (ver adiante a distinção analítica entre sistemas familiar - e doméstico). Tanto na zona rural como na camada mais baixa da cidade, a adolescência implica numa radical transformação, tanto para o indivíduo como para o grupo doméstico: gradualmente, o filho vai se transformando, de unidade de consumo em unidade de produção, isto é, passa a produzir mais do que consome. Existe uma relação estreita entre o ciclo vital do indivíduo e o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. A fase em que todos - ou a maioria dos filhos se tornarem adolescentes é aquela em que são menores os problemas financeiros das famílias rurais e da camada trabalhadora urbana. Isto se nota muito claramente nas áreas agrícolas: é neste fase que a família pelo trabalho conjunto de seus membros é capaz de cultivar uma roça maior e produzir maior excedente para comercialização. Mas, sob outro aspecto, é uma fase de tensões, quando não expressas, pelo menos potenciais: o pai não é mais o responsável exclusivo pelo orçamento doméstico. Para uma parte da camada média e para a superior, porém, ocorre o inverso: a adolescência dos filhos é a fase - mais avançada - nata que seu treinamento para os papéis adultos implica em considerá-

vais despesas. Nestas cidades os filhos só se tornam unidades de produção quando adultos.

Todavia, o equilíbrio dos papéis doméstico-familiares se mantém como vímos, o trabalho do adolescente não é suficiente para lhe assegurar um status de independência. O filho não constitui ameaça aberta à autoridade do pai, apesar de protestar cada vez mais contra o controle paterno. Tampoco perde o filho o respeito pelo do pai. Fumar e usar vocábulos pornográficos são duas formas de afirmação da personalidade do filho - adolescente. Todavia, o filho não fuma nem se expressa pornográficamente na presença do pai (e muito menos da mãe, pois esta vai se tornando gradualmente, uma personalidade "sagrada"). Muitos pais sabem que os filhos fumam ou bebem, "Ele pensa que já é homem", afirma o pai ironicamente. Mas o pai não proíbe o filho de fazê-lo (e não ser a minoria de protestantes). Néstando, o filho, mesmo depois de adulto, evita fumar na presença do pai, conforme tivemos ocasião de observar repetidas vezes. Movimento, porém, excepciona-se a cama inferior: já que o pai não é a figura autoritária que representa nas densas cidades, pai e filho tendem a se tornar equivalentes, à medida que o último progride para a adolescência. Correlativamente, à medida que o filho vai se aproximando do fim da adolescência, cessam os castigos físicos, que se tornam por vezes humilhantes (sintomaticamente, não se considere humilhante que uma filha seja surrada, mesmo quando adulta, isso incorre em falso grave - quando se deixa "seducir" por exemplo). Quando o filho atinge a idade adulta, praticamente cessa a autoridade do pai, exceetuando-se as "famílias tradicionais" onde o adulto é "linhagem" se reflete sobre o status do pai. O pai passa a ser apenas um conselheiro e mantém uma autoridade simbólica: para que um filho - e principalmente uma filha - passe a casar é imprescindível a anuência paterna.

Todavia, a personalidade do pai continua a se imprimir nos filhos por toda a vida. Se um indivíduo tem um pai que é conhecido como "erraceiro", desonesto ou entre atributo negativo, será-lhe á mais difícil obter trabalho ou um bom casamento. Ao contrário - um pai com boa reputação, poderá sempre obter boas colocações para os filhos, conforme pudemos observar em algumas empresas.

Ao contrário do pai, o status da mãe face aos filhos tende a crescer com a idade, mesmo porque, cada vez menos competem a elas os papéis coercitivos do processo de socialização. Quando os filhos atingem a idade adulta, a mãe se torna, como dissemos, "sagrada". JÁ mostramos antes que a mãe é o elemento catalizador do círculo interno de parentesco. Se, em geral, as filhas são mais "apegadas" às mães que os filhos, para estes últimos - ela não deixa nunca de ser uma figura vulnerável: "A mãe é que pede sofrimento para os filhos nascerem"; "O sofrimento do pai é grande, mas o de mãe é maior"; "O filho quando tem dor procura é a mãe", e outras expressões semelhantes, mostram como a liderança expositiva da espouse-mãe se projeta no futuro, definindo seu status na consciência dos filhos - adultos.

Na zona rural, mesmo após os 21 anos, e mesmo que seja capaz de dominar todos os detalhes da técnica produtiva, o filho permanece na dependência do pai. Sua manutenção

coincide, geralmente, com o casamento. Na cidade, o filho permanece também, usualmente, na residência paterna até casar-se (e, como vimos, mesmo após o casamento). Mas, duas diferenças significativas podem ser observadas: na cidade, quando o pai se torna idoso, o filho assume o papel de responsável principal pelo orçamento doméstico; torna-se, então, concretamente, o chefe do grupo doméstico. Mesmo que ele continue residindo com os pais, ele poderá residir separadamente. Na zona rural, isto se torna bem mais difícil: as condições vigentes da atividade agrícola limitam bastante a capacidade produtiva do indivíduo isolado. Com o casamento, ainda, o indivíduo amplia seu grupo de parentesco, pois se integra, também, na parentela de mulher, e já viemos antes a importância do auxílio do grupo de parentesco na atividade econômica de cada grupo doméstico. Tal ampliação do grupo de parentesco torna-se particularmente importante, se tivermos em vista a taxa relativamente elevada de emigração.

No sertão, é extremamente difícil a residência isolada, não só por efeito do isolamento geográfico, mas também porque, se o homem pode sózinho executar o trabalho de coleta, ele não pode, simultaneamente, cultivar e pequenas roças de subsistência de que necessita, e realizar outras tarefas secundárias mais indispensáveis, e que são geralmente reservadas à mulher.

Cabe, todavia, ressaltar alguns fatores que podem intervir na situação descrita; determinadas características do sistema social tendem a alterar o status relativo correspondente ao ciclo de vida do indivíduo: as restrições impostas pela esfera jurídica local ao ingresso no mercado de trabalho, ao casamento, e a outros momentos da vida do indivíduo, dependem do grau de integração do segmento local no sistema global, ou no nível de integração nacional. Ou, em outras palavras, depende da medida em que os principios organizatórios do sistema global se impõem a cada sub-sistema local. Sendo relativamente ineficientes os mecanismos de controle, tanto maior será a participação do menor na estrutura ocupacional. Por outro lado, uma situação de oferta excessiva de mão de obra, permite ao empregador pagar remuneração inferior ao salário mínimo legal e quando isto ocorre - fato bastante frequente em Itá-Agu - a distância entre pai e filho diminui, - no que se refere à contribuição organizária de cada para o grupo doméstico. Em vários casos ela era equivalente, deixando de existir, então, o suporte material dos fatores culturais que definem a assimetria do status no sistema familiar doméstico. Também se verifica, no comércio e mesmo na indústria, preferência pelo trabalho feminino, pois a mulher "é mais dócil" e aínes "dada em coisas de sindicato". Tais fatores, evidentemente, não afetam as classes médias e dominante.

No caso da mulher, o status de adulto é estinguido quando ela está biologicamente e socialmente capacitada para o casamento, mesmo quando este não se verifica. Todavia, a diferença dos homens, o fato da mulher ter se tornado adulta, não significa, necessariamente, que tenha alcançado o status de independência: um dos principios veículos de emigra-

cipação é o ingresso na vida profissional, mas a maioria das mulheres não exerce ocupação remunerada (ver, saliente, evidências sobre a professionalização feminina). Nas casas da superior e média, elas passam de uma situação de subordinação para outra, - ao se transferir de sua família de orientação para a de procriação. Mesmo que, em subsaítemos específicos do sistema familiar (idade mãe-filhos) ela assuma posições de mando e contrôle, considerando-se o grupo doméstico em seu todo, a maior dose de poder cabe ao homem. Na zona rural, pelas razões que podem ser depreendidas do que já foi dito, a mulher solteira dificilmente poderá viver sózinha.

As diferenças, quanto à passagem para o status de adulto, não se limitam àquelas observadas entre os sexos e entre a cidade e a zona rural. De uma maneira geral, a transição se faz mais cedo entre as classes trabalhadoras que nas mais elevadas; nestas últimas é menos frequente que a mulher trabalhe; as pressões que impulsionam o indivíduo para um ingresso prematuro no mercado de trabalho são muito menores; o treinamento para o exercício de papéis ocupacionais compatíveis com a situação de classe (de origem) do indivíduo demandam um período de tempo consideravelmente maior, o que implica num período de dependência mais prolongado.

As atividades domésticas giram primordialmente em torno às mulheres adultas. Quando o grupo doméstico é composto pela família nuclear, tais papéis recaem sobre a esposa-mãe. Quando é formado pela família extensa, são distribuídos equitativamente entre as mulheres presentes. Quando, na família nuclear todas as crianças são pequenas, novamente o peso da organização doméstica recai sobre a mãe. Quando existem filhas adolescentes, ou mesmo em idade escolar, parte do trabalho é para ela transferido. Assim, a distribuição de papéis, e as tensões podem gerar, depende da composição e do ciclo evolutivo do grupo doméstico. De acordo com a idade, a distribuição de papéis se faz segundo sua complexidade: cozinhar, lavar roupa, costurar, cuidar de crianças lactentes, são atribuições dos adultos e das adolescentes mulheres; varrer a casa, pôr a mesa, enxugar talheres, alimentar as crianças domésticas etc. são tarefas transferidas às crianças em idade escolar. A distribuição dos papéis domésticos se fazem também de acordo com o sexo: os meninos são atribuídos "tarefas externas", tais como fazer compras, buscar água, entregar a roupa lavada etc. As meninas cabem tarefas internas. É uma divisão de trabalho aos meninos maiores oportunitades de interação social e participação em grupos mais amplos que aquelas aberto às meninas. Por outro lado, o trabalho do menino é muitas vezes também o resultado de brincadeira. É comum vermos meninos brincando de pegar, jogando futebol ou gude, tomado banho no rio, enquanto esperam sua vez na fileira de águas, juntinhos em poucos torneiros públicos da cidade. Algumas tarefas atribuídas às meninas também implicam em sair de casa, como por exemplo ajudar a mãe lavar roupa na beira do rio, mas estas tarefas não sempre realizadas na companhia da mãe e, portanto, sob seu controle. Nas casas mais favorecidas, tais tarefas, evidentemente, inexistem; os meninos praticamente não são atribuídos papéis referentes à organização doméstica; às meninas cabe auxiliar à mãe, menos como-

tarefa que como aprendizado dos papéis adultos e como técnica limitante do seu universo de interação social.

Os papéis instrumentais cabem idealmente ao marido, ou aos homens adultos, conforme a composição do grupo doméstico. Entre a situação ideal e a real, contudo existem algumas diferenças, conforme indica o quadro seguinte:

QUADRO XVII
Responsabilidade organizatória do marido segundo
seu grupo de status. Cidade.

Grupo de status do marido	Exclusive	Principal	Co-principal	Subordinado	Tot. 1 N
	%	%	%	%	
A	69,21	23,02	7,69	-	13
B	62,50	28,40	7,95	1,14	88
C	31,57	43,85	23,05	3,51	57
Total	51,88	33,54	12,67	1,89	158

O quadro indica claramente que, à medida que se desce na escala de status, torna-se menos frequente o papel instrumental exclusivo do marido. Mesmo nas camadas mais elevadas observa-se que tal certo número de famílias, ou de grupos domésticos, o marido tem papel principal ou co-principal, e não exclusivo. A razão, todavia é outra: nas camadas mais elevadas, como vimos, surge com maior frequência os grupos domésticos compostos por famílias extensas, enquanto que nos grupos de status mais baixo predominam a família elementar. Nas primeiras, os casos de responsabilidades não-exclusivas devem-se à composição do grupo doméstico e correspondem ao momento - ou momentos - de ciclo evolutivo já antes descritos: são os filhos crescentes que contribuem para a manutenção do grupo doméstico. Quanto às camadas mais baixas, a pequena porcentagem de maridos com responsabilidades exclusivas davõe-se a maior incidência do trabalho feminino e do menor adolescente.

Neste quadro, excluímos os casos de pessoas vivendo só, assim como os grupos domésticos desprovidos de marido-pai. Nos casos de família extensa consideramos como marido aquele que era definido como chefe do grupo doméstico. A posição do marido varia, como dissemos, com o ciclo evolutivo do grupo doméstico: na fase inicial, ele divide com seu pai, com o qual reside, a responsabilidade pelo sustento da casa: todavia, conforme indica o quadro, a maior parcela dos encargos econômicos, e portanto, a maior dose de poder, corresponde ao pai. Na fase final - menos frequente que a inicial - o papel instrumental do pai declina, e ele se torna dependente do trabalho do filho. Todavia, mesmo neste fase, nas famílias de classes dominante, o pai mantém sua função já que continua a ser o chefe nominal do empreendimento industrial ou comercial agora gerenciado pelo filho. À medida que se desce na escala social, aumenta o grau de dependência em relação ao filho, ou à filha.

Já vimos que as fases, inicial e final, do ciclo evolutivo propiciam o surgimento de tensões derivadas da distribuição de papéis. Desajustamento de status também ocorrem quando a mulher, participa da esfera ocupacional em situação superior à do marido. É o caso de um carvoeiro, casado com uma professora primária: os grupos de sociabilidade de um eram totalmente diferentes dos do outro; o marido era nitidamente "lamentado pela mulher"; a mulher participava de grupos sociais de status mais elevado do que o do marido. Certa vez, foram ambos convidados para uma festa que se realizava na residência, dos pesquisadores, festa a qual também compareceram outras profissionais e seus maridos. Durante toda a noite ficou o carvoeiro relegado a um canto de sala, sem se animar a participar dos grupos de conversa e quando, timidamente tentava, era recebido com respostas frias e atitudes desestimulantes. Todavia, é não ser na esfera C tais casos são poucos frequentes. Já vimos antes, quando nos referimos ao caráter matrifocal da família nas camadas inferiores, que o status do marido é ambíguo. Não há necessidade de voltarmos ao assunto. Basta lembrar que, se as ocupações femininas não são de nível superior às masculinas, o papel da mulher no subsistema familiar, e instabilidade doméstica, e outros fatores, são suficientes para retirar ao marido seu status de detentor da autoridade. Nas camadas médias e superiores, conforme veremos mais adiante, desenvolvem-se os níveis de consciência coletiva, certos mecanismos que canalizam a professionalização feminina para ocupações que não competem com a do marido, garantindo-lhe este o papel de responsável principal - pela situação econômica da família e por seu status na comunidade. A medida que se sobe na escala social torna-se menos frequente o trabalho feminino, assim como o dos filhos; por outro lado, a remuneração de mulher é inferior à do homem; finalmente, a renda da mulher não é incorporada ao orçamento doméstico, mas destina-se aos seus gastos individuais.

Nas camadas médias e trabalhadoras, o trabalho da mulher não é liberado dos papéis domésticos, sendo o trabalho remunerado feminino necessário para o equilíbrio externo do grupo doméstico, e os papéis expressivos não são menos necessários para o equilíbrio interno.

No zona rural, a mulher também participa das atividades produtivas, assim como os filhos de ambos os sexos, via de regra como auxiliares do marido-pai. Poucos são os casos de incorporação autônoma no mercado de trabalho, dada a pequena expressão do trabalho assalariado. O quadro seguinte permite a comparação entre a cidade e a zona rural.

Anexo XVIII
Responsabilidade orçamentária do marido
Cidade e áreas rurais.

Zonas	Exclusive	Principais	co-principais.	Subsidiária	Mulheres	Total
Agrícola	42,07	49,65	4,82	2,75	0,69	145
Extractivo	48,64	43,24	8,12	-	-	37
Total rural	43,40	48,36	5,49	2,20	0,54	182
Urbano	"	"	"	"	"	"

O quadro está a sugerir que nas áreas rurais, é mais frequente o trabalho da mulher e dos filhos, confirmando o que ficou dito páginas atrás. Devemos notar outras diferenças face à situação urbana: na zona rural, a mulher e filhos trabalham sob as ordens do marido-pai, ao contrário da cidade, onde o engajamento no mercado de trabalho é individual e independente da família.

Para que se mantenha a organização do grupo doméstico, enquanto o sistema de papéis diferenciados, e para impor aos filhos as normas de conduta necessária à vida adulta, é preciso que haja uma desigual distribuição de poder. - Todavia, a distribuição de poder não deriva desta necessidade, mas também do processo histórico da divisão social do trabalho entre os sexos.

Considerando o grupo doméstico como um todo, e maior dose de poder cabe àqueles através dos quais ele se vincula à sociedade maior, isto é, aqueles da cuja posição na estrutura ocupacional depende o status do grupo doméstico. Idealmente, portanto, o principal detentor do poder é o marido-pai, e este poder será tanto maior quanto mais alto o seu status ocupacional e quanto menor a participação dos demais membros do grupo doméstico no mercado de trabalho. Conforme foi visto nos quadros anteriores, existe uma correlação entre estes dois fatores: quanto mais alta a posição ocupacional do marido, tanto menor a participação dos demais membros da família em atividades remuneradas e no orçamento doméstico. - Inversamente, quanto mais baixa a posição ocupacional do marido, tanto maior o afastamento em relação aos padrões culturais ideais de organização doméstica.

A distribuição de papéis se faz segundo atributos de sexo e idade, que definem a diferenciação por geração; segundo a diferenciação instrumental-expressiva; e a diferenciação dos "siblings". O próprio princípio da cui a autoridade é função da geração fornece os bases para o desenvolvimento de tensões, quando os filhos se aproximam da idade adulta. Toda a outras tensões levaram a efeitos disfuncionais não fosse o papel expressivo atribuído à espécie-mãe como solucionadora de conflitos e agente de reestabelecimento do equilíbrio da personalidade. - A ação expressiva de mãe tende a equilibrar os efeitos do exercício da autoridade paterna(33).

As diferenças de sexo implicam numa separação entre os papéis doméstico-familiares. Diferenciam de forma ampla os homens das mulheres: desde a infância estimula-se, para os meninos, a agressividade, o esforço físico, o

(33) Campbell em seu estudo sobre uma comunidade grega mostra com grande acuidade esta comparação de papéis. A consulta a outros autores parece sugerir que se trate de um padrão, se não universal, pelo menos bastante comum. Cf. Campbell, 1964; Parsons e Bales, 1956; Wilmott e Young, 1960.

"gosta" pela vida extra-doméstica, motivado pela vida profissional; para as meninas enfatizam-se a submissão, o respeito, as habilidades domésticas. Ao longo da vida individual configuram-se esferas de ação social idealmente exclusivas, mas também, pela própria especialização, mutuamente complementares.

A combinação dos atributos sexo e geração fazem com que a maior dose de poder fique com o marido-pai, e a menor com a filha.

Estas diferenças também se manifestam entre irmãos: os mais velhos têm autoridade sobre os mais jovens; aos irmãos cabe proteger as irmãs.

As relações entre irmão são sempre de solidariedade. Desde crianças adolescentes e grupo de "siblings", age como unido. Se houver disputas entre irmãos, isto não impede que todos se unam na defesa de um deles, quando ameaçado por alguém entrando no grupo, mesmo que seja um parente. Também depois de adultos e casados, permanecem as obrigações entre irmãos. Dificilmente deixaria alguém de prestar auxílio a um irmão; raramente um irmão deliberadamente prejudicaria outro.

De certa forma, o que afeta um irmão afeta também aos demais. Se um irmão comete um crime, outros irmãos passam a ser vistos com suspeitas: "São do mesmo sangue". Muitas pessoas acreditam que as "qualidades do caráter" se transmitem "pelo sangue".

O irmão mais velho tem certa ascendência sobre os demais, inclusive os do mesmo sexo. O filho mais velho é o substituto eventual do pai. Quando os irmãos se tornam adultos e principalmente quando se casam, cessa a autoridade do irmão mais velho sobre os demais irmãos homens. Mas, mesmo então, ele continua a ser uma espécie de conselheiro. Nas famílias "tradicionalistas", o filho mais velho, que herdou a liderança política do seu pai, continua como líder do grupo de "siblings" no plano político.

Em relação às irmãs, o papel protetor dos irmãos, o papel protetor dos irmãos se prolonga por toda a vida. Deixada a infância compete aos irmãos zelar pela integridade das irmãs. Na adolescência os irmãos exercem controle sobre os namorados das irmãs. Vistoriando a morte do pai, compete ao irmão adulto investigar os pretendentes à mão da irmã e concordar ou discordar com o casamento. Como já vimos, é frequente que uma irmã viúva ou abandonada se agregue à família do irmão.

Segundo um informante: "Se filhos homens andam mal. O irmão tem mais autoridade porque é homem. A irmã pode ser exercida, mas se tem um irmão crescido, ela manda mais." Naturalmente, os fatos que antes mencionados também interferem neste aspecto da organização doméstica, de modo a provocar "desvios" do modelo ideal.

Nas casadas média e dominante, o papel da mãe se aproxima mais de modelo - de "liderança expressiva", antes definida: sua tolerância é maior; a utilização de sanções positivas é mais frequente. Entre as classes trabalhadoras, ao contrário, o castigo físico é mais comumente o argumento inicial e único. Muitos pais são contrários à utilização de elogios como técnica de controle, para evitar que os filhos fiquem "cheios de si". Vários pais julgavam que as escolas atuais já não eram tão boas quanto as do seu tempo, pois permitem "muita indiscrição", já que a professora não pode mais lancer mão da palmatória. Algumas professoras, mais tradicionalistas, partilhavam da mesma opinião, apesar de, ostensivamente, elogiarem os métodos modernos "baseados na psicologia."

Alguns casos típicos poderão ilustrar a divisão do trabalho no grupo doméstico.

Raimundo Nonato, trabalhador braçal de Itá-Açu mora juntamente com sua mulher, três filhas e dois filhos. As filhas têm, respectivamente, oito, treze e vinte anos. Os filhos têm sete e dezoito anos.

Raimundo sai de casa diariamente, exceto aos domingos, às 6,30 horas para trabalhar numa construção civil. Almoxega no próprio local de trabalho porque fica longe de casa e não quer "enfrentar a soleira". Volta para casa mais ou menos às 18,00 horas. Toma banho de cuiça, janta e fica na porta, ou no botequim da esquina conversando com os amigos.

Sua esposa, Maria, acorda às 5,30 e prepara o café. Toma uma xícara juntamente com o marido. Após a saída dele, lava alguma roupa e prepara o almoço. - Após almoxegar, na parte da tarde, costuma passar a ferro a roupa da família e, terminado isto, comece a fazer o jantar. À noite, costura até a hora de dormir - mais ou menos às 21,00.

A filha menor acorda também, às 5,30, varre a casa, põe a mesa, toma café e vai para a escola, onde frequenta a primeira série. Volta ao meio dia, almoxega e repousa um pouco. Ajuda a lavar a louça e põe a mesa para jantar. Depois de cumpridas as suas tarefas, faz os deveres escolares. Depois de jantar brinca um pouco e às 20,00 vai dormir.

A filha de treze anos acorda igualmente às 5,30, acende o fogão (à lenha) e prepara a merenda da irmã menor. Após tomar café lava a louça da véspera, varre o quintal, desmancha as redes ajuda a mãe a fazer o almoço. Após almoxegar vai para a escola, onde cursa a quarta série. Quando volta, ajuda a mãe com o jantar. À noite estuda e às 21,00 vai dormir.

A filha de 20 anos acorda às sete horas, toma seu café e vai para o trabalho, num loja onde é balconista. O meio dia vem almoxegar. Descansa um pouco, e às 14 horas retorna o trabalho. Volta para casa às 19 horas, janta e ajuda a mãe com as costuras. Aos domingos, pela manhã, lava sua própria roupa e ajuda com o almoço. À tarde vai passear com o noivo, às vezes acompanhada da irmã de 13 anos.

O filho de sete anos acorda às seis horas, toma café e sai para buscar água, num carrinho apropriado, muito comum na cidade. Faz unsas duas ou três viagens. O resto do dia fica brincando em casa, costuma também acompanhar o irmão maior ao mercado e ajuda a carregar as compras. Ainda não entrou para a escola, porque não havia vaga perto de casa.

O filho de 18 anos acorda junto com o pai e com ela sai de casa. Trabalha com um linguiçário, onde está aprendendo o ofício. Além disso, compra o material necessário e faz entregas nas casas e mercarias freguesias. Ao meio dia almoça, em casa, e às 14.00 horas volta ao trabalho. À noite, após o jantar, fica conversando com os amigos, até às 21 horas, quando vai dormir. Nos domingos costuma jogar futebol e, quando sobra dinheiro, vai ao cinema. Prefere "fita nacional" porque não gosta de ler depressa, e gosta os letreiros. Estudou até o terceiro ano, mas abandonou a escola. Sábado pela manhã vai ao mercado, acompanha o do irmão menor.

O salário do pai é inteiramente absorvido pelo orçamento doméstico, exceptuando-se alguns "trocadinhos" para o cigarro e alguma bebida. Os filhos que trabalham destinam cerca de duas terças partes de seus rendimentos para as despesas da casa.

Outro caso é o João Rodrigues, dono de uma pequena indústria doméstica - de malas de couro (malheria). João, que arca com toda a responsabilidade pelas finanças da família, começa a trabalhar às sete horas. Ao meio dia almoça, desocorre até as duas, retorna ao trabalho, até às 18 horas. À noite quando o serviço está apertado, volta a trabalhar. Normalmente, porém, fica lendo o jornal local ou alguma revista, até a hora de dormir.

Sua esposa tem uma rotina diária semelhante ao caso anterior. Acorda às 5,30 horas e prepara o café. Na segunda varre a casa e o quintal. Passa roupa e vai preparar o almoço. Depois da refeição repousa um pouco, costura e vai fazer o jantar. À noite costuma cutim vez ou fio curvado nas novelas prediletas.

A filha menor, de sete anos, ainda não estuda. Acorda às 6,00 ou 6,30, toma café e ajuda a arrumar a roupa. Põe a mesa para o almoço e ajuda a irmã mais velha. C metade do tempo brinca.

A irmã, com 16 anos, acorda às 5,30, escuta o gogo e lava a roupa da véspera. "Assedia" a irmã menor e lava a roupa. Após o almoço vai para o ginásio, onde cursa a terceira série. Quando volta janta e, à noite estuda. Às vezes ajuda a irmã com seus deveres escolares.

O irmão menor, de 11 anos, acorda às seis horas, toma café e vai para a escola, onde frequenta a terceira série primária. À tarde vai duas ou três vezes por semana a malheria do pai, que fica na parte da frente da casa, onde ajuda com unsas coisas ou outra. A maior parte do tempo, porém, é usada para brincar e estudar. As sábados vai com o irmão maior ao mercado.

Foto último trabalha o dia inteiro com o pai. Os domingos fica em casa

consertando rídia. Atualmente se responsabiliza pelos negócios, porque o pai está doente. Não recebe salário, mas uma "gratificação" semanal, "Para os gastos". Quando o pai se retirar do negócio, ele será substituto.

Na casa de João Rodrigues mora ainda sua mãe, com 75 anos. Como já é velha, não faz serviços pecados. Toma conta dos menores; ajuda com as costuras e costuma fazer uns doces. Também ajuda a preparar as refeições.

O último caso é o de uma família da classe dominante, cujo chefe é um dos líderes políticos de Itá-Açu. A família compõem-se além do chefe, de sua mãe, irmã, irmão, esposa e filhos. Na casa residem ainda quatro empregadas domésticas e uma "cria".

O chefe ocupa o dia todo em atividades políticas. O mesmo ocorre com o irmão mais velho, a quem cabe a responsabilidade pela firma comercial pertencente à família. A cooperação entre os dois irmãos é fundamental para garantir a situação de dominação que exercem: um no nível das relações econômicas; outro fornecendo a sustentação política e institucional (garantia de créditos e financiamentos).

O irmão menor do chefe não possui qualquer papel doméstico. Passa a maior parte do dia na firma, onde ajuda com o movimento. É ainda adolescente. A irmã do chefe é professora primária, trabalha que consome a metade do dia. A outra metade é dedicada a costurar seus vestidos e tomar conta dos filhos do chefe, tarefa que divide com sua mãe e com sua cunhada. Esta última, juntamente com a mãe do chefe (sua sogra) se responsabilizam pela administração da casa. Passa quase todo o dia em casa. A maior parte dos trabalhos domésticos é realizadas pelas empregadas e pela "cria"; sómente os trabalhos mais delicados são executados diretamente por elas, tais como a confecção de doces e comidas mais refinadas, para as ocasiões de festas, cuidados com os filhos ainda lactentes etc.

Aos filhos do chefe nenhum papel doméstico é atribuído; o tempo é absorvido pelas atividades escolares e lúdicas.

MUDANÇA SOCIAL E STATUS FEMININO

Para finalizar nossa análise do grupo doméstico e de parentesco, na área de Itá-Açu, dedicaremos algumas páginas às transformações que vêm se realizando quanto ao papel social da mulher e sua "emancipação". Considerando que a profissionalização feminina é um dos principais canais de tais mudanças, - e sobre esta dimensão, e sobre suas limitações que faremos incidir a análise.

A situação tradicional da mulher, e sua segregação doméstica, nas famílias da classe dominante, pode ser inferida pelos depoimentos de alguns viajantes que visitaram Itá-Açu em meados do século passado.

Smith, descrevendo alguns aspectos da vida social da canção dominante de Itá-Aquá, àquela época, afirma: "O café da manhã na casa do Barão, é tão informal quanto possível, mas curiosamente diferente das refeições na Inglaterra. As senhoras não se sentam à mesa; sómente suas poucas famílias adotaram os novos costumes e este respeito, e a do Barão não é uma delas". Descrevendo um baile, para o qual havia sido convidado, relata: "Encontramos o caserão: impossível de convidados; senhoras e cavalheiros elegantemente vestidos, segundo a moda francesa, cuja descrição está além das capacidades de nossa pena zoológica... Os brasileiros são bons dançarinos, mas as senhoras, entre as danças, são tido menor sociáveis; o costume ou a timidez, faz com que se juntam a um canto da sala, enquanto os cavalheiros desembarcam na rua, em direção ao pequeno bar, que sempre fica aberto nessas ocasiões. Tais festas são praticamente, as únicas ocasiões em que se permite às senhoras a admiração participares da vida social"(34).

O próprio Smith, todavia, já indicava outros reveladores de mudanças, quanto ao costume tradicional: "Existem, no entanto, exceções, em uma das ~~maiores~~ melhores famílias, nas quais as senhoras se sentam à mesa com seus irmãos e maridos, e conversam livremente com as visitas". Descrevendo um batizado, dizia: "A festa reunido de quinze a vinte amigos da família durante uma hora, mais ou menos, conversando animadamente, senhoras e cavalheiros juntos, pois esta é uma das famílias modernizadas da classe mais alta".(35).

A regra geral, porém, não era esta. "Em geral, o antigo costume português da segregação das mulheres ainda domina em todos as cidades do interior da Amazônia. As paixões penosas e dissem que as mulheres não foram feitas para terem liberdade". Mas já surgia, concorrentemente com a "modernização" de algumas famílias, o desejo de instrução por parte das mulheres, não sem provocar reação negativa por parte dos homens: "Os homens mais prudentes ressentem-se do desejo de educação, revelado por suas filhas... Estas deviam levar uma vida monótona, segregadas do mundo em seus quartos"(36).

Quanto às relações entre os sexos, dizia ainda Smith: "Os encontros entre noivos e namorados são avormente controlados. Se um rapaz desejasse casar sua moça, ele a visita em intervalos regulares, sempre na presença da mãe dela, ou de alguém do sexo feminino. Deocorrer algum tempo, ele a leva ao altar, faz-se uma grande festa, celebrando o acentoamento, e depois ela fica ainda mais segregada do mundo que antes".

Atualmente, o status relativo da mulher na família e na sociedade está bastante modificado, passado ela a ter maior participação nos negócios da família? na vida social e no mercado de trabalho. O padrão de segregação feminina vai bastante atenuado hoje é comum ver-se grupos de homens e mulheres, sem-

(34) Cf. Smith, s/d, cap. IV

(35) Idem

(36) idem

tados à frente de suas casas, contumazmente. Grupos de noivas vão à sorveteria local, ou fazem o "floating" na praia principal. Várias diversões estão abertas à mulher: cinema, bailes, banhos da praia etc. O sistema educacional, com seu princípio de universalidade, está aberto à população feminina.

Com a expansão do sistema educacional, e co-a criação, na cidade, de uma escola normal, elevou-se sua espécie de participação no mercado de trabalho. Se antes os homens se ressentiam das reivindicações femininas por melhores oportunidades educacionais hoje, nenhum pai pensaria em deixar sua filha, sem educação formal, dentro dos limites de suas condições sócio-económicas. Ao contrário, todo pai se esforça em proporcionar às filhas o grau de instrução necessária para "garantir o futuro", do que se desprende que é aceita a hipótese de que a mulher venha, eventualmente a trabalhar. Para as classes médias e dominante, é pacífico que suas filhas devam frequentar a escola normal, não só porque representa treinamento para uma eventual vida profissional, mas também porque, sendo a escola normal um estabelecimento religioso, sentem-se as famílias garantidas quanto à preservação dos "valores morais" da cultura tradicional, é sempre ameaçada, em sua opinião, por "ideologias exóticas". É a escola normal não deixe de ser também, dada as taxas cobradas, um símbolo de status. Todavia, conforme vimos em quadro anterior, a partir de certos níveis reduz-se consideravelmente a participação feminina na fruição de oportunidades educacionais.

Nesse amostra nos fornecem outras evidências relativas à situação educacional relativa dos sexos.

QUADRO XIX

Nível de instrução do marido em relação ao da mulher. Cidade.

Grupo de status do marido	Nível de instrução relativo		Total
	Superior ou igual %	Inferior %	
A	84,61	15,39	13
B	68,67	31,32	83
C	68,58	31,49	54

Pode-se observar que no grupo mais elevado é pequena a proporção de maridos em situação de inferioridade educacional face à mulher. A medida que descemos na escala ocupacional, tende a se tornar mais frequente que a mulher desfrute de um padrão educacional superior ao do marido, fato aliás, consistente com o que revelaram dados anteriores sobre as contradições entre papéis domésticos-ocupacionais e escolares. Outro fato que o quadro acima indica é a grande diferença entre o grupo A e o grupo B, contrastando com a diferença quase insignificante entre os grupos B e C. Todavia, se compararmos destes re-

sultados com aqueles revelados pelo Quadro XVIII verificamos que neste último se observa, num certo sentido, o oposto: a diferença é mais acentuada entre os grupos - B e C, pouco significativo entre os grupos B e A. Isto é do ponto de vista do status educacional (que implica em prestígio diferencial), a "classe média" (equi representada pelo grupo B) se assemelha à "classe trabalhadora" (Grupo C); do ponto de vista da responsabilidade organizária (correlata à distribuição do status e papéis no grupo doméstico), a "classe média" se assemelha à dominante (grupo A). Tais dados, - associados aos que apresentaremos mais adiante, parecem sugerir que na classe dominante predominam condições que asseguram a posição de dominação do homem; na "classe trabalhadora", os fatos parecem conduzir a uma maior simetria entre os sexos; na "classe média", porém, como veremos, tende a se desenvolver uma situação de tensão.

Apesar das transformações observadas no status feminino, o processo de desmobilização, que acompanha a formação da sociedade de classes, está ainda longe de configurar uma situação de igualdade entre os sexos. Do que foi até agora exposto, pode-se concluir por uma nítida desigualdade, as filhas mais valorizadas e desejadas - que as filhas; o controle sobre estes últimos, é mais rigoroso; seu papel é definido - como o de "dona de casa", seu status como o de subordinação. Ao homem se concede ampla liberdade sexual, mas à mulher, ressalvadas às exceções mencionadas, são interditadas as experiências sexuais pré e extra-matrimoniais. As atitudes de um juiz local, ao arbitrar sobre questões de desavenças conjugais, são expressivas: certo dia assistiu-se à chegada de uma mulher no cartório, queixando-se de ter sido espancada - pelo marido, e solicitando as providências cabíveis. O juiz limitou-se a despedir a mulher, aconselhando-a a voltar para a casa, pois "é melhor ter marido que bate na mulher do que não ter nenhum." Noutro caso, uma mulher acusou o marido de tê-la - espancado; o marido se justificou alegando que ele havia ido a uma festa sem seu consentimento (o marido estava suspeito viajando). O juiz imediatamente o absolveu, - pois "onde é que já viu mulher casada ir à festa sem o marido?" Perguntaram-lhe se os maridos não faziam o mesmo, se que retrucou dizendo que isto era normal já que o homem "não foi feito para viver apensado com uma mulher".

Vejam os, porém, como as pressões sociais agem no sentido da profissionalização feminina. Se estas pressões criam condições ideológicas que sancionam a participação da mulher na estrutura ocupacional, outras forças, conserventistas, fazem com que co-nutram o abandono do trabalho após o casamento, assim que a situação financeira do marido o permite. Basicamente, a definição doméstica do papel social feminino, herdada do passado, permanece até hoje. A medida que pressões estruturais levam a mulher a penetrar no mercado de trabalho, desenvolvendo-se uma situação de tensão entre os dois conjuntos de papéis que é chamada a desempenhar; os domésticos e os profissionais, assim como entre valores conserventistas e inovadores. Deve-se notar no entanto, que tais tensões não atingem de forma uniforme a toda a população: elas se manifestam de forma particularmente aguda nequelas grupos que constituem a chamada "classe média". Não será necessário lembrar que as "classes trabalhadoras" nunca correspondem

ram em termos concretos, esses padrões ideais de organização familiar. Neles também se apresenta o conflito entre papéis domésticos e profissionais, mas neles sempre esteve presente o trabalho feminino e são menos impositivos os valores tradicionalistas que definam em termos domésticos o papel social da mulher. Por outro lado, na camada dominante, não são tão impositivas as pressões que conduzem a mulher ao trabalho remunerado, nem são tão fortes aquelas que a encaminham para as tarefas domésticas geralmente transferidas para servis. O que não significa que nela não se manifestem os valores que definem o status feminino como um de subordinação. Muito pelo contrário, as condições de existência destas camadas permitem, mais que na "classe média", a atualização de tais valores. Por outro lado, tampouco deixam de penetrar na camada dominante os valores inovadores relativos às aspirações educacionais e ocupacionais da mulher e à ideologia profissional feminina não difere daquela encontrada na "classe média" - a escola normal é sua meta educacional; o magistério primário sua aspiração ocupacional. Com o casamento, porém transforma-se a situação, pois enquanto a mulher da "classe média" mantém seu trabalho durante algum tempo, sua atividade profissional, a mulher da camada dominante a abandona desde logo.

Os dados censitários podem nos fornecer algumas evidências gerais sobre a profissionalização feminina. Se compararmos dois segmentos da sociedade brasileira, que representam estágios preferenciais do processo de formação da sociedade da classe, verificaremos que existe uma clara correlação entre esse processo e o grau de participação feminina no mercado de trabalho, limitando a comparação, por motivos óbvios, ao quadro urbano.

QUADRO XX-A
Participação feminina no mercado de trabalho
urbano São Paulo, 1950.

	Pará	S.Paulo
População feminina urbana de 10 anos e mais.....	153.587	1.260.684
População feminina ativa urbana.....	24.651	637.125
Participação feminina no mercado de trabalho.....	16,05%	537.18%

Fonte: Censo Demográfico de 1960

O quadro seguinte nos apresenta o mesmo processo, visto sob um ângulo algo diverso:

QUADRO XX-B

Participação feminina na população ativa urbana.
Período - São Paulo, 1950.

População ativa urbana	Período	S. Paulo
Total.....	115.432	2.086.871
População feminina ativa		
Urbana.....	24.651	637.125
Participação feminina.....	21,35%	30,37%

Se os quadros indicam que, com a formação do sistema urbano industrial, - cresce a participação feminina no mercado de trabalho, eles indicam, também, o quanto ainda é limitada esta participação, se atentarmos para as porcentagens referentes a São Paulo. Na realidade, as mulheres perfazem, ainda hoje, tornando-se o Brasil em conjunto, 99,2% dos indivíduos que compõem o padrão doméstico(37). Por outro lado, do total da população ativa, somente 15% são mulheres (38). A comparação da situação brasileira com aquela encontrada nos E.U.A. aproximadamente à mesma data, é bastante elucidativa, se considerarmos o grau de desenvolvimento capitalista daquele país. Segundo Parsons, nos E.U.A. em 1949, a porcentagem de mulheres na força de trabalho era de 30% baixando para 22,5% entre as mulheres casadas.(39).

Seria todavia ingênuo limitarmos a análise à simples correlação entre desenvolvimento econômico, urbanização, industrialização ou outro processo correlato, - e o grau de profissionalização feminina. Na verdade, as forças conservadoras que configuram a profissionalização das mulheres não eternam opaixas no sentido de limitar quantitativamente seu ingresso no mercado de trabalho. Atuam também no sentido de projetar para a esfera ocupacional, as relações de dominação-subordinação que caracterizam, - historicamente, os papéis relativos ao homem e à mulher. É o que indicam os quadros seguintes:

QUADRO XXI-A
Participação feminina na estrutura de poder
do sistema ocupacional. São Paulo, 1950.

Status ocupado	Homens	Mulheres	Total
	%	%	%
Dominância.....	96,39	3,62	97.577
Autonomia.....	56,17	43,83	233.398
Membro da família.....	63,11	36,89	23.438
Subordinação.....	76,73	23,27	1.169.436

Fonte: Censo Demográfico de 1950.

(37) Cf. Pereira, 1960

(38) Idem

(39) Cf. Parsons, 1956

Observa-se, claramente, que o participação feminina comparada é masculina, - mesmo no Estado onde está mais avançado, o processo de industrialização do Brasil, é bem inferior nas posições mais elevadas da estrutura de poder do que nas duas últimas. O mesmo fenômeno pode ser observado no quadro seguinte:

QUADRO XXI-B

Distribuição da população ativa pela estrutura de poder do sistema ocupacional segundo o sexo. São Paulo, 1950.

Status ocupado	Homens		Mulheres
		%	
Dominância.....	8,12		1,17
Autonomia.....	17,31		10,68
Membro da família.....	1,37		2,85
Subordinação.....	73,29		85,31
Total (N)	1.161.435		302.594

Os dados apresentados, indicam nitidamente a cenotagão social das diferenças entre os sexos no sentido de agirem como fatores intervenientes na organização do mercado de trabalho. Observa-se de passagem que o status de membro da família representa uma posição de subordinação da mulher em relação ao marido, num sistema onde - se superpõe o eixo instrumental-expressivo, das relações familiares ao eixo dominação-subordinação da empresa doméstica.

Contudo, a situação de compromisso que caracteriza a profissionalização feminina - notadamente na classe média - configura-se, ainda, de outra forma, complementar àquela acima descrita. Se tomarmos os dados oferecidos pelo Censo Demográfico de 1950 e isolarmos as ocupações onde se encontra a população ativa feminina é excluindo os níveis mais baixos da estrutura ocupacional - podemos verificar que existe como que uma transposição, para a esfera ocupacional, do eixo instrumental-expressivo da estrutura de distribuição de papéis de subsistema familiar. Iste é, isolando-se as ocupações femininas de "classe média", verifica-se que entre elas predominam aquelas cujo conteúdo expressivo particularista aproxima os papéis profissionais da mulher de - seus papéis domésticos. Entre estas ocupações destaca-se o magistério primário(40). A correspondência entre os conteúdos instrumental ou expressivo das ocupações e o - status de seus ocupantes na estrutura de poder das relações de trabalho tem sido várias vezes ressaltada. Conforme observa Parsons (1956) as profissões de conteúdo - conteúdo expressivo são, em geral, auxiliares daquelas predominantemente instrumentais, estas últimas preponderantemente assumidas pelos componentes masculinos da sociedade. Assim, por exemplo: enfermeira-médico-secretária cargos de direção. Outras vê-

(40) Cf. Pereira, op.cit.

zes são ocupações que dentro de certas faixas do status, implicam em remuneração relativamente baixa, reduzidos horários de trabalho, e reduzido contato com indivíduos do sexo masculino: é o caso, no Brasil, do magistério primário.

A comparação com os EUA torna-se mais uma vez elucidativa do ponto de vista das limitações à plena igualdade de oportunidades no sistema ocupacional. Recorrendo outra vez a Parsons temos que, na sociedade industrial é o trabalho / ao indivíduo, e não o produto das atividades cooperativas dos membros da família, que constitui a fonte principal do sustento da última. Segundo o autor "This 'whittling down' of the American Kinship unit as compared with these in other societies, both with regard to membership and to function, is obviously connected with the functional requirements of our type of occupational system(41). A este processo de especialização de funções da família nuclear e de transferência de funções para outras esferas do sistema social, ou seja consequente isolamento da primeira em relação ao grupo de parentes maior, parece ter correspondido um reforçamento da diferenciação de papéis segundo o sexo, e, portanto, um reforçamento do padrão instrumental-expressivo e da dependência feminina em relação ao marido (42).

"Inherent in this situation is a whole set of forces making for the relative segregation of the sex roles, and in general to "shunt" the feminine role out of primary status in the occupational system as competition for occupational success or status... Obviously the whole situation, however, produces another fundamental limitation on full "equality" of opportunity, in that women, regardless of their performance capacities, tend to be relegated to a narrower range of functions than men, and excluded, at least relatively, from some of the highest prestige statuses"(43).

Os dados em que se fundamentam Parsons, coincidem estreitamente com a situação brasileira. Revelam, assim como os nossos, que a simples consideração do montante absoluto de mulheres que vêm, gradativamente, se incorporando à força de trabalho, não é suficiente para oferecer o quadro completo do seu processo de profissionalização e, muito menos, de sua "emancipação" na sociedade. Para dizer, tomados isoladamente, podem conduzir a uma correção simplista entre urbanização e status feminino. Torna-se necessário, também, identificar o tratamento diferencial das ocupações predominantemente masculinas ou femininas. Estas últimas tendem a ser qualitativamente diversas das masculinas e representam status que não competem seriamente com a posição social do homem seu conteúdo expressivo, em oposição à instrumentalidade dos papéis masculinos, o seu status predominantemente subordinado,

(41) Cf. Parsons, 1955 pag. 116

(42) Cf. Parsons 1956

(43) Cf. Parsons 1955, pag. 117

nos leva a crer que estamos face a uma situação de compromisso social entre os requisitos do sistema capitalista em formação, de um lado, e de outro as exigências do sistema familiar e da estrutura de dominação tradicional.

Voltamos, porém, a Itá-Agu. JÁ verificamos, antes, algumas evidências relativas à fruição de oportunidades educacionais; ao status educacional relativo do marido e da mulher; e ao papel de cada um no sustento do grupo doméstico. Afirmamos que é na "classe média" que se revelam mais agudas as tensões ideológicas relativas à competição entre papéis domésticos e ocupacionais. Se na "classe média" predomina, por um lado, a identificação ideológica com a "classe dominante" - num certo sentido seu grupo de referência - definindo-se o status feminino e em termos tradicionalistas, por outro lado, não dispõe ela das condições de existência que permitem a atualização dos valores definidos na consciência social, e tendem a se acentuar as compulsões estruturais que impelem a mulher para a vida profissional.

Os dados que se seguem indicam o grau em que a mulher permanece pressa a ideologias tradicionais e evidenciam como o registerio primário - canal de profissionalização da mulher da "classe média" - representa solução de compromisso entre pressões conservadoras e inovadoras.

Podemos admitir que um alto grau de identificação com a vida profissional implique no não abandono do emprego após o casamento. Nas classes trabalhadoras, naturalmente, o problema é outro: a mulher, ou pelo menos uma porcentagem significativa, é obrigada a trabalhar, quer queira quer não; suas possibilidades de escolha ocupacional são limitadas; o padrão ideológico de assimetria entre os sexos é menos presente.

O quadro seguinte nos apresenta a proporção de mulheres que trabalham.

QUADRO XXII

Mulheres que exercem ocupação remunerada,
segundo o status do chefe do grupo doméstico
e que pertencem. Cidade.

Grupo de status do Chefe	Proporção das Mulheres que exercem ocupação re- munerada	Total das Mulheres
A	20,83	24
B	23,19	138
C	39,63	111
Total	29,67	273

Aparentemente, pode parecer estranho que na classe social mais elevada, seja relativamente alta a proporção de mulheres que trabalha. Todavia, o fato é consistente.

te com o que afirmamos antes: sendo os papéis domésticos transferidos para serviços, a sociedade permite à mulher o exercício de ocupações remuneradas, enquanto solteira, desde que congruentes com os valores dominantes (todas eram professoras primárias).

O quadro seguinte confirma o que dissemos, ao revelar que nenhuma mulher do grupo mais elevado exerce ocupação remunerada após o casamento, indicando até que ponto a mulher esteve presa a uma ideologia doméstica.

QUADRO XXIII

Proporção de mulheres casadas que exercem ocupação remunerada, segundo o status do marido. Cidade.

Grupo de status do marido	Percentagem de mulheres casadas que exercem ocupação remunerada	Total das mulheres casadas
A	0,00	13
B	12,85	70
C	30,76	44
Total	18,11	138

Oss: Tanto neste quadro como no anterior somente foi considerada a população feminina de 20 anos e mais. Não foram considerados os casos de dúvida materna, viúvez, e mulheres que moram sós.

Dentre os canais de profissionalização que se abrem à mulher, notadamente à mulher da "classe média", as preferências recrescem, em larga medida, sobre o magistério primário. Fazendo o que já foi dito, o magistério primário se caracteriza por ser a ocupação remunerada que melhor se coordena com a ideologia dominante e que melhor se aplica à economização entre papéis domésticos e ocupacionais. Os dados que se seguem revelam que o magistério primário é uma ocupação nitidamente de "classe média", quanto à origem social e seus ocupantes.

QUADRO XXIV

Origem social do magistério primário

Grupos de status dos pais dos professores primáries	Professores cujos pais perten- cem a cada grupo
A	7,35
B	72,44
C	19,68
Total	127

Obs: O total = 127 - corresponde ao número total de professoras primárias da amostra.

Naturalmente, poder-se-ia argumentar que o elevado número de professoras cujos pais pertencem ao grupo de status intermediário explica-se pelo fato de ser este grupo o mais volumoso do pirâmide social. Todavia, enquanto o comanda B totaliza 52,6% dos grupos domésticos, ele contribui com mais de 70% das professoras primárias.

Constatção análoga poderá ser feita se compararmos o quadro acima com o total de mulheres da amostra. Verificaremos então que o comanda A contribui com 8,8% do total de mulheres da amostra, mas com apenas 7,9% do total de professoras. A comanda média, ao contrário, contribui com apenas 50,5% do total de mulheres, mas com 72,4% do total de professoras. A comanda C, finalmente, corresponde a 40,6% do total de mulheres, mas a apenas 19,7% das professoras.

Além disso, enquanto todas as filhas das classes mais elevadas frequentavam, ou haviam frequentado a escola normal, somente 25% delas exercem o magistério. Nenhuma exerce outra profissão.

A origem social do magistério é básica para o esclarecimento do problema aqui colocado. O magistério primário é definido na consciência coletiva como a profissão mais adequada para a mulher. As representações coletivas, os valores e as motivações que tendem a encaminhar a mulher para o magistério são os resultantes, no nível ideológico, da contaminação entre sistemas e propósitos sociais antagonistas. É natural, portanto, que para o magistério se encaminhem, preponderantemente, mulheres da comanda onde se revela mais aguda a tensão entre pressões sociais divergentes, dada a função de solução e tensões apresentada por este ocupação, seu alterações substantiais na "balança do poder" entre os sexos.

O status ocupacional das mães das professoras primárias nos fornece outro conjunto de dados relevantes, pois evidenciam o ecentrado "background" doméstico das professoras, "background" este onde se fez sua socialização e onde lhe foram inculcados os valores que definem, em grande parte, sua visão do mundo.

LIVRO XXV

Ocupações das mães das professoras primárias. Universo de professoras.

Ocupações	%
Prendes domésticas	90,40
Costureira	4,00
Professoras primárias	1,60
Levedadeiras	1,60
Informárias	0,80
Arranadeiras	0,80
Cozinheiras	0,80
Total (100%)	---

Poderá causar estranheza o fato de constarem do quadro ocupações de baixo status-social, pois afirmamos antes que a escola normal se identifica como a "elite" da sociedade local. Todavia, não existe contradição em nossos dados: uma pequena parcela de normalistas é de origem social humilde (alunos que estudam gratuitamente, em troca, da prestação de serviços ao estabelecimento e às demais alunos), por outro lado, uma certa parcela do magistério é composta por professores leigos, e numa certa medida, eventuais.

O quadro seguinte fornece dados que confirmam o que foi antes dito sobre a identificação doméstica ou profissional da mulher, e mostram como o casamento ainda é incomparável com a via profissional da mulher, mesmo na ocupação considerada mais adequada.

QUADRO XVI

Estado conjugal das professoras primárias.

Universo das professoras.

Solteiras	72,45%
Casadas	23,45%
Viúvas	3,93 %
Total (100%)	127

Pertanto, mesmo naquela ocupação considerada mais adequada para a mulher, é relativamente pequena a proporção de casadas. Não podemos correlacionar o estado conjugal da professora primária com sua situação de classe, ou, mais precisamente, com o status de seu marido (no caso das casadas). Todavia, à luz do que já foi visto, é bastante viável a hipótese de que entre as casadas predominem aquelas cujos maridos pertencem à "classe média", ou trabalhadores. Tampouco podemos estabelecer correlações com a fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico no sistema inclusivo. Como já foi ressaltado, a fase inicial do grupo doméstico se caracteriza pela família extensa temporária. Uma tal constituição do grupo doméstico possibilitaria uma redistribuição dos papéis internos à sua organização, permite à mulher o exercício de papéis externos, à diferença do que ocorre, por exemplo, nos EUA., ou em outras sociedades onde é mais acentuado o "isolamento" da família elementar.

Vejamos, a seguir, algumas componentes da ideologia profissional feminina. Sua função social é a de dar validação, no nível da consciência coletiva, à situação de compromisso que foi até aqui analisada em pleno estrutural. Assim, a definição de certas ocupações como sendo mais adequadas à mulher do que ao homem, ou que vincula seu bom desempenho a certos atributos supostamente inerentes à "natureza da mulher", tem por função reservar-lhe certos nichos ocupacionais que absorvem suas aspirações, afastando-se da competição por ocupações que impliquem em maior remuneração ou prestígio. Implicitamente, tal ideologia, na medida em que assim se manifesta, valoriza negativamente o ingresso da mulher nestas últimas. Isto, portanto, como força mantenedora do equilíbrio da estrutura de poder, na medida em que se refere às relações entre os sexos e ao equilíbrio entre as esferas domésticas e ocupacional do universo social feminino.

O quadro seguinte indica que predominam as ocupações de escutudo conteúdo expressivo, de status subordinado e de remuneração relativamente baixa. Existe uma nítida transposição do critério de atribuição de propriedade do subsistema familiar para o esfera ocupacional, e, por outro lado, de forma consistente com os dados apresentados em quadros anteriores, uma ratificação ideológica da estrutura de poder do sistema ocupacional.

QUADRO XXVII

Ocupações consideradas mais adequadas para a mulher - Informantes femininas.

Ocupações mencionadas	%
Dona de casa	26,00
Professora	22,20
Mouista	14,80
Infermária	11,10
Comerciária	11,10
Assistente social	3,70
Freira	3,70
Qualquer uma que permite ficar em casa	3,70
Qualquer uma	1,85
Não sabe	1,85
Total de informantes (100%)	54

Vejamos, porém, qual é consiste aí entre essas opiniões e aquelas manifestadas pelas próprias professoras primárias, visto ser esta a profissão considerada ideal para a mulher. Todas elas citaram, entre as ocupações mais indicadas, o magistério. Excluindo-se o magistério, as demais ocupações mencionadas apresentam alguma diferença em relação ao quadro anterior.

QUADRO XXVIII

Ocupações mais indicadas para a mulher (exceto o magistério primário) na opinião das professoras primárias.

Ocupações mencionadas	%
Infermária	41,79
Judice	17,32
Comerciária	10,24
Freira	5,66
Não	8,39
Assistente social	4,72
Advogada	3,18
Engenheira	2,36
Cortureira	2,36
Confeira	1,57
Fazendadora	0,79
Padeadeira	0,79
Total das professoras (100%)	127

Como se pode ver, continuam predominando as ocupações de conteúdo expressivo e status subordinado. Todavia, observam-se também diferenças significativas entre os valores implícitos nas opiniões expressas: entre as profissões citadas pelas professoras, são muito mais frequentes os de conteúdo instrumental e status elevado, do que entre aquelas mencionadas pelos informantes do quadro anterior; entre elas, por outro lado, é consideravelmente mais baixa a frequência com que surge o papel social "mãe" - ou "dona da casa", que constituem equivalentes, e que representam, no que respeita a ideologia ocupacional, o mais alto grau de tradicionalismo. A professora, ou pelo menos parte do magistério primário, parece constituir quanto aos valores que definem o papel social feminino, um estudo intermediário entre a sociedade tradicional e o sistema em formação. Não obstante, ela continua sendo professora independentemente das aspirações ocupacionais, o magistério é a profissão "permitida" à mulher da "classe média"; suas aspirações continuam a ser canalizadas para uma ocupação análoga, em conteúdo, aos papéis domésticos que lhe tem sido tradicionalmente reservados. Isto é confirmado pelo fato de uma parte do professorado não ter desejado ingressar para o magistério, sendo, no entanto, levado a fazê-lo por pressão do pais e professores. A pergunta "por que escolheu o magistério primário" surgiu três categorias básicas de respostas: por vontade dos pais; por ser a única profissão existente na cidade, adequada à mulher; - por vocação. A "vocação", porém, não seria uma expressão que reflete a interiorização dos padrões culturais transmitidos pela família e pela sociedade? Lembramos que a idade média em que se deu a decisão de escolha do magistério como profissão, foi de 16 anos, portanto uma idade em que ainda é grande o controle da família sobre o indivíduo. O que se impõe disso é que pode ser reforçado por uma evidência relativa ao grau de identificação com o magistério: 37% das professoras manifestaram que prefeririam outra profissão que não a do magistério, o que não deixa de ter suas repercussões sobre a própria eficácia do processo escolar.

Mesmo, mesmo, assim, a maioria das professoras continua considerando o magistério como a ocupação mais adequada à mulher (independentemente de gostarem ou não da profissão), no que revelam nenhuma inconsistência ideológica, do que a subordinação de suas aspirações aos valores conservadores dominantes.

As racionalizações relativas à adequação do magistério à mulher, expressas pelas professoras em resposta à pergunta "Por que considera o magistério mais apropriado à mulher?", podem ser igualmente divididas em três categorias básicas, de acordo com a frequência. Na primeira categoria, que corresponde a 52,9% dos casos (sobre o total de professoras) agrupam-se respostas que focalizam certos atributos supostamente característicos da "natureza feminina": "A mulher tem mais jeito para lidar com crianças"; "A professora é a segunda mãe"; "Naturalmente, a mulher tem tendência para educar"; "A mulher é mais compreensiva"; "As crianças se dão melhor com mulheres que com homens".

Na segunda categoria (17,6%) temos respostas que exprimem a solução de compromisso entre papéis sociais divergentes: "Trabalho um só turno e por isso posso cuidar da essa sem deixar de ajudar o marido"; "É uma profissão que tem muitas férias"; "facilita cuidar da casa". Esta categoria reúne as respostas das professoras casadas.

O terceiro grupo de respostas (17,6%) se refere às vantagens econômicas da profissão e a status e ela atribuído: "É a profissão que dá melhor pagamento à mulher"; "é anque dá mais prestígio à mulher.

Finalmente, temos, ainda, respostas isoladas, perfazendo em seu conjunto, 11,8%. São respostas tais como: "é uma profissão que ajuda a ter conhecimentos úteis para a educação dos filhos"; ou "Não é preciso trabalhar junto com homens".

O caráter conservantista de tais representações é evidente. Refletem elas, - claramente, a analogia entre papéis domésticos e ocupacionais. Justificam socialmente o encaminhamento da mulher para determinadas posições na estrutura ocupacional; - cujo bom desempenho depende de certas qualidades supostamente susentas nos homens. - Assim, se formalmente são elas excluídas do magistério, implicitamente são as mulheres excluídas de outras posições que representam status mais elevado. Em seu gênero grupo, revelam a medida em que a mulher permanece presa a papéis domésticos, e - valorização do magistério pelas possibilidades que oferece desempenho simultâneo - de dois conjuntos de papéis competitivos do universo, social feminino. O terceiro - grupo deixa bem clara a aceitação, por parte da mulher, de uma remuneração relativamente baixa, dando validação à sua situação de subordinação. Finalmente, as respostas isoladas indicam a orientação doméstica das motivações ocupacionais femininas - se serem valorizadas ocupações que "ajudem a criar os filhos", ou que permitam - transferir para a esfera profissional o padrão tradicional de reclusão feminina. De certa forma, se as escolas normais são "gínseus escolares", o magistério primário é o "gínseu profissional".

SUMÁRIOS E CONCLUSÕES

Nossos dados revelaram que a modalidade mais frequente, de organização doméstica é dada pela família elementar. Família elementar e residência neolocal são - concomitantes estruturais do caráter bilateral do "kindred", categoria fundamental - do sistema de parentesco da sociedade brasileira. A preferência pela residência separada e as tensões emergentes da interação entre os componentes da família extensa, ratificam, no nível das atitudes, a neolocalidade, e confirmam a inexistência de grupos corporativos de solidariedade irrestrita mais amplos que a família elementar.

Apesar da família elementar e a residência neolocal serem a forma mais - frequente de organização domiciliar, a família extensa também surge com frequência bastante elevada. Todavia, se ela reflete a operatividade dos princípios de solidariedade do "kindred", ela por outro lado representa apenas um arranjo transitório - um recurso de ajustamento social de que lange não o indivíduo ou a família de pro-

criségo; por ocasião de velhice; em caso de viuvez ou de truncamento do grupo doméstico pelo saída de um dos seus membros, mas frequentemente o marido-pai. Tais períodos críticos correspondem muitas vezes a determinados momentos do ciclo vital do grupo doméstico e, neste medida, à família nuclear ou extensa, enquanto as formas residenciais, não correspondem a "tipos" diversos mas a determinadas fases de evolução do grupo doméstico.

Na opinião dos informantes não é descível manter relações constantes com a família extensa (coabitacão por exemplo). Mas é sempre descível manter contactos periódicos para manter vivos os laços de solidariedade, e fim de que a família extensa possa ser invocada em ocasiões de necessidade. Talvez tenha havido - em relação ao padrão tradicional luso-brasileiro - uma redefinição: a família extensa deixou de ser uma organização permanente, pervisiva e omnipresente, para se tornar um recurso de justamento, um recurso de integração da família elementar, recorrido sempre que necessário.

Em qualquer caso, elas revelam o funcionamento dos princípios normativos das relações entre "siblings" e entre pais e filhos (famílias extensas compostas pela combinação de parentes mais afastados são quase inexistentes).

A família extensa pode ser patri ou matrilocal. Na camada superior ela é sempre patrilocal, estando a patrilocalidade associada ao status dominante do marido-pai e à extrema valorização da "linhagem", este último associado ao "culto do ancestral". Nas camadas média e inferior a matrilocalidade é maisaccentuada e proporção de homens sem parentes no local é maior que a de mulheres; o "côpago" das filhas aos pais (notadamente à mãe) é mais accentuado que a dos filhos; ~~intensiva~~ identificação com "linhagens", e não ser entre as "famílias tradicionais" empobrecidas, onde o "padrão" é idêntico ao da camada superior; o status do marido-pai não é tão mercedariamente dominador. Esta última característica desaparece em grande parte na Camada C. Nela, o marido-pai é com frequência uma figura transitória ou mesmo inexistente. Ademais, seu ~~status~~ comunidade por efeito da instabilidade econômica, não serve de suporte para seu status na família. A instabilidade conjugal conduz à configuração de um "tipo" de organização familiar matrilocal.

Se a família extensa reflete a operatividade das conexões de parentesco, revelando que o casamento não conduz ao truncamento das relações com as famílias de origem, a residência neolocal não pode ser encarada como reflexo de um "isolamento" da família. Muito pelo contrário, a residência neolocal corresponde à fase do ciclo evolutivo do grupo doméstico que mais nitidamente exprime a bilateralidade do sistema. Existe uma relação funcional estreita entre neolocalidade e bilateralidade. Nesta fase a família elementar mantém contatos, através de visitação recíproca e de trocas de favores, com ambas as famílias de origem e com colaterais de ambos os lados predominando, todavia os do lado da esposa. Nas fases extensas os contatos - com um dos lados (conforme seja patrí ou matrilocais), tendem a ser minimizados.

Família elementar ou extensa, residência nuclear patrilocal ou matrilocal representam fases da ciclo evolutivo do grupo doméstico, ciclo este variável segundo condições externas ao sistema de parentesco (diferença entre cidades sociais; entre sistemas adaptativos; entre padrões demográficos). Diferentes sistemas sociais propiciam condições que fazem variar a frequência com que surge a família elementar ou extensa em certos sistemas e para certos casos, co-residência de duas famílias elementares, dando origem a uma família extensa, é quase que indispensável para a sobrevivência de esses casos ou de outras externas; é o que ocorre na situação de isolamento do seringal. O inverso, como vimos, ocorre na "Colônia". Vimos também, que não só o isolamento, mas também o dinamismo relativo do sistema e a abundância do crítico fator de produção - a terra - contribui para a configuração do grupo doméstico. Todavia, outro fator merece ser ressaltado: se que parece, quanto maior a mobilidade horizontal, tanto menores as possibilidades de formação de famílias extensas, como forma de unidade residencial. É o que parece sugerir o fato de que na "Colônia" onde é quase absoluta a predominância da família elementar, é também mais concentrada a emigração: si, 58,22% dos filhos de 20 anos e mais, haviam emigrado, contra apenas 25,24% na região de Várzea. O mesmo fato parece também influir na interação entre parentes, expressa pela visitação recíproca, como foi destacado.

"The domestic group goes through a cycle of development analogous to the growth cycle of a living organism. The group as a unit retains the same form, yet its members, and the activities which unite them go through a regular sequence of changes during the cycle, which culminates in the dissolution of the original unit and its replacement by one or more units of the same kind.

"... significant feature of the developmental cycle of the domestic group is that it is at one and the same time a process within the internal field and a movement governed by its relations to the external field"(44).

As sucessivas transformações no status e nos papéis dos componentes do grupo doméstico ao longo do seu ciclo evolutivo, são condicionadas pelas características do sistema inclusivo em que se encontra referimo-nos às diferenças existentes entre as áreas rurais e a cidade, e entre diversas cidades sociais destas últimas. As diferenças análogas respondem também pela variação na constituição do grupo doméstico e na determinação de seus momentos críticos visto, por exemplo, que na "Colônia" o casamento conduz imediatamente à fissão do grupo doméstico enquanto na cidade e em outras áreas rurais tal fissão é retardada por pressão de fatores externos.

"... two investigators can arrive at totally different conclusions about the incidence of different "types" of residence in the city (community) though they use with seem to be the same census methods. In fact the source of the apparent discrepancy is the neglect by both investigators of the developmental dimension... we can if we wish find several "types" - a nuclear family type, and extended,

(44)- Cf. Tortes, 1958, p. g.2

patrilocal(virilocal) type, and extended matrilocal(uxorilocal) ' type, and so forth, with perhaps, a class of mixed types to take out the classification. But when it is recognized that these so-called types are in fact phases in the developmental cycle - of a single general form for each society the confusion vanishes. Residence patterns are the crystallization, at a given time of the developmental process(45)".

Tanto a residência patrilocal ou matrilocal temporária, como a residência non-local, correspondem a determinadas fases do ciclo evolutivo do grupo doméstico. Dizida Linda Fortes:

"In developmental terms, marriage leads to an actual or incipient split in one or both of the spouses natal families and domestic groups, and fission in the domestic group is always translated into special representation in the residence arrangements. In analytical terms this developmental moment is the starting point of a redistribution of control over productive and reproductive resources associated with a change in the juridical status of the spouses... What in fact happens is that marriage precipitates fission, and its concomitant economic partition, in the natal domestic group of one of the spouses, and this spouse moves out of the group.(46).

O casamento constitui uma crise concreta ou incipiente, no grupo doméstico de origem. Os dados que a seguir apresentamos parecem a afirmar isto. Não possuímos dados para a classe; para a faixa etária não quantitativamente insuficientes; temos informações para apenas 19 filhos adultos do sexo os sexos. Ao que Iquier forma 47,36 dos filhos que saíram do grupo doméstico paterno o fizeram com consequências de casamento; pelas 21,05% o fizeram para trabalhar. No entanto, o pequeno número de filhos ausentes do grupo doméstico não parece ser significativo, parecendo consistente com a maior frequência de famílias extensas, quando comparadas a seringais com as áreas rurais.

QUADRO XXIX

Motivos para sair do domicílio. Filhos de 20 anos e mais. Áreas agrícolas.

Motivos	Filhos		Total
	%	#	
Trabalhar	20,42	8,18	11,67
Estudar	-	7,27	5,57
Casar	63,09	21,27	70,00
Outros	15,27	7,27	12,28
Total (100%)	72	310	181

O quadro acima revela claramente, mesmo considerando que as evidências apresentadas são apenas indiretas que o casamento é um dos principais fatores de crise do grupo doméstico. O quadro indica também que entre filhos e filhas existe uma certa variação, que parece consistente com o que afirmamos sobre a residência //////////////

(45) - Cf. Fortes op. cit. p. 4 e 5

(46) - Idem

patrilocal temporária. Na situação revelada por nossos dados, é mais comum que o casamento leve à fissão imediata do grupo doméstico de origem da esposa. Quanto ao grupo doméstico de origem do marido a situação é diferente: o filho só cresce, permanecendo algum tempo na residência paterna. Assim o casamento provoca a substituição de uma unidade de força de trabalho, no grupo de origem da esposa e um crescimento equivalente no do marido, na medida em que a fissão deste último tende a ser retardada. No âmbito rural, o último filho a se casar permanece definitivamente na casa paterna vivendo com o tempo a assumir a liderança instrumental do grupo doméstico.

A fissão do grupo doméstico deriva basicamente da "ópria estrutura bilateral" do sistema que condiz à residência neolocal e de concentração dos interesses e obrigações do indivíduo na sua família elementar de procriação, na ausência de grupos corporativos unilaterais ou mesmo bilaterais. A família neolocal não representa um enfraquecimento dos laços de parentesco, mas sim um correlato lógico do sistema bilateral. A família extensa é num certo sentido circunstancial.

Fortes propõe um paradigma de ciclo vital do grupo doméstico.

"First there is a phase of expansion that lasts from the marriage of two people until the completion of their family of procreation in structural terms, - it corresponds to the period during which all the offspring of the parents are economically, effectively and juridically dependent on them. Secondly and often overlapping the first phase in time... There is the phase of dispersion or fission. This begins with the marriage of the eldest child who continues until all the children are married. Where the custom by which the youngest child remains to take over the family estate is found, this commonly works beginning of the final phase. This is the phase of replacement, which ends with the death of the parents and the realignment in the social structure of the family they founded by the families of their children... (47).

Como visto em § I-Agr a fase inicial é aquela em que Ego traz o cônjuge para seu grupo doméstico de origem (família extensa patrilocal ou matriocial). A expansão da família de Ego se inicia, portanto, no grupo doméstico de origem. Ela prossegue através da fase neolocal e de uma fase "extensa", quando Ego retorna ao grupo doméstico de origem ou àquele de seu cônjuge. Esta fase é às vezes substituída pela mudanças nos critérios de Ego para a residência deste último, variando o padrão de acordo com uma série de fatores, tais como a situação econômica do casal ascendente ou desce dente. - Chamada morte dos pais de Ego segue-se nova fase elementar". Inicia-se a repetição do processo quando o filho de Ego traz sua esposa para o grupo doméstico. Sobreveem um período de fracionamento, à medida que os filhos de Ego já crescem e constituem residências separadas. É então que se processa a substituição na estrutura ocupacional de Ego - por seus filhos alterando-se consequentemente, os papéis internos ao grupo doméstico, seja que, ao entanto, seja alterado, necessariamente, o status relativo de Ego e seu filho. Como vimos, a discrepância entre o status e o papel desem-

(47) Cf. Fortes, op. cit. 4 e 5

Penhado onde gerar/determinar tensões. Isto é, naturalmente, um modelo tipológico. Ele varia segundo a composição do grupo doméstico: sendo o padrão dominante o patrilocal, como corre no caso A, poucas probabilidades existem de que ele se realize quando os filhos não todos do sexo feminino. Outros fatores ainda fazem variar o ciclo vital: a viuvez prematura de um filho ou filha; uma diferença sensível entre a situação econômica das famílias de orientação do marido ou da mulher; dissolução dos laços conjugais provocando o retorno da filha (e netos) ao grupo doméstico de origem, etc. Por outro lado, nas cidades trabalhadores e filhas se dão com maior frequência à poligamia e à emigração dos filhos do que nas densas comunidades. Na zona rural e cílica, o grupo doméstico é sempre um momento crítico: a saída de um filho rotina, a organização produtiva correspondente, uma unidade de força de trabalho, tanto mais importante quanto mais elevada for a idade, seja do pai seja da filha.

Além da bilateralidade, outra característica básica do sistema de parentesco tal como se apresenta em Ité-Agn, é a permissibilidade, ou eleitividade possocial. É outra característica que indica a ausência de grupos corporativos transcedentes à família elementar - unidade de continuidade do grupo doméstico mesmo porque, se por um lado o sistema de parentesco é "kindred-centered", no dizer de Frazen, o "kindred", por sua vez, é centralizado no indivíduo: é uma categoria de orientação possocial. Demonstrativo de permissibilidade do sistema e da ausência de grupos corporativos é o fato de que a sociabilidade se faz em larga medida, fora do "kindred", isto é, entre não parentes. Não obstante o "kindred" continua sendo o foco de solidariedade, pois é preferencialmente a parentes que se recorre nas ocasiões críticas.

As obrigações elegóricas centralizam-se na família elementar, estendendo-se para os pais e irmãos, isto é, aqueles que num passado anterior, compunham outra família elementar e de origem. Todavia, mesmo esta extensão está subordinada aos interesses de família de propriedades: todos os filhos têm obrigação de apoiar os pais na velhice, mas estes irão residir com aquele cuja família de matrimonio melhor puder satisfazer seus interesses à obrigação familiar. Fora do círculo mais íntimo de parentesco o indivíduo pode imprimir considerável variação às relações que mantém com seus cognados. Conforme suas conveniências pode acentuar os contatos com determinados parentes, ou pode interromê-los. O mesmo fato responde também pela ausência de limites rígidos da "kindred" socialmente significativo; o "kindred" de cada indivíduo depende de seu conhecimento de parentesco, assim como dos contatos efetivamente mantidas.

Todavia, apesar da permissibilidade do sistema de parentesco distinguem-se claramente de não parentes por suas proeminências no universo social do indivíduo.

As obrigações não tem um limite rígido, mas obedecem a um gradiente conforme aumenta a distância de parentesco. Esta distância está associada muito frequentemente, é faltar de comunicação.

"It is, in other words, a "de facto" and not a "de jure" termination. Indeed, it is always possible, where circumstances make it advantageous, for a dormant relationship to be revived if those concerned are ready recognise it" (48).

Apesar de existir uma graduação entre, por exemplo, irmãos e primos, pais e tíos, isto não significa que as relações entre cognatos sejam dominadas pela noção de graduação. "An even more important feature of the kindred in bilateral societies is that is presents an individual with a wide range of optative relationships - relationships which, in the absence of any binding descent principle, it is possible for him to accentuate as he pleases or as suits his special interests... Kindred relationships then, are to a marked extent, optative, a fact of fundamental importance is the functioning of bilateral societies" (49).

O alcance das relações de parentesco socialmente significativas varia entre as comunidades sociais de Itá-Açu. Ela é maior na comunidade I, entre as "famílias tradicionais", de forma consistente com a definição profunda das conceções de consanguinidade e com a ideia sempre presente do ancestral "heroico", do "fundador". Este maior amplitude do "kindred efetivo", assim como sua consolidação, decorrem também, em boa medida, do casamento preferencial endogâmico.

O reconhecimento profundo de parentescos torna mais fácil incluir novos parentes no "kindred" efetivo; o indivíduo é mais "aberto" à descoberta e reconhecimento de novos parentes. Ao mesmo tempo, também, torna mais fácil o "esquecimento" de parentes indesejáveis; a conexão entre um parente e outro não se fixa em linha reta (horizontal ou transversalmente, conforme as gerações), mas por uma espécie de operação triangular (Ego-ancestral-Alter). Nas demais comunidades, o alcance do "kindred" efetivo é menor; ali as relações de parentescos são uma projeção das relações entre "siblings" - primos são solidários porque seus pais eram irmãos. É na medida a que o "kindred" efetivo é mais reconhecido. Faz também aí que o sistema se apresenta mais nitidamente matrifocal - ao contrário da patrifocalidade das comunidades II - sem que se perca, todavia, a bilateralidade básica. Nesta medida conjugam-se vários fatores, tais como a mobilidade geográfica, a instabilidade conjugal, susseguência de contatos por correspondência, - que atuam no sentido de limitar o círculo de parentesco socialmente significativo. A instabilidade conjugal e outros fatores que conduzem à formação de alianças matrimoniais como forma de organização doméstica não opõem incentivo à matrifocalidade do sistema - como também conseguem o truncamento do "kindred", que é, como que cortado ao meio, visto que só são mantidas as relações efetivas com os cognatos maternos.

Dissemos que as relações entre irmãos se aproximam mais ao padrão categorico do que permissivo. Todavia, convém notar uma diferença no que se refere a "siblings" masculinos e femininos. Irmãos sempre se ajudam uns aos outros, mas as obrigações relativas à irmãs são mais nitidamente definidas, em certas circunstâncias, do

(48) Cf. Freeman ep. cit. pag 210

(49) Icom, pag.210

que aqueles relativas a irmãos. Assim, o filho mais velho é considerado o segundo pai e eventual chefe da família e do grupo doméstico em caso de morte ou afastamento do marido. Vários informantes quando falavam sobre os papéis presuntivos do filho homem referiam-se expressamente a "cuidar da irmã, mesmo mais velha" noiva ou moça solteira pra cisa do irmão para que "não sofra vexame". Entre outras obrigações, compete ao irmão abrigá-la em sua residência, mesmo porque, uma mulher que resida sózinha, não é bem vista pela comunidade.

Quando a irmã se casa, ela, naturalmente, cai sob a autoridade e proteção do marido, conforme o define não só a cultura local mas também a legislação pertinente - (Código Civil- Direito de Família). Assim, desaparece, de certo modo a responsabilidade do irmão, não obstante permaneça o padrão geral de solidariedade. A irmã pertence agora a um grupo doméstico cujo chefe não é cognato daquela irmã nem espousa afim. Sendo as relações entre cognatos preferenciais sobre aquelas entre afins, o chefe procurará se socorrer, preferencialmente, de seus próprios "Kingmen", o que tende, de certa maneira, a "enfrasquecer" o papel do irmão. Este último, todavia, se mantém solidário com a irmã e, por extensão, com o cunhado.

Quando a irmã encontra-se ou é abandonada pelo marido, renascem as obrigações do irmão, que deve vir em socorro quando ela é "golpeada pela m' sorte", no dizer de um de nossos informantes.

Corra, no entanto, que o irmão geralmente se coloca entre dois irmãos. A maior parte das mulheres de nossa amostra urbana casaram-se entre os 19 e 21 anos, enquanto a maior frequência masculina caiu entre os 23 e 25 anos. Assim, naturalmente, são relativamente poucos os casos em que o irmão efetivamente exerce e guarda, ou é tutelar da irmã. Ademais, quando a irmã trabalha, alcançando suas auto-suficiências econômicas e contribuindo para o organismo doméstico, a autoridade efetiva do irmão tende a se tornar mais limitada.

A flexibilidade do sistema, permitindo reavivar conexões latentes, do ponto de vista da sua significação social, ou interromper outras; permitindo alterações do sistema de nominação como mecanismo de afirmação de status; permitindo mesmo que o indivíduo se deixe assimilar por seus afins, quando estes pertencem a grupos de maior prestígio social, estes a indicar que, se no sistema inexistem grupos corporativos de solidariedade restrita, o "kindred", não obstante, abre ao indivíduo amplas possibilidades sociais.

O "kindred" permite uma ampla margem de alternativas; com base em princípios estruturais gerais, permite uma certa gama de arranjos eleitorais: maior valorização da "linha" materna, conforme as necessidades sociais da Ego; ampliação do grupo / em que Ego pode encontrar solidariedade; maior possibilidade de satisfação de perso-

lido de individual de Ego, pois este pode seleccionar suas relações, etc.

Entre cognatos e estranhos coloca-se os "afins". Distinguem-se dos primeiros por serem mais sujeitos ao fator relatividade de pessoal; pelo fato de se reconhecer preferencialmente a um cognato e apenas secundariamente a um afim; por não possuir características de perpetuidade e por não constituirem elo de ligação com outras categorias de parentesco. Na verdade a relação de afinidade é uma extensão da religião conjugal e do princípio de solidariedade de "siblings". A solidariedade para com o sogro é uma extensão de solidariedade conjugal (e secundária ou parcial às obrigações entre pais e filhos) e desaparecia este, desaparece aquela. A solidariedade para com um cunhado é uma extensão da solidariedade para com a irmã. A fim de que este goze de boa situação financeira, ou seja de uma crise, prestaria auxílio ao cunhado. Ademais, os filhos da irmã de Ego serão cognatos colaterais dos filhos de Ego. Novamente se torna relevante, aqui, o fato de que a família elementar constitui uma unidade e um sistema de interdependência de papéis.

O conteúdo da ajuda entre afins é aproximadamente o mesmo que entre cognatos. O que os diferencia é o menor impositividade; só é invocada na ausência de cognatos (não só ausência física, mas também no sentido de status - social). Outra diferença também existe: com a morte ou o afastamento de cognatos que serve de ponto entre Ego e os afins, a relação só enfraquece ou desaparece. Recusamente faz com que o indivíduo reoriente suas relações para o novo afim.

Afins, à diferença de cognatos, são substituíveis no universo de parentesco do indivíduo, como ocorre com sogros e cunhados quando da contratação de novo matrimônio e à consequente reorientação das relações de afinidade. O truncamento das relações de parentesco afins, resultante da dissolução de árede conjugal é evidência em sustento da fato de que o sistema, é "kindred centered" repetindo a expressão de Freeman. No entanto é preciso fazer certas distinções; na medida superior é pouco comum que o casamento se desfaça em decorrência do desenvolvimento de tensões entre os conjugos, como ocorre na cunhade G. Por outro lado, os afins do marido são cognatos dos filhos. Assim, o truncamento das relações de afinidade depende da existência ou não de filhos e das razões que motivarem a dissolução do vínculo conjugal. Depende, ainda, de haver ou não novo casamento. Mas, de qualquer forma, existe sempre, quando não há interrupção, pelo menos um enfraquecimento das relações. Todavia, em certas circunstâncias os afins tendem a substituir os cognatos no universo de parentesco do indivíduo, ou seja, o indivíduo tem a ser assimilado por suas relações-afins. É o que ocorre com os imigrantes sem parentes em Iti-Açu. Ou com aqueles que se casam com representantes das "famílias tradicionais"; neste caso, a assimilação chega por vezes ao ponto de protocolar mudanças de nomeação, como técnico de mudanças de status. Relações de afinidade também podem ser usadas como mecanismo de afirmação pessoal. É o que ocorre quando pessoas de cunhadas mais baixas invocam afins de cunhadas mais altas.

"Meu tio é casado com a sobrinha do Dr. Fulano".

O caráter bilateral e a permissibilidade, possibilidade ao indivíduo de associar aos afins quando isto se torna mais vantajoso ou quando há colaterais e cujos se associar. Ego considera seus afins afetivos os conjuges do "siblings" de seus pais os "siblings" de seu cônjuge e os conjuges de seus "siblings". Há uma correspondência entre afins afetivos e cognatos afetivos: os afins afetivos de ego são cognatos afetivos de seu filho. Também se incluem nos afins afetivos os conjuges de seus irmãos, como consequência de entendimento do princípio da unidade do grupo de "siblings" e famílias elementares destes últimos. As famílias elementares são vistas como unidades do que decorre a identificação lógica entre seus membros.

Se as relações de parentesco são livres em sentido de solidariedade verificável segundo o grau e o tipo de parentesco (consanguíneo ou afim), fere o "kindred" e o círculo de afinidade não existe consciência de obrigações. É boa verdade que não existe uma situação de hostilidade obrigatória entre não parentes, mas também existem princípios que tornam obrigatoria a solidariedade. Isto no interior do "kindred" existem graduações, dada a natureza permissiva ou restringida do sistema.

Toujours, sempre existe a expectativa de cooperação entre parentes, à diferença do que ocorre entre estranhos, onde a solidariedade é agida livremente. Poderia o sistema ser egotílico e ter como suas características básicas a coesão familiar de desenvolvimento de relações de amizade fora do "kindred", inexistem princípios estruturantes que definem tais relações. Tampouco existem, no contrário do sistema de parentesco, princípios institucionalistas que impõem a hostilidade ouverts entre estranhos. É verdade, parte da população tem certas bases de sua vida social organizadas precisamente em torno a tais hostilidades que se manifestam no plano do comportamento político. Assim, uma parte da população se divide entre "carlistas" e "anti-carlistas", hostilidade estes racionalizada em termos de afinidades políticas, ou que exprimem uma modalidade particular de competição num processo de trabalho limitado, configurar de acordo os vícios do clientelismo, ou do "following" tradicional. No plano religioso, protestantes e católicos insultam-se mutuamente através dos alto-falantes da rádio Igreja e às vezes chegam a vies de fato. Entre sindicatos e partidos tende a se encontrar a consciência do antagonismo.

No entanto, é significativo que as relações de parentesco mundo através a si aliviam polêmicas, religiosas ou de classes, talvez no sentido de tentar a hostilidades. Vemos como, entre as "famílias tradicionais", esposas de tradicionais identificam com uma ou outra facção, ocorre por vezes que alguém se transfere para o partido oposto, revelando que mesmo neste setor da população os ricos características básicas do sistema, dada pela permissibilidade. Mas este processo não significa ruptura das relações entre cognatos. Muito pelo contrário, indica que mudanças políticas resultem em partidos rivais contra

os parentes de fregão perdadora. O mesmo ocorre também entre católicos e protestantes. Nos similares, se são organizações, ou grupos organizatórios, formalmente independentes de vínculos de parentesco, observa-se a formação de subgrupos ou de alinhamentos segundo as conexões de parentescos. Na zona rural é altamente significativo que o "puchirum" só se mantém operativo naquelas comunidades onde a maioria da população é ligada por laços de consanguinidade e de afinidade. Com efeito, vários bairros rurais resultaram da transladação de grupos de parentes do Nordeste. Estes se acrescentaram outros, não parentes. Após duas gerações da casamento dentro dos limites do grupo de vizinhos, praticamente todo o bairro rural se apresenta cruzado e roçado, por ligações de parentesco. Afirmando antes que o "puchirum" só se mantém no interior do círculo de parentesco, entre cognatos e afins, estes últimos um esporádico de categoria intermediária entre o "kindred" e estranhos, visto que um afim ao pai (um sogro, um cunhado) será cognato do filho. Provavelmente, o "puchirum" tendo a desaparecer à medida que o sistema produtivo se insere num econômico de mercado. Mas este enriquecimento não será resultado, também do crescimento do bairro rural pelo crescimento de não parentes; poder-se-á imaginar se o matrônio é um componente organizatório da comunidade, ou se o é da comunidade de parentesco. Não deixe de ser curioso que, apesar da existência tradicional de formas organizatórias iniciativas de um alto grau de cooperação, como o matrônio, a tentativa de organização de uma cooperativa abrangendo vários bairros e portanto famílias não parentadas, resultou em fracasso.

Os limites do "kindred" sendo este um sistema de relacionamento centralizado no indivíduo, são definidos pela extensão do reconhecimento a partir de cada indivíduo focal. Varia, portanto, de pessoas para pessoas. Todavia, outros fatores também atuam no sentido de definição dos limites do "kindred". Inexistindo limites formais, a relevância é dada pelo que Firth classificou de relações socialmente significativas. O âmbito destas limites é em larga medida resultante do encaminhamento preferencial. Se o casamento endogâmico impõe o alongamento dos limites do "kindred" teórico (na ausência de limites formais), por outro lado, não sómente amplia o "kindred" efetivo mas também reaviva laços de parentesco enfraquecidos e consolida e tal os cognatos.

Há o casamento endogâmico tanto também entre funções. Conforme conta Campbell (56), com o casamento surge uma contradição entre os princípios de obrição-paterno, de um lado, e o de extensão colectorial, do outro. Com o casamento exogâmico, por exemplo, podem se formar, o menos em potencial, tensões entre os princípios da solidariedade conjugal e a solidariedade entre cognatos. Surgindo uma situação de conflito entre cognatos próximos ao marido e cognatos próximos da mulher pode-se desenvolver uma situação disfuncional seja por o equilíbrio fa-

miliar, seja para a integração do "kindred". Mesmo que as obrigações categóricas se concentrem mais fortemente na família elementar, isto não impede que aquela - contradição conduza à formação de tensões conjugais e própria concentração referida conduziria, por outro lado a um distanciamento em relação a um ou mais cognatos. O mesmo não ocorre, no entanto, quando o casamento é endogâmico, que se revela assim funcional, seja para a integração da família, seja do "kindred".

A propósito, outro aspecto deve ser considerado. Em Itá-Açu, a medida que transformações globais se realizam no sistema inclusivo, tende a ganhar relevância o parão moderno do casamento romântico, onde a escolha conjugal compete aos próprios parceiros. Na situação tradicional, onde o casamento é decorrência de interesses políticos e econômicos e é arbitrado mais pelos pais que pelos noivos, não são tãoacentuados os laços afetivos entre os cônjuges. Numa tal situação seria menor o conflito com o princípio das unidades de "siblings" e da lealdade com cognatos. O mesmo não ocorre quando se desenvolve o padrão de companheirismo entre os cônjuges, pois este último implica numa reorientação da solidariedade. Na ausência do casamento endogâmico tenderiam a se acentuar as tensões entre os principios estruturais acima mencionados. Com o casamento romântico acentuam-se também as tensões no interior da família extensa, e aqui lembramos novamente a preferência pela residência separada: residência nuclear, casamento romântico e bilateralidade, são aspectos funcionalmente relacionados do sistema de parentesco.

Entre as famílias tradicionais é maior a ênfase no casamento endogâmico como modalidade preferencial. Mesmo só porém, a necessidade de preservação de status pode tornar mais vantajoso o casamento exogâmico, isto é, o casamento "do dinheiro com a posição". Para as famílias tradicionais da camada superior o casamento preferencial é também intraclasso. Para os adventícios, porém, o casamento com tradicionais empobrecidos constitui uma forma de consolidação de status. Para as demais camadas, o casamento preferencial é também endogâmico, mas interclasse. Todavia, poucas são suas possibilidades de concretização.

Idealmente o casamento deve ser procedido de um noivado relativamente longo e realizado através de uma cerimônia religiosa e outra civil, dando-se mais valor à primeira. Todavia, nas camadas trabalhadoras urbanas e na zona rural - principalmente no sertão - uma parcela da população vive em estado de "amigação". Se o acausalmente não é a causa de instabilidade conjugal é um fator que facilita o rompimento do vínculoconjugal e a formação de unidades familiares compostas por círculos maternos.

Nas comunidades rurais o casamento endogâmico é bastante comum. Como vimos, vários bairros rurais são compostos por parentes. Encontramos alguns casos onde dois irmãos casaram-se com duas irmãs, o que acentua a consolidação do "kindred" e que se referem a Freeman. A inexistência de preibições no casamento.

endogâmico tende a enfraquecer a articulação interlocal, mas reforça a articulação intralocal. Tal consequência está funcionalmente ligada aos limites do universo social do indivíduo para o agricultor, o que importa é a solidariedade local. A vida do indivíduo decorre e se esgota em âmbito local. Apesar de estar, do ponto de vista estrutural, estreitamente integrado numa economia de mercado, sofrendo os efeitos de suas dinâmicas, e portanto, um sistema de nível supra local, sua vida decorre dentro dos limites da comunidade. A articulação, interlocal, possibilitada por casamentos fora da comunidade, entre segmentos horizontais, equivalentes, pertencentes ao mesmo nível de integração social, tem pouca importância. Por isso, a existência de parentes em outras comunidades é irrelevantes. O mesmo não ocorre entre segmentos verticalmente integrados, isto é, entre a comunidade rural e a cidade, centro de dominância das áreas. Para uma parte da população, no entanto, é importante ter parentes em Itá-Agu, quando se torna necessário relacionar-se com a burocracia ou com o mercado através de parentes obtém-se, não só hospitalidade mas também as conexões pessoais e os "patronos" através dos quais se manipula o sistema administrativo, os créditos, os preços etc. Tais conexões são fornecidas através de migração de filhos.

Em vários aspectos observam-se diferenças entre a cidade e a zona rural. Nesta última é menos frequente o surgimento de famílias extensas. Dentro da própria zona rural, condições econômicas e ecológicas diferenciam o grupo doméstico no seringal das áreas agrícolas. Diferenças também existem na função econômica das relações de parentesco; na área agrícola parte do "kindred" se reúne em mutirão; no seringal o grupo doméstico é uma unidade econômica isolada (na cidade a unidade produtiva é o indivíduo). Todavia, nenhuma relação parece existir entre o papel econômico do parentesco e a frequência com que surgem famílias elementares ou extensas. Nas áreas agrícolas, porém, a sociabilidade, expressa por visitas, se faz predominantemente dentro do círculo de parentesco.

Como vimos, ao focalizar a diferenciação dos membros do grupo doméstico, ao seu ciclo evolutivo corresponde uma contínua redistribuição e redistribuição de papéis. Mesmo que os membros do grupo doméstico permaneçam os mesmos, do ponto de vista de sua existência física, o mesmo não ocorre do ponto de vista de sua existência social. Assim, por exemplo, cada vez que um membro do grupo passa de uma categoria atárida significativa para outra, não apenas lhe são atribuídos novos papéis, mas se reorganiza o sistema de papéis como um todo e se altera seu "relacionamento com o sistema social maior. O mesmo ocorre nos momentos de cisão do grupo doméstico, pela saída de um filho adulto. Isto é particularmente notável na zona rural, quando as "unidades de consumo" (crianças) se transformam em "unidades de procriação" (adultos e adolescentes).

Utilizamos em nossa descrição as expressões "família"; grupo doméstico, etc. Apesar de apresentarem estes três unidade sociais elementos em comum convém, não obstante, diferenciá-las. Ao nos referirmos à família, tivemos em mente aquela estrutura concreta formada pelo grupo de indivíduos parentados entre si que compõem uma mesma unidade residencial. Esta unidade pode se apresentar sob a forma de família nuclear e extensa. Por parentesco entendemos aquela estrutura de relacionamento que transcende o grupo doméstico e o vincula a outros grupos domésticos. A família, é frequentemente o grupo doméstico, constituem uma unidade residencial do "grupo de parentesco". O grupo doméstico é considerado - como um sistema de atribuição de papéis, ou uma organização de divisão social da obrigatoriedade à sobrevivência do indivíduo e à família. - Lembramos que o grupo doméstico não se compõe necessariamente de uma única família: no sertão, por exemplo, povos podem se organizar em grupo doméstico, para efeito de sociabilidade e cooperação, sem que existam quaisquer vínculos de parentesco. Este e - outros níveis também com que a unidade familiar seja crescid de agregados e - não parentes. Mas, seja ou não composto por uma unidade familiar, o grupo doméstico é uma unidade de interdependência de papéis. Apesar do grupo doméstico ser constituído predominantemente por uma família elementar ele pode ser diferenciado desta última. Recorremos novamente a Fortes, verificamos que este autor afirma que o núcleo reprodutivo do domínio doméstico é formado pela célula matricentral (crescida do marido-pai), elo - do ligação entre aquela e o domínio doméstico como um todo. O grupo doméstico pode ser fortificado pelo agrupamento de outros indivíduos, mas seu núcleo é formado apenas pelos laços diretos de matrimônio, filiação e irmandade. O grupo doméstico é essencialmente uma - unidade de governo de domicílio, organizada para prover os recursos materiais e culturais necessários à manutenção e maturação de seus membros. Mesmo que a composição de família e ao grupo doméstico seja a mesma, ambas pode ser analiticamente distinguidas. - As funções estritamente reprodutivas - no sentido de reprodução social - cabem à família (a reprodução sexual caberia não à família, mas à dupla conjugal - Eu); as funções relativas à produção de bens materiais e meios não materiais de sobrevivência dizem respeito ao grupo doméstico.

Os nossos dados indicam que durante a fase inicial da vida do indivíduo, ele permanece em contato quase que exclusivo com sua mãe. Neste caso, as funções de reprodução social são limitadas à família nuclear, ou mais especificamente, à figura materna, enquanto que as demais funções - "econômicas" - da unidade residencial são as que caracterizam o grupo doméstico. Todavia, grande parte dos grupos domésticos se compõem de famílias extensas. Nesses casos, as funções socializadoras (reprodução social) deixam de ser pertinentes ao núcleo familiar: todos os membros adultos do grupo doméstico tem, em Itá-Açu, papéis e obrigações definidas -

em relação aos imaturos. Na verdade, no que se refere aos papéis socializadores, não existem diferenças entre mãe e as demais mulheres adultas do grupo doméstico; em relação aos imaturos todas são equivalentes funcionais. As funções de reprodução social ultrapassam, então o âmbito da família nuclear, distribuindo-se homogêneamente por todos os membros do grupo doméstico - ressalvadas as diferenças definidas pelo sexo. Se, por exemplo, tivermos um grupo doméstico composto por uma família nuclear, acrescida de irmã de espóso-mão, esta irmã terá as mesmas obrigações (é o mesmo status) relativamente aos filhos do casal, que a mãe. Em tais casos, que não são estatisticamente desprezíveis, mesmo que a família extensa represente muitas vezes apenas uma fase do ciclo evolutivo do grupo doméstico, a distinção entre família e grupo doméstico deve ser colocada em termos mais amplos. Todavia, é bem verdade que entre as diferentes fases do ciclo - evolutivo, o elemento de constituição é a família elementar.

As funções de grupo doméstico diferem, comparando-se a zona rural com a cidade através de um fator básico: na primeira, o grupo doméstico é uma unidade - económica, no sentido de constituir um empreendimento que produz para o mercado - (mesmo que apenas local); na segunda, o grupo doméstico não deixa de ser uma unidade, num certo sentido económico, mas o é em seus próprios termos, isto é, uma organização de trabalho que produz certos bens, serviços e recursos culturais - necessários à manutenção de seus membros. Conforme a expressão de Fortes, o grupo doméstico é uma "housekeeping unit". Esta última função é, naturalmente, comum tanto à zona rural como à cidade. Outras diferenças funcionais, todavia existem, no sertão e grupo doméstico fornece os limites da sociabilidade para uma grande parte da população local; nas áreas agrícolas tal limite é dado pelo grupo de vizinhos, o qual, como podemos observar, coincide muitas vezes com o grupo de parentesco. Na cidade, a sociabilidade se faz predominantemente fora do círculo de parentesco, apesar da interação interna ao grupo de parentesco e não ser desprezível: na verdade, se o número de famílias não parentes visitadas é superior ao número de famílias parentes, a intensidade de visitação é maior entre estas últimas. Isto é: o número de vezes que a famílias parentes são visitadas - sem determinado período de tempo (uma semana) é cerca de três vezes superior ao número de vezes que são visitadas famílias não parentes. Tanto na cidade como na zona rural as visitas foram principalmente entre mãe e filha. Num lugar - como outro, a mulher parece ser a articuladora do parentesco, não no que se refere aos contactos de natureza expressiva. Os contactos instrumentais competem co-homem.

O papel do parentesco apresenta ainda outras diferenças: enquanto na área agrícola - ele possui funções econômicas fundamentais, em consonância com os requisitos do sistema social, o mesmo não ocorre na cidade ou na área extrativa. Nestas duas últimas ele não caiixa, contudo, de se constituir em grupo de orientação pessoal e reconhecimento social ou como grupo de mobilização potencial eventualmente invocado pelo indivíduo ou pela família em ocasiões de crise. Já dissemos, ao tratar da família extensa, que o parentesco é uma estrutura de solidariedade à qual se recorre para fazer frente às pressões do sistema inclusivo. Nisto mesmo está implícito que o grau de isolamento da família nuclear na cidade por nós estudada não é tão grande como parece ocorrer em outras sociedades. Em outras palavras, o isolamento residencial não corresponde, necessariamente, ao isolamento social. Se Itá-Açu não é uma instância comparativa válida, pois trata-se de um sistema "urbano-tradicional", os exemplos citados em relação a Londres - indubitavelmente um segmento urbano-industrial são suficientes para refutar a generalização baseada na observação de sociedades norte-americanas. Também em grandes cidades brasileiras têm-se observado a persistência das legas de parentesco como relações de obrigação.

O único grupo corporativo permanente no sistema bilateral da sociedade brasileira é a família elementar. Quando se forma uma família extensa, as duas elementares que a compõem não se diferenciam, no que diz respeito à organização do grupo doméstico. Contudo existe uma diferenciação de papéis. Quando a família extensa se compõe pelas combinações de pais e filhos casados, o casal ascendente exerce papéis diversos do descendente (nos complementares). Os papéis instrumentais cabem ao filho. Os domésticos são divididos entre sogra e nora. Aí exerce certos papéis compatíveis com sua idade. Mas retrata-se de uma diferenciação entre indivíduos e não entre famílias: o orçamento é comum, a cozinha e a mesa são comuns. A unidade da família extensa, torna-se mais clara quando se trata de reunião de famílias de irmãos, pois só não está presente o fator geracional como elemento de diferenciação. Os dois maridos, as duas mulheres, e os diferentes filhos são funcional e socialmente equivalentes. Ambos os irmãos contribuem para o orçamento doméstico; ambas as cunhadas participam equitativamente das tarefas domésticas e ambas cuidam indiscriminadamente das crianças. Todavia, como vimos, esta forma de arranjo residencial muito frequentemente leva ao desenvolvimento de tensões.

A família extensa porém é apenas um arranjo transitório. Pois são as que apresentam caráter permanente. Trata-se de um recurso de ajustamento social e que se recorre em certas fases ou momentos críticos na vida do indivíduo ou da família.

Fora da família, inexistem grupos corporativos duradouros. A família ou o grupo doméstico, é a unidade mais importante: É ela a unidade de produção e consumo. Todavia, algumas funções elas é inadequada, e então se torna operativa -

Os princípios estruturais do "kindred", como ocorre nas fases do processo agrícola que demanda maior concentração de trabalho num sistema que exige trabalho coletivo além das possibilidades do grupo doméstico, a ação cooperativa mesmo que apenas temporária se torna fundamental. Os princípios normativos do "kindred" fornecem bases para que se formem grupos de ação conjunta em "mutirão". Mas estes grupos de orientação pessoal e, terminada sua motivação, se desfazem, voltando a unidade produtiva e ser limitada pelo grupo doméstico. O mesmo se observa na ação de articulação política, quando a solidariedade de parentesco ganha relevância no jogo do poder; ou na organização de empresas fundadas na lealdade entre "siblings".

As diferenças notadas entre a cidade e a zona rural quanto ao grupo doméstico, correspondem ao processo tão enfatizado por antropólogos e sociólogos, de redução de funções da unidade residencial-familiar, ou seja, o divórcio entre a organização doméstica e o sistema ocupacional. Enquanto nos segmentos rurais o grupo doméstico (ou a família) é no mesmo tempo a principal agência econômica e o foco principal da socialização, nos sistemas urbanos, na medida de burocratização e de especialização, as funções produtivas são transferidas para outras unidades sociais, assim como as funções educacionais a outras. Parsons(51) em conexão com este fato, mostra que é necessário então distinguir entre funções primárias e secundárias. As funções primárias seriam aquelas cuja natureza fornece os limites além dos quais não avança o processo de redução; as secundárias são aquelas que, por efeito de diferenciação social, podem ser transferidas para outras agências. As funções primárias seriam a socialização e o equilíbrio da personalidade adulta.

O divórcio entre as esferas de parentesco e ocupacional não é tão acentuado em Itá-Açu como nas sociedades onde o industrialismo se realiza de forma plena. Se é que em Itá-Açu (cidade) a vida econômica se justifica pela integração individual no mercado de trabalho, e não pelo esforço cooperativo do grupo doméstico como um todo, os princípios organizatórios, as motivações e ideologias que configuram as relações de parentesco, ainda se imprimem na organização econômica.

"...Industrialism means above all that the structures which would interfere with the free functioning of the economy, and of their adaptation to it, are minimized. The first of these is family and kinship"(52).

Não é de se estudar, como vimos, nem que se tenha verificado, a redução de funções do grupo doméstico o mesmo não se pode afirmar quanto às relações entre o

(51) - Parsons 1956, pag. 302

(52) - Parsons, 1963 - pag. 229

sistema de parentescos e a organização produtiva. Vimos como posições-chaves na estrutura de poder das empresas são confiadas a parentes; como a filiação e um grupo de parentescos atribui status na organização empresarial; como técnicos patrimonialistas predominam sobre os racionais no controle social. Os efeitos disfuncionais para a burocratização da organização empresarial já foram suficientemente analisados, por vários sociólogos⁽⁵³⁾. Se é bem verdadeiro que, no Brasil o grupo de parentesco foi, em larga medida, o canal através do qual se fez a industrialização, não é menos verdade que, a partir de um certo ponto de seu desenvolvimento, o "familismo" tende a se configurar como obstáculo à consolidação da organização racional. Se o "familismo", no nível dos valores, e o grupo de parentesco, no nível estrutural, tiverem papel saliente no período inicial de industrialização, em grande parte representam a solução social encontrada para a institucionalização da responsabilidade econômica; por outro lado, o status do indivíduo no grupo de parentesco frequentemente transferido para o esfera ocupacional, nem sempre coincide com os interesses produtivos da empresa. Paralelamente à transferência do princípio da autoridade no sistema familiar (em certo sentido, uma autoridade estamental) para o sistema empresarial, muitas vezes tem-se revelado disfuncional para a formação de mecanismos de controle racionais voltados para a obtenção de rentabilidades máximas.

Referimo-nos, linhas acima, à hipótese de Parsons relativa às funções primárias da família. De acordo com Parsons, a família nuclear deve existir em todas as sociedades, pois suas funções primárias não podem ser transferidas para outras agências. A família nuclear seria um requisito de qualquer sociedade. Todavia Marion Levy⁽⁵⁴⁾ demonstrou que, mesmo se as personalidades-status da família nuclear estivessem presentes, elas não funcionam necessariamente como unidade.

Já nos referimos antes à diferença entre a existência física e a existência social das començões de família e do grupo doméstico. Voltamos, agora, ao problema, de um ângulo diverso. Adams⁽⁵⁵⁾, refutando a hipótese de Parsons, afirma que estudos realizados na América Latina indicam que, enquanto maior parte dos sistemas familiares contemporâneos da região conhecem a descendência bilateral, existem muitos casos em que outras circunstâncias, que não a família elementar são operativas. E concentre sua atenção sobre a chamada "afiliação-materna".

Entre os dados utilizados por nós, estão as evidências fornecidas por um estudo realizado no Bahia⁽⁵⁶⁾ que revelam que 31% dos grupos domésticos era constituído por afilidos maternos. Para outros países da América Latina, Adams finge não

(54) Apud Adams, 1960

(55) Iuem

(56) Hutchinson, 1967

de dados censitários, que indicam variar de 16,8% para 26% a proporção de grupos domésticos com chefe feminino. Adams reconhece, no entanto, que estes grupos são o resultado, em parte, da viuvez. A proporção de viúvas sobre o total de mulheres ultrapassa, no entanto, os 5%.

Vimos o que indicavam e respeito os mesmos dados. O Censo Demográfico de 1950, para o Estado do Pará, nos mostrou que a proporção de viúvas, na população feminina de 15 anos e mais, é de 11,2%, e dóbres portanto, daquela encontrada por Adams (não sabemos todavia, os limites de idade tomados por ambos). Mas, esta maior proporção de viúvas não vem, ao nosso ver, contra a hipótese de Adams. Naturalmente, quando a viuvez surge em idade avançada, ou quando ocorre nas fases finais do ciclo evolutivo do grupo doméstico, não se apresentam os problemas de ajustamento e redifinição de papéis que se observam quando o chefe do grupo doméstico é relativamente jovem (e seus filhos ainda menores). Uma certa proporção das viúvas, de acordo com o Censo de 1950, é realmente relativamente jovem: 40% das viúvas tinha idade inferior a 50 anos. Por outro lado, os dados censitários mostraram, ainda, que 56,9% dos chefes femininos não se compõe de viúvas. De qualquer modo, viúvas ou não, o fato permanece que a chefia feminina implica um mecanismo de redefinição e renegociação de papéis sociais.

Verificamos que, além da viuvez, a instabilidade conjugal, nas classes trabalhadoras, leva à constituição de diádes maternas, muito embora, às vezes, proprie de formação de uma família extensa, pela agregação de diádes mãe-filhos e outras outras famílias nucleares eparentadas, ou pelo regresso do grupo doméstico de origem. Isto, porém, não vem confirmar a hipótese de Parsons: se as funções do marido-pai não são transferidas para a mãe, elas o são para outros membros do grupo doméstico. Isto é, tanto nos casos de diáde materna, como nos de família extensa, para que os papéis do marido sejam desempenhados, não é necessária a sua presença efetiva, permanecendo o fato de que a sociedade proíbe prescindir da família nuclear completa.

No Quadro I referimo-nos a essas três categorias: família elementar, família extensa e outras. Este último se refere aos indivíduos que vivem só e aos grupos domésticos compostos por pessoas não eparentadas entre si. A categoria família elementar foi tomada de modo um tanto genérico, incluindo tanto a unidade completa (álide-mãe-filhos; diáde pai-filhos; diáde conjugal), como incompleta (suaénio de um dos cônjuges). Distinguimos posteriormente entre a unidade completa e os casos de álide materna; observamos, também a área em conjunto, que a proporção de grupos domésticos com chefia feminina é inferior àquela encontrada nos estudos em que se baseia Adams mas, nem por isso, desprezível. A diferença é bem mais acentuada em relação à situação descrita por Hutchinson: neste último, 31% do total de grupos domésticos possui chefia feminina,. Tal diferença pode ser devida, em parte, à diversidade de estruturas populacionais

cionsis, entre as duas comunidades (Vila Resônance e Itá-Açu). Pode indicar, também, maior operatividade dos princípios de parentesco, em quanto estruturas da solidariedade, em Itá-Açu, mesmo nas classes trabalhadoras, que apresentem a maior incidência de diádes maternas, de grupos domésticos com chefia feminina, e de instabilidade conjugal.

Os nossos dados mostraram, ainda, que a proporção em que surge a diáde materna - na zona rural é bastante reduzida e própria natureza da vida econômica torna bastante difícil a subsistência de um tal tipo de organização doméstica.

Na Vila Resônance, comunidade estudada por Hutchinson, a diáde materna, corresponde a 61% do total de grupo domésticos com chefia feminina, e a 19% do total geral. Em Itá-Açu (ciudad) corresponde a 56,7% e 10,4%, respectivamente. Além do mais, uma certa porcentagem inclui filhos em idade produtiva que, do ponto de vista do sistema de papéis do grupo doméstico são equivalentes funcionais do p.i. Vão lembrar, ainda, que a categoria "Chefe, filhos e netos", inclui preponderantemente filhas abandonadas pelos esposos e suas proles: só faz certo sentido, diádes duplas, ou superpostas.

Se nossos dados revelam uma porcentagem de diádes maternas inferior àquela encontrada por Adams, ou por ele apresentadas, elas representam, não obstante, percentualável dos grupos domésticos da classe C, o que permite corretamente a crítica de Adams e generalização de Parsons:

"It is correct that there are social prerequisites, and that the nuclear family has numerous functions; but to correlate the two is a deduction that is not empirically supported".⁽⁵⁷⁾

Assim, ainda que, nos casos de diáde materna, torne-se crucial o apoio que a unidade doméstica possa encontrar em agências extra-familias para a manutenção de seu equilíbrio (já que a diáde pressupõe a inexistência de um sistema de parentesco socialmente significativo). Entre tais agências destacam-se a escola, não somente a escola inicial, mas também as já referidas "escolas de desenrolamento".

Outro fato mereceu destaque: além dos casos de diáde materna, encontram-se muitos outros, principalmente entre as classes trabalhadoras e no assinalado, de mulheres abandonadas pelos maridos - ou que abandonaram o marido - assim como de viúvas, que tornaram a casar. Algumas mulheres tiveram sucessivamente custro maridos. Onde vez que uma mulher se casa, ou re-casa, lev consigo os filhos. Isto parece revelar que é a mãe e personalidade-status fundamental como elemento de continuidade da família. Tanto nesses casos, como nos da diáde materna - em que a mãe ocupa papéis expressivos e instrumentais, estes últimos, "normalmente" tribuídos ao marido-pai - parece que se configura um tipo, marginal, muito embora da organização familiar trifocal, em oposição ao tipo nitidamente o trilocal da classe dominante. A formação da diáde traz ainda outras consequências pois, se o sistema é formalmente bilateral, o truncamento do "kindred" acentua ao extremo o ênfase "metrilateral" que se observa -

⁽⁵⁷⁾cf. Adams, op. cit. pag.30

nas casas de trabalho e mesmo em famílias "normais".

Nos casos de casas maternas inexistente o parentesco é estabelecido - status do marido-pai, - no que diz respeito à sua presença física. Nos casos de uniões consecutivas, a mãe é o elemento de continuidade da família. Cada vez que há novo nascimento, ou matrimônio, ela leva consigo sua prole (caso mudar de residência) para o novo grupo doméstico, onde é eventualmente acrescida de novos elementos. O vínculo mãe-filhos é permanente ao longo do ciclo evolutivo do grupo doméstico e da família; o vínculo conjugual é temporário e implica em variação sucessiva da personalidade física do marido-pai. Desfeita a união conjugal, rompem-se também os laços entre o homem e as crianças da família.

A figura da mulher na articulação entre cognatos torna-se naturalmente mais saliente. Se, nos "tipos normais" de famílias a interação entre o esposo/marido e sua família de origem é mais intensa que a existente entre o marido-pai e sua família de origem, nos casos "divergentes" aqui apresentados, ela se torna quase que exclusiva. A ênfase no laço materno é consistente com o padrão de nominação materna, mesmo se considerarmos apenas o nível concensual da cultura local, indicando um tipo de organização familiar e de parentesco bastante distinto ao tipo patrifocal das comunidades mais elevadas, notadamente das famílias "tradicionalis".

As descreveremos a estrutura e as funções do compadrio, engajando esse recurso organizatório em termos dos requisitos funcionais e estruturais do sistema social correspondente. Os conceitos de requisito estrutural e funcional são aqueles definidos por Marvin Levy:

"A functional requisite is a generalized condition necessary for the maintenance of the unit which it is associated gives the level of generalization of the definition of that unit and the most general setting of such a unit... A given condition is a functional requisite of a system if its absence would result in: a) the total dissolution of the unit, or b) the change of one of the structural aspects of the unit on the level under consideration" (58).

Quanto aos requisitos estruturais, diz Levy:

"in seeking to discover the structural requisites of a unit one seeks the answer to the question, 'In a given unit what patterns must be present such that the operation in terms of these patterns will result in the functional requisites of the unit'" (59).

Assim, o compadrio na área da Colônia assume um padrão horizontál-intensivo,

(58) Cf. Levy, 1952, pag. 62-63

(59) Idem pag. 63-64

reforçando os vínculos de parentesco que constituem a estrutura da solidariedade mantenedora do "matrônio, ou "mochirum". Este último, como vimos, limita-se atualmente ao círculo de parentescos. Conforme afirma Iannini: "No processo de destruição - dizeria complexo (o matrônio EU), múltiplas formas intermediárias são preservadas - transitoriamente, enquanto nem as condições concretas de vida, nem os homens se renovam por completo" (60).

No sistema urbano-tradicional e nos sistemas rurais onde predominam relações diretas entre patrício e empregado, ou entre estes últimos e os prepostos do primeiro, o patrício que corresponde aos requisitos do sistema é o vertical-extensivo. Tais vivem, mesmo nestes últimos, nunca deixe de se verificar o recrutamento centr. do grupo de parentesco. Com o surgimento do sistema global, "esvazia-se" o campo rural vertical mas, não obstante, continua a existir. Trata-se de inconsistência resultante da desigual assimilação, por parte dos vários componentes da sociedade, das condições ideológicas do sistema em emergência. Daí resultam, não apenas tensões entre tais componentes, desiguamente secularizadas, mas também obstáculos à plena realização do processo de burocratização. O problema é enunciado nos trabalhos já referidos de Iannini (1960) e Garmoso (1960) nesses que seu referencial circula o comércio. Aventan-se ainda a hipótese de que com a plena dominância do sistema urbano-industrial, tende a se desenvolver um padrão horizontal-extensivo.

A desordem no sistema de papéis interno ao grupo é nítida evidenciada a desigualdade entre o status do homem e da mulher. A atribuição de papéis tradicionais que Parsons chamou da "eixo instrumental-expressivo" de diferenciação social, e "eixo de poder".

"... the structure of the nuclear family can be treated as a consequence of differentiation on two axes, that of hierarchy or power and that of instrumental vs. expressive function. If this is correct it follows that so far as this aspect of its differentiation is concerned the family contains four fundamental "types" of statuses. This basic four-role pattern can be modified by a variety of factors such as the stage of the family cycle, age-differentiation of husband and wife, interval between their ages and those of children, number, exertment by sex, and interval between children. All these and others may prove significant for more refined analyses, but there seems little doubt that these two axes of differentiation as symbolized by the two great differentiations of generation... and sex, overshadow other bases of differentiation within what i.e. my sense may be considered a "typical" nuclear family" (61)

Verificamos, em nossa descrição, como a composição do grupo doméstico pode

(60) Cf. Iannini, 1961, pag. 37

(61) Lneuf. Parsons, 1956 pag. 45

alterar o modelo "típico de família nuclear" ou diferentes fases do grupo doméstico; a presença de alianças matrimoniais, a outras figuras previstas pela redistribuição, - reavaliação e redifinição das papéis ligados ao equilíbrio interno e externo do grupo doméstico.

Prossesos dinâmicos familiares

"... it is fundamentally in virtue of the importance of his dominant role as a component of his familial role that in our society we can unequivocally designate the husband-father as the "instrumental leader of the family as a system" (62)."

de certas turbulências, todavia, tal diferenciação não é tão rígida: o status social do marido-pai é bastante ambíguo. Na crença e religião entre maridos e mulheres, marido é sempre pai e filho é o alter ego e ambos participam mais frequentemente do momento de transmissão da filiação no tempo e na sede religiosa de procriação. S entendo - - no entanto, que - não se aplica só também entre filhos e pais.

As relações de sexo são só o aspecto inóspito da organização do grupo doméstico, num outro figura o tema da carreira. Tanto este como o afilhado constitui, já se compre, não de opção gratuita. No casamento existe baixa ou nenhuma opção de desapego das paixões sádicas e filhas e disto decorrem contradições entre o esforço doméstico e o desapego da sexualidade. Com a vida escolar constata-se do mesmo gosto, - diferenças: entre sexos: seja os casados mais altos, os valentes e os corretos, encontram reportes nas estabelecimentos escolares confusões, ao contrário dos casados mais baixos, que só lhes agradam nos estabelecimentos estéticos, confortáveis. Estes últimos casados, - assim os valentes "magistracionais" são menos estentos.

Verificamos como a diferenciação instrumental-expansiva do projeto sobre outras carreiras em vida social, incluindo a estrutura comunitária. Mais como a diferenciação que opera no interior da família ou do grupo doméstico, limita-as oportunidades expandidoras da mulher, se não transforma para o abdito das profissões. Trata-se de um processo de corrective desenvolvimento pelo sistema social inclusivo ou fungo do seu - consenso interno.

"The values of a society operate not only at the very general level, but persist its structure as a whole. Every sub-system has a value system of its own which is a - differentiated and specialized version of the general value system, limited by the level and functions of the subsystem in the whole. It is a major task of cultural integration that there should be a relative pattern - consensus at those different levels (63)

(62) Cf. Freire, 1976 pag. 13

(63) Imao, 1965, pag. 193

Mas esta não é a única explicação da transferência para a esfera ocupacional, da relação dominação-sabordinação entre o homem e a mulher (papelão implícito no eixo instrumental-expresivo). O que focalizamos se descrever o processo de profissionalização feminina, tornando o magistério primário como instâncias empíricas, é um aspecto de superação de um conservadorismo social: aquela fundamental nas diferenças entre os sexos, tal como são definidas na consciência coletiva. Diferenças essas tomadas em sua conotação social, quando se tornam mais clara sua função como fatores da desigualdade, e atuarem sobre a estruturação da participação, no pleno específico da organização social do trabalho.

As representações coletivas quanto ao papel feminino podem ser compreendidas quando inseridas na totalidade social, isto é, quando analisadas no âmbito dos requisitos da sociedade capitalista no ramo, e na sua dimensão histórica, ou visto a estrutura de dominação herdada da passado.

A ideologia profissional que define o papel ocupacional feminino e impõe à mulher para determinados profissões, como o magistério primário, constitui um elo de compreensão entre os requisitos da estrutura de dominação herdada à sociedade estamental tradicional. Em outras palavras, o modo particular de professionalização feminina (principalmente da mulher de classe média), exprime um dimensionamento particular de um processo de justamento entre sistemas sociais antagônicos e reversos; ao mesmo tempo, a lógica põe à plena realização do processo de desestruturização em nossa sociedade. Entretanto, ao mesmo tempo, fazem a uma tripla situaçao de tensões entre sistemas sociais globais existentes ou coexistentes no interior da sociedade nacional; entre esferas particulares da vida social da mulher; entre "grupos" sociais que compõem, por oposição, e contradizem entre os sexos.

A ideologia profissional feminina, e o modo de integração da mulher no mercado de trabalho, reflete o ajustamento da relação tradicional de dominação-subordinação vigente entre os sexos às tendências de reajusteamento e expansão dos mercados de força de trabalho. A medida que a sociedade de classes se instala sobre um "background" estatal-tradicional, reorganiza-se a estrutura ocupacional e constitui-se as necessidades de força de trabalho; impõem-se, então, a liberação de contingentes de população ativa potencial. Radicaliza-se na consciência coletiva, o papel da mulher, e a este redefinição não se fixa dentro de certos limites. Em contrapartida, ao mesmo tempo que se redefinir o papel social feminino, em consequência das exigências estruturais do sistema capitalista no ramo, transfere-se para a esfera ocupacional a retificação de determinados critérios biológicos, como força de controle social. Cria-se, então, uma ideologia profissional de compreensão e uma mistificação de auto-consciência feminina, cuja função social é a de minimizar os efeitos desorganizatórios do processo de eleboração da sociedade urbano-industrial sobre a estrutura de dominação tradicional, e possibilitar a conciliação entre pressões estruturais ligadas a pôlos incompatíveis entre si.

Ainda uma vez recorrendo a Parsons, lembremos que este autor ressalta o fato de que o próprio isolamento da família nuclear na sociedade norte-americana tende a dificultar a profissionalização feminina pois, efectivamente, é o núcleo do grupo de parentesco, sobre ele se concentram plenamente os papéis expressivo-domésticos. É mais uma contradição - da sociedade de classes: o mesmo processo global que impõe à mulher para a esfera ocupacional, cria mecanismos que tendem a restringir o caráter doméstico do seu papel social.

Aqui novamente torna-se operacional a distinção marítima que faz Fortes entre família e grupo doméstico: trata-se de contradição e de acomodação entre os papéis simultâneos da mulher enquanto personalidade-status central da família, e enquanto componente do grupo doméstico.

Estariamos, no Brasil, face a um situação diversa daquela observada nos EUA? A permanência dos valores familiais da nossa sociedade, permitindo a continuidade operacional da família extensa, facilitaria o engajamento da mulher no mercado de trabalho, já que seus papéis domésticos podem ser redistribuídos entre outros componentes do grupo domiciliar? Conforme nossa descrição, é o que ocorre nos grupos domésticos compostos por famílias extensas, e quais atua, assim, como estruturante de acomodação entre as exigências do equilíbrio interno e externo do grupo doméstico. É o que parece sugerir, também o fato de que, em nossa amostra, 67,5% das mulheres que trabalham pertenciam a grupos domésticos compostos por famílias extensas.

APÊNDICE

CATEGORIAS OCUPACIONAIS DE ITÁ-AÇU (CEMADE)

Categoría 1: Posições de dominação ampla e renda elevada. Proprietários de grandes estabelecimentos industriais e comerciais.

Categoría 2: Gerência de grandes estabelecimentos industriais ou comerciais. Direção de instituições públicas. Profissões liberais. Comerciantes médios.

Categoría 3: Funcionalismo médio e assalariados. Pequenos comerciantes, profissões de formação média sistemática.

Categoría 4: Pequeños funcionários. Trabalhadores especializados autônomos. Oficinas.

Categoría 5: Trabalhadores meninos semi-especializados.

Categoría 6: Trabalhadores meninas não especializadas.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, MICHAEL N.

- 1960 An Inquiry into the Nature of the Family - Essay in the Science of Culture - Edited by G.E. Cole and R.L. Carmel - Thomas Y. Crowell Company - New York.

AZEVEDO, MARIA

- 1961 Família, Casamento e Divórcio no Brasil - Journal of Inter-American Studies, Vol. III, nº 2. School of Inter-American Studies - Florida.

CÂNDIDO, ANTONIO

- 1957 As diferenças entre a cidade e o campo e seu significado para a educação - Pesquisa e Planejamento, ano I, vol. I - CRPZ - IMLP - São Paulo.

CARLOS, FERNANDO HENRÉ

- 1970 Atitudes e expectativas Desfavoráveis à Hidrocarburo Social - Boletim do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, no III, nº 3, 04-03- Rio de Janeiro.

FIRTH, RAYMOND

- 1956 Two Studies of Kinship in London - London School of Economics - Monographs on Social Anthropology, nº 15 - Athlone Press - London

FORDES, MEYER

- 1958 Introduction - The Developmental Cycle in Domestic Groups - Ed. by J. Goody - Cambridge University Press - Cambridge.

- BOSTER, GEORGE** The Dyadic Contract in Taintzantza, II, Patron-Client - Relationship - American Anthropologist, vol. 65 nº 6 - - American Anthropological Association - Wisconsin.

GALVÃO, MIGUEL

1955 SANTOS e VISEGENS - Cia. Editora Nacional - São Paulo

GOUVÊA, MARCILIA

1961 Milhares de Normalistas e Milhões de Analfabetos - Educação e Ciências Sociais, Ano V, vol.9 nº 17 - CBP-INEP - Rio de Janeiro

HUTCHINSON, GARNETT J.

1957 Notes preliminares ao Estudo da Família no Brasil - Anais da VI Reunião Brasileira de Antropologia - Associação Brasileira de Antropologia - Rio.

HUTCHINSON, HANNA

1957 Village and Plantation Life in Northeastern Brazil - The American Ethnological Society - University of Washington Press - Seattle.

IANNI, OSCAR

1960 Sistema de Bürocratização no Brasil - Boletim do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, nº III, n.º 3 - Olápos - Rio de Janeiro.

1961 A constituição do Proletariado agrícola no Brasil - Revista Brasileira de Estudos Políticos nº 12 - Belo Horizonte.

IBGE

1950 Estado do Pará, Censo Demográfico - VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950 - Rio de Janeiro

1950 Estado de São Paulo - Censo Demográfico - VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950 - Rio de Janeiro.

KENNY, MICHAEL

1960 Patterns of Patronage in Spain - Anthropological Quarterly, vol. 33 nº 1 - The Catholic University of America Press - Washington.

LMBURT, JACKIE

1959 Os dois Brasis - CBP-INEP-Rio de Janeiro

LOS CASAS, ROBERTO

1963 A estrutura social de Taringá - Comunicação apresentada à VI Reunião Brasileira de Antropologia - São Paulo.

LEVY, MARION

- 1952 **The Structure of Society** - Princeton University Press - Princeton.

MINTZ, SIDNEY & WOLF, ERIC

- 1950 An analysis of Ritual Co-Parenthood (compar-glo) - Southwestern Journal of Anthropology, vol.6 nº 4 - University of New Mexico - Albuquerque.

NOGUEIRA, UMA

- 1959 A Organização da Família no município de Itapetinga - Educação e Ciências Sociais - ano IV, vol.5 nº 11 - CEFET-INEP-Rio - de Janeiro.

OLIVEIRA, MIGUEL¹⁰ CARREGO J.

- 1961 Grupo Doméstico, Família e Parentesco: Ideias para uma Pesquisa em Antropologia Social - Boletim do Museu Nacional, Nov. Série, nº 19 - Rio de Janeiro.

PARSONS, TALCOTT

- 1955 A revised Analytical Approach to the Theory of Social Stratification - Class, Status and Power - Ed. by Bendix, Reinhard na Lipset, Seymour - Routledge and Kegan Paul Ltd - London.
- 1956 Family, Interaction and Socialization Process - Routledge and Kegan Paul Ltd - London.
- 1963 Structure and Process in Modern Societies - The Free Press of - Glencoe - Glencoe.

RIBEIRO, DARCY

- 1958 O programa de pesquisas em língua laboratório - Ed. univ. e - Ciências Sociais - ano III, vol 3, nº 9 - CEFET-INEP-Rio de Janeiro.

SMITH, HUARD

- s/n Brazil, The Amazon and the Coast - London.

WAGLEY CHARLES

- 1957 Uma Comunidade Amazônica - Cia. Editora Nacional - São Paulo.

WILKINSON, PETER & JOHN, MICHAEL

1960 - Family and Class in a London Suburb - Routledge and Kegan
Paul Ltd - London

WOCHERMAN, ELIAS

1964 - A análise em Situação de Classe - Apêndice Letime, vol.8
nº 4 - Centro Letime Americano de Pesquisas e Ciências
Sociais - Rio de Janeiro.

ZELDIKOW, MORELLA

1956 - Family, Socialisation and Interaction Process, Ed. by
Florence Talcott and Balow, N.Y. - Routledge and Kegan
Ltd - London.